**OS SENTIDOS DA MONUMENTALIDADE EM
SÍTIOS GREGOS DA IDADE DO FERRO
INICIAL (SÉCULOS XII - VIII a.C.)**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Arqueologia do
Museu de Arqueologia e Etnologia da
Universidade de São Paulo, para a
obtenção do título de mestre em
Arqueologia

Vinicius Dian Martin

Orientadora:

Profa. Dra. Elaine Farias Veloso Hirata

Linha de pesquisa:

Arqueologia e Identidade

São Paulo - 2014

labeca

Vinicius Dian Martin

**Os Sentidos da Monumentalidade em Sítios Gregos da Idade do Ferro Inicial
(Séculos XII – VIII a.C.)**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Arqueologia do Museu
de Arqueologia e Etnologia da
Universidade de São Paulo para obtenção
do título de Mestre em Arqueologia

Área de Concentração: Arqueologia

Orientador: Profa. Dra. Elaine Farias
Veloso Hirata

Linha de Pesquisa: Arqueologia e
Identidade

São Paulo

2014

Dedicatória

À Modesto Dian e José Maria Martin

(in memoriam)

Agradecimentos

Nesse momento tão importante, a conclusão de uma pesquisa de quase três anos não poderia deixar de agradecer algumas pessoas especiais que me acompanharam durante toda essa trajetória. Não trilhamos essa vida sozinhos e por causa disso queria agradecer a todos que estão presentes nessa lista e todos aqueles que de maneira indireta também contribuíram para que meu sonho se tornasse realidade!

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a Deus pela força, esperança e fé e por nunca me abandonar não apenas durante esse período, mas em toda minha vida!

Um agradecimento especial à minha orientadora, Profa. Dra. Elaine Farias Veloso Hirata por todo conhecimento, por toda a paciência e dedicação durante essa jornada de conhecimento que foi meu mestrado. Sem sua ajuda esse sonho não teria saído do pensamento!

Agradeço a CAPES por financiar essa pesquisa e por acreditar em sua relevância para a construção de mais conhecimento no Brasil!

Agradeço ao MAE/USP por proporcionar um ambiente tranquilo, toda a estrutura necessária para a construção de meu trabalho! Agradeço a todos os profissionais que fazem parte do Museu pela presença sempre constante e pela ajuda prestada em todos os momentos!

Agradeço a todos os pesquisadores e professores do LABECA pela presença, pelas conversas, troca de conhecimentos e companhia em momentos de dúvida, alegria e trabalho!

Agradeço a Profa. Bia por todas as contribuições em Simpósios e Congressos, por todo o trabalho realizado em prol dos alunos durante sua presença na diretoria e por todo o zelo a cada um dos pesquisadores do LABECA; agradeço a Profa. Mabel por ser uma companhia sempre agradável, disposta a ajudar, conversar e sempre presente quando precisei e agradeço a Profa. Cristina Kormikiari por sempre me incentivar a participar de todos os Congressos que fiz parte e acreditar em minha capacidade de falar em público!

Um agradecimento especial a todos meus amigos de Museu: Isabel, Alessandro, Gustavo que sempre estiveram por perto quando precisei!

Agradeço novamente a todos os funcionários do Museu, da Biblioteca, da Administração por sempre estarem dispostos e lutarem pelo bem de todos os alunos.

Agradeço a meus pais, Maximiliano e Vera por tudo que fizeram durante toda minha vida, pelo amor, carinho, dedicação e exemplo de vida. Obrigado por transformarem meu sonho de uma vida toda em algo real! Agradeço à meu irmão Gabriel pelo relacionamento único que temos, por ser meu companheiro e estar sempre por perto quando eu precisei. Amo vocês!

Agradeço em especial todos os membros da Família Dian e Martin que sempre estiveram ao meu lado, apoiando e ajudando sempre que precisei. Meus avôs que tanto me enchem de orgulho, meus tios e tias, primos e primas e afilhados! Um agradecimento especial a minha Tia Cristina que esteve na linha de frente durante todo esse tempo, rindo, sofrendo e me apoiando em todos os momentos sem nunca duvidar da minha capacidade de trabalhar e por aguentar um mestrando em sua casa. Amo todos vocês!

Agradeço à Gloriosa República Cangaço e a todos seus integrantes por me transformarem na pessoa que sou hoje, agradeço a todos os momentos, todas as festas, conversas e amizades de uma vida inteira construídas durante meu tempo no ICHS/UFOP.

Agradeço aos meus amigos de Bauru, em especial Gabriel Passos por ser o primeiro deles, por me acolher quando voltei de MG, por me mostrar o quanto uma amizade pode ser surpreendente, Gabriel Lauris, Lukas Riehl, Fran Nunes, Matheus Ruiz, Ronaldo Santos e Alexandre Verardo. Obrigado por tudo que passamos juntos durante todo esse tempo!

Agradeço aos meus amigos de São Paulo, Marcos Gama, João Carlos Gama e em especial Brunno Ferreira por ser esse exemplo de profissional, exemplo de amigo e dedicação, obrigado por sempre acreditar em mim e mostrar o verdadeiro significado da palavra Amigo a cada novo dia! Obrigado por fazer parte da minha vida!

Agradeço à todas as pessoas que sempre estiveram por perto, dando suporte, ajuda e palavras especiais em momentos difíceis, em especial, Nice Fernandes e Sônia Cervi.

Resumo

Com o final da Idade do Bronze na Grécia Continental se tornou possível vislumbrar uma série de mudanças que afetaram o modo de vida de toda sociedade grega. Neste trabalho pretendemos estudar como as formas arquitetônicas registraram essas mudanças e quais interpretações são possíveis de serem formuladas a partir do registro arqueológico e análises das fontes textuais. Será dado destaque aos sentidos da monumentalidade em edificações de *usufruto coletivo*. O momento em questão abrange os séculos **XII – VIII** e as estruturas estudadas serão as *Casas de Chefe* com particular ênfase na função que possuíam, sua arquitetura e de que maneira sucederam os palácios da época Micênica.

Palavras-chave: Arquitetura, Monumentalidade, Arqueologia da Paisagem, Casas de Chefe, Grécia Balcânica.

Abstract

With the end of the Bronze Age Continental Greece became possible to envisage a series of changes that have affected the way of life of the entire Greek society. In this paper we intend to study how architectural forms recorded these changes and interpretations which are possible to be made from the archaeological record and analysis of the textual sources. Emphasis will be placed to the senses of the monumentality in buildings of *collective usufruct*. The moment in question covers the centuries **XII - VIII** and the studied structures will be the *Rulers' Dwellings* with particular emphasis on the function that had, its architecture and how succeeded the palaces of the Mycenaean era.

Keywords: Architecture, Monumentality, Landscape Archaeology, Rulers Dwellings, Balkan Greece.

Lista de Figuras

Figura 1 – Reconstituição de Cnossos – Creta.....	16
Figura 2 – NAMA 7671 – LINEAR B.....	20
Figura 3 – Mundo Minoico e Micênico – Áreas de Influência.....	24
Figura 4 – Expansão palacial na Idade do Bronze.....	25
Figura 5 – Reconstituição de Micenas.....	26
Figura 6 – Reconstituição de Micenas – 2.....	30
Figura 7 – Possíveis Rotas de Invasão.....	33
Figura 8 – Possíveis Rotas de Invasão com a nomenclatura dos povos invasores.....	34
Figura 9 – Porta dos Leões.....	37
Figura 10 – Moais – Ilha de Páscoa.....	40
Figura 11 – Lefkandi – Toumba: Plano da Construção.....	60
Figura 12 – Planta da cremação masculina e enterramento feminino.....	61
Figura 13 – Representações geográficas de Lefkandi e seus arredores.....	63
Figura 14 – Cratera Ática do Geométrico Tardio: 750-700 a.C.....	70
Figura 15 – Complexo das pirâmides de Gizé.....	152
Figura 16 – Sala do Trono em Cnossos – Creta.....	156

Lista de Mapas

Mapa 1 – Mapa dos Palácios Minoicos.....	13
Mapa 2 – Mapa dos Palácios Micênicos.....	13
Mapa 3 – Sítios gregos e suas fundações.....	50
Mapa 4 – Sítios plotados que são objetos de estudo nessa dissertação.....	67
Mapa 5 – Sítios plotados – Eubéia.....	162
Mapa 6 – Sítios plotados – Grécia Central.....	165
Mapa 7 – Sítios plotados – Ática.....	169
Mapa 8 – Sítios plotados – Peloponeso.....	174

Lista das Imagens presentes no Catálogo

Figura 1.....	84
Figura 2.....	84
Figura 3.....	85
Figura 4.....	85
Figura 5.....	86
Figura 6.....	87
Figura 7.....	88
Figura 8.....	88
Figura 9.....	89
Figura 10.....	92
Figura 11.....	95
Figura 12.....	96
Figura 13.....	97
Figura 14.....	99
Figura 15.....	100
Figura 16.....	101
Figura 17.....	102
Figura 18.....	103
Figura 19.....	104
Figura 20.....	105

Figura 21.....	107
Figura 22.....	107
Figura 23.....	109
Figura 24.....	109
Figura 25.....	110
Figura 26.....	111
Figura 27.....	112
Figura 28.....	113
Figura 29.....	113
Figura 30.....	115
Figura 31.....	115
Figura 32.....	116
Figura 33.....	117
Figura 34.....	118
Figura 35.....	118
Figura 36.....	119
Figura 37.....	120
Figura 38.....	121
Figura 39.....	122
Figura 40.....	122
Figura 41.....	124
Figura 42.....	125

Figura 43.....	125
Figura 44.....	126
Figura 45.....	127
Figura 46.....	127
Figura 47.....	128
Figura 48.....	128
Figura 49.....	129
Figura 50.....	130
Figura 51.....	131
Figura 52.....	131
Figura 53.....	132
Figura 54.....	133
Figura 55.....	135
Figura 56.....	136
Figura 57.....	137
Figura 58.....	138
Figura 59.....	139
Figura 60.....	139
Figura 61.....	140
Figura 62.....	141
Figura 63.....	142
Figura 64.....	142

Figura 65.....	143
Figura 66.....	145
Figura 67.....	146
Figura 68.....	147
Figura 69.....	148
Figura 70.....	149
Figura 71.....	150
Figura 72.....	152
Figura 73.....	153
Figura 74.....	154

Sumário

Introdução.....	13
Capítulo 1. O Mundo grego na transição da Idade do Bronze para a Idade do Ferro.....	16
1.1. O Sistema Palacial na Grécia Balcânica.....	18
1.2. A Desintegração do Sistema Palacial.....	35
Capítulo 2. A Idade do Ferro Inicial na Grécia Balcânica: a abordagem regional.....	52
2.1. As principais áreas de ocupação na Grécia Balcânica no início da Idade do Ferro.....	52
2.2. A documentação material: “Casas de Chefe” e/ou “Edifícios de Culto” na Idade do Ferro Inicial.....	56
2.3. Grécia Balcânica: como a Idade do Ferro moldou uma sociedade.....	58
2.4. Lefkandi: uma “Casa de Chefe” na Eubéia?.....	65
2.5. Homero: uma representação da sociedade da Idade do Ferro?.....	70
Capítulo 3. Inventário descritivo e comentado: estruturas arquitetônicas de sítios da Idade do Ferro Inicial na Grécia Balcânica.....	79
3.1. Eubéia.....	83
3.2. Grécia Central.....	94
3.3. Ática.....	106
3.4. Peloponeso.....	123
Capítulo 4. Monumentalidade, Sociedade e Poder.....	154
4.1. Monumentalidade e <i>consumo conspícuo</i>	155
4.2. A estruturação do poder político na Idade do Ferro Inicial.....	160
4.3. Análise das estruturas arquitetônicas da Idade do Ferro Inicial: Monumentalidade, Sociedade e Poder.....	162
Considerações Finais.....	187
Bibliografia.....	195

Introdução

Quando analisamos os primeiros séculos da história da Grécia é possível acompanhar uma escalada de mudanças significativas e que de certa forma, foram responsáveis por moldar a sociedade grega dos períodos posteriores. Os fatos isolados muitas vezes parecem desconexos, mas quando colocados em um processo de “longa duração” passam a adquirir uma lógica e um sentido.

A desintegração do sistema palacial minoico e micênico foi responsável pelo surgimento de mudanças drásticas e significativas na sociedade grega. Durante aproximadamente quatro séculos a Grécia viveu um período denominado equivocadamente como a “Idade das Trevas” onde a sociedade como um todo viveu um momento de retrocesso socioeconômico. Entretanto as pesquisas feitas em diversas obras como Ainián (1997), Finley (1990), Whitley (1991), dentre outras, foram capazes de demonstrar que esse período, ao contrário do que se pensava, significou um momento de crescimento em múltiplas áreas sociais e econômicas como, por exemplo, a cerâmica, metalurgia e comércio. Analisar como ocorreu essa transição da Idade do Bronze para a Idade do Ferro, a partir da documentação material relativa às estruturas arquitetônicas do tipo “Casas de Chefe” (Ainián, *passim*) é o objetivo principal da nossa dissertação. No transcorrer das leituras e pesquisas bibliográficas verificamos que tal transição não transcorreu da forma abrupta, com o desaparecimento total da organização social, política e econômica vigente, como se acreditava e isso nos levou a questionar o significado contido no conceito de “Idade das Trevas”.

Com a intenção de validar a afirmação apresentada de que a Idade do Ferro não foi um momento onde a sociedade grega viveu um período de escuridão, nessa dissertação definimos objetivos capazes de discutir através de fontes bibliográficas e achados arqueológicos o que se passou durante esse período que corresponde ao espaço de tempo de 1200 até 700 a.C. Dentre esses objetivos podemos destacar, na transição entre o final da Idade do Bronze para o Ferro, qual a função social da arquitetura no momento e observar as diferenças presentes nas duas eras históricas; buscar entender como as transformações socioeconômicas afetaram a população, quais problemas surgiram com o fim dos palácios e entender como surgiram e quais as funções e impactos que as “Casas de Chefe”, nova estrutura arquitetônica da época, ocasionaram nessa sociedade do período da Idade do Ferro.

Com a finalidade de aprofundar o entendimento desse momento histórico a pesquisa foi direcionada para quatro regiões principais: Eubéia, Grécia Central, Ática e Peloponeso, todas elas concentradas na Grécia Balcânica.

O primeiro capítulo da dissertação, intitulado “O mundo grego na transição da Idade do Bronze para a Idade do Ferro”, engloba questões referentes ao período de transição entre a Idade do Bronze e Idade do Ferro, momento de transformações importantes que vem sendo objeto de pesquisas arqueológicas sistemáticas, dado o fato de que as fontes escritas – tabletas em Linear B e em certa medida, Homero – apresentam dados bastante fragmentários. Está presente, também, uma breve descrição histórica de como o sistema palacial funcionava em dois locais específicos, Creta e Micenas e a partir dessas informações se torna possível montar um panorama do que mudou e o que foi mantido na Idade do Ferro. Depois são apresentadas teorias de autores como Snodgrass (1971, 1987), Etienne *et alii* (2000), Thomas & Conant (1999), dentre outros, que vem sendo utilizadas para explicar a desintegração (colapso ?) do sistema palacial micênico apontando desde invasões até desastres naturais e conflitos interpalaciais, como elementos importantes do processo.

O segundo capítulo intitulado “A Idade do Ferro Inicial na Grécia Balcânica: a abordagem regional” apresenta uma discussão sobre as regiões propostas para serem estudadas durante a dissertação: Eubéia, Peloponeso, Grécia Central e Ática, seguindo-se uma descrição da estruturação da sociedade da Idade do Ferro Inicial dando destaque a autores como Finley (1982), Morris (1986) e Tandy (1997). A seguir trabalhamos com as obras de Homero, a *Ilíada* e *Odisseia* e como elas podem ser, ou não, fontes documentais para a sociedade na Idade do Ferro.

O capítulo 3, intitulado “Inventário descritivo e comentado: estruturas arquitetônicas de sítios da Idade do Ferro Inicial na Grécia Balcânica” descreve as estruturas arquitetônicas conhecidas como as “Casas de Chefe” a partir de uma definição de Ainian (1997) autor que realizou um trabalho de levantamento de dados arqueológicos sobre a arquitetura grega do período em questão. São 51 estruturas no total, distribuídas pelas quatro regiões definidas e apresentando quatro formas: apsidal¹, retangular, curvilínea, circular. O objetivo desse

¹ Optamos por escolher o termo *apsidal* com a intenção de nomear a região do *apse* dos edifícios presentes nesse estudo. O termo *absidal* pode ser utilizado como sinônimo segundo o dicionário Houaiss da língua portuguesa. Extraído do site: <http://houaiss.uol.com.br/>. Acessado 19/12/2014.

inventário, composto de edifícios listados na obra de Ainian (1997) foi destacar elementos arquitetônicos e materiais arqueológicos associados que pudesse fundamentar hipóteses sobre a monumentalidade e o poder na Idade do Ferro Inicial.

O último capítulo intitulado “Monumentalidade, sociedade e poder” associa os dados arqueológicos com as discussões presentes nos capítulos anteriores e debate a aplicabilidade de conceitos como consumo conspícuo e monumentalidade para entender a organização do poder na sociedade pós-micênica.

A construção dessa dissertação se fundamenta em um debate de dados arqueológicos com novas teorias que vem sido apresentadas pelos especialistas para a interpretação de momentos de mudança e de reorganização de uma sociedade no processo histórico da longa duração.

Capítulo 1 - O mundo grego na transição da Idade do Bronze para a Idade do Ferro.

A Idade do Bronze na Grécia Balcânica (aprox. 3200 a 1100 a.C., segundo datação de Treuil *et alii*, 1989)² foi considerada como uma “era de ouro” na história do mundo grego: diante da monumentalidade dos palácios³ micênicos avaliou-se a época como um momento em que a sociedade encontrou estabilidade e riqueza suficiente para construir uma das mais importantes e marcantes civilizações do Ocidente.

O estilo de vida característico da Idade do Bronze, ou “Período Heládico” como também é conhecido, marcou profundamente o imaginário da sociedade grega tendo sido cogitado como o inspirador para as obras de Homero, a *Ilíada e Odisseia*. Vestígios desse momento histórico ainda são visíveis arqueologicamente por toda a Grécia onde cidadelas fortificadas e/ou palácios, tumbas em *tholos* pontuam a paisagem na Argólida – sítios de Micenas, Tirinto, Midea –, na Ática – sítio de Atenas –, na Beócia – sítio de Gla –, na Messênia – sítio de Pilos, dentre outros (V. Mapas 1 e 2).

Neste capítulo pretendo apresentar uma rápida descrição das bases socioeconômicas do mundo micênico, expor o debate ainda em andamento sobre as causas da desintegração do chamado “sistema palacial micênico” e destacar rupturas e permanências que se seguiram ao desaparecimento de uma “sociedade centrada no palácio” (Wright, 1990; 2006) analisando as características que se mantiveram mesmo com o fim dos palácios e que subsidiaram a organização social da subsequente Idade do Ferro Inicial (aprox. 1100 – 700).

² Todas as datas mencionadas neste trabalho referem-se ao período “a. C.” salvo indicação em contrário.

³ Para Wright, o uso do termo “palácio” envolve questões como por exemplo focalizar somente a forma arquitetônica e habitacional e negligenciar o desenvolvimento econômico e político que estão na raiz da emergência destes edifícios monumentais. (WRIGHT, 1990: 47)

Mapa 1: Mapa dos Palácios Minoicos. (Aproximadamente século XV a.C.)⁴

Mapa 2: Mapa dos Palácios Micênicos.⁵

⁴ Mapa extraído do site:

http://pt.wikibooks.org/wiki/Civiliza%C3%A7%C3%B5es_da_Antiguidade/Os_min%C3%B3icos. 10/08/2014.

⁵ Mapa extraído do site: <http://stasiotika.blogspot.com.br/1996/10/el-comercio-micénico.html>. 10/08/2014.

1.1. O Sistema Palacial na Grécia Balcânica:

Quando pensamos em estudar a estruturação do mundo grego do período pré-clássico fica evidente a nítida divisão que existe entre dois principais momentos: o da chamada “Grécia dos Palácios” seguido pelo da “Grécia das Cidades”, ou seja, das pólis.⁶ Dois são os modelos de sociedade que se vinculam a diferentes formas de estruturação do poder político e econômico: o primeiro deles pode ser entendido como uma grande centralização das atividades produtivas no palácio⁷ e podemos observar uma mudança radical com a emergência das pólis que fundamentam sua prática política e econômica na articulação de seus dois espaços interligados, a *asty* e a *khora*. A passagem de um modelo a outro foi lentamente construída durante a hoje denominada “Idade do Ferro Inicial”, ou seja, o espaço cronológico que separa o final do sistema palacial e o advento da pólis. Tradicionalmente conhecida como a “Idade das Trevas”, a *Dark Age* da historiografia anglo-saxã, corresponde a uma época conhecida basicamente pela arqueologia.

Antes de Micenas

O sistema palacial micênico teve, em Creta, um precedente importante. Na ilha os edifícios monumentais foram construídos desde 2100, ao longo da costa do território, sendo Cnossos⁸ o mais importante e melhor estudado de toda a região. As escavações arqueológicas em Creta indicam que a partir de 2100 a.C. ocorre um desenvolvimento considerável tanto do ponto de vista demográfico quanto urbano: adensamentos da ocupação do espaço contrastam com os sítios espalhados pelos campos característicos do período anterior.

Outros sítios palaciais aparecem em Mália, Festos, Zakros e Cania (V. Mapa 1) mas não foram constatadas as tumbas reais, consideradas pelos especialistas como uma evidência

⁶ Seguiremos a grafia dos termos gregos de acordo com o Glossário estabelecido pelo Labeca- Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga, no site <http://labeca.mae.usp.br/>.

⁷ Os complexos palaciais minoicos e micênicos teriam surgido como centros redistributivos e de armazenagem de excedentes agrícolas. (THOMAS e CONANT, 1999:10). Deve-se destacar desde já que os palácios minoicos precederam os micênicos em cerca de 400 anos. (WRIGHT, 1990: 48)

⁸ Descoberto por Sir Arthur Evans no ano de 1894; com a decifração do Linear B o leque de discussões relacionadas à organização dos sistemas palaciais minoico e micênico tendeu a aumentar. Para o Período Minoico a datação estabelecida por Sir Arthur Evans ainda tem sido considerada válida em linhas gerais (ver Anexo 1). Convém destacar que outros pesquisadores construíram suas próprias cronologias, se valendo das informações arqueológicas disponíveis na época. Dentre eles podemos citar Nicolas Platon, Donald A Mackenzie e Friedrich Matz der Jüngere.

importante para a instituição da organização política centrípeta, típica do sistema palacial e presente em Micenas. Permanecem as sepulturas em *tholos* que já ocorriam antes do estabelecimento das estruturas palaciais. (Dabney, 1990: 46). A constatação do papel importante dos palácios como locais para a realização de rituais religiosos tem levado alguns autores a classificar a organização política minoica como uma teocracia, seja sob a forma de uma chefia ou então um Estado (Dabney, 1990: 45) Essa característica aprofunda a diferença entre o sistema palacial insular e continental na visão de autores como James Wright, arqueólogo que se dedica a analisar as relações entre a arquitetura monumental como um indício para a formação do Estado na Idade do Bronze Egeia. Em suas palavras,

*A sabedoria popular diz que a sociedade palaciana micênica foi em grande parte derivada da minoica. Esta visão simplifica demais as relações entre essas sociedades, tanto que as pesquisas das duas últimas décadas têm mostrado. Isso também impede uma comparação significativa sobre os diferentes processos pelos quais essas sociedades complexas estavam envolvidas no Mar Egeu.*⁹

⁹ *Conventional wisdom holds that Mycenaean palatial society was largely derived from the Minoan one. This view oversimplifies the relations between these societies as much scholarship of the two last decades has shown. It also hinders meaningful comparison on the different processes by which complex societies in the Aegean developed.* WRIGHT, 1990: 47 e nota 24.

Figura 1: Reconstituição de Cnossos – Creta.¹⁰

No que tange ao plano arquitetônico geral das estruturas minoicas pode-se perceber semelhanças com seus homônimos no continente: são complexos multifuncionais abrigando atividades de armazenamento e produção artesanal, espaços destinados para a habitação de uma camada social bastante restrita e para uso ritual sejam religiosos ou políticos. No caso minoico, uma ampla área central vazia articula quatro blocos construtivos com entradas independentes, a “fachada” do edifício encontra-se nas paredes que constituem o pátio central evidenciando uma organização essencialmente centrípeta cujo foco é este pátio.

Os palácios minoicos (V. Fig. 1) não dispõem de áreas amuralhadas e situam-se nas proximidades do mar o que pode sugerir que o elemento defensivo não era uma preocupação dominante para os arquitetos que os planejaram, mas sim o escoamento de produtos por vias marítimas. A intensa inserção dos produtos minoicos nas redes de troca mediterrânicas vem sendo analisada como um dos estímulos para que a cultura cretense tivesse desenvolvido três sistemas de escrita: a hieroglífica, a Linear A e a Linear B¹¹ (V. Figura 2) sendo apenas esta

¹⁰ Imagem extraída de: <http://www.dilos.com/location/13370>. 10/04/2014.

¹¹ O linear B é um dialeto grego escrito por meio de ideogramas e signos silábicos, com registros administrativos-contábeis da vida palacial. Inscritos em tabletes de argila sem cozimento eram guardados em áreas especializadas (arquivos?) localizados nos palácios. Os tabletes com inscrições e os selos administrativos indicam o controle da exploração do território e das atividades artesanais. Estes selos, indicando a organização e

última decifrada nos anos 1950 por Ventris e Chadwick.¹² Trata-se de feito bastante original se levarmos em conta o número restrito de sistemas de escrita até hoje produzidos pelas sociedades humanas. O Linear B chegou ao continente assim como outros traços emprestados pelos micênicos aos minoicos como a decoração parietal em afrescos e os elementos decorativos naturalísticos dos padrões estilísticos da cerâmica.

Em síntese os palácios minoicos parecem ter sido eixos de uma rede de trocas de nível internacional; nas oficinas palaciais pratica-se a metalurgia da prata, cobre, estanho e chumbo tanto para a fabricação de novos tipos de armas, as espadas de aparato, como vasos em prata e ouro como os encontrados no Egito e finalmente joias elaboradas principalmente em ouro como as encontradas na necrópole de Chryssolakkos em Mália. A produção metalúrgica implica importação de metais inexistentes na ilha e daí trocas com as Cíclades e a Grécia continental (em Cítera foi fundada uma fundação minoica – Kastri – que intermediava as relações com a Lacônia e a Argólida). Foram encontrados fragmentos da cerâmica dita de Camarès, de fabricação palacial (Cnosso, Faistos, Mália) em sítios do Oriente Próximo e do Egito. Nos palácios minoicos também foram encontrados objetos preciosos vindos da Síria e do Egito atestando as trocas em duas mãos: o palácio ao mesmo tempo escoava a produção de seu território e troca com o Mediterrâneo oriental. (Etienne *et alii*, 2000: 33-39)

Enquanto, como já afirmamos anteriormente, autores como Dabney (1990) interpretam o poder político minoico como uma “teocracia” outros, como em Etienne *et alii* (2000: 35) pensam tratar-se de “reis mais do que sacerdotes” como os governantes dos palácios, com apoio de uma administração de altos funcionários que viveriam nos grandes edifícios anexos aos palácios embora independentes deles. Para estes autores, os cemitérios sugerem também alguma forma de hierarquização social: as ricas tumbas de Chryssolakkos, em Mália são um dos destaques, mas também há grandes enterramentos circulares e coletivos em Messara, por exemplo, com material de prestígio como armas, selos, vasos de pedra e argila. (Etienne *et alii*, 2000: 35)

o controle, foram encontrados aos milhares em Faistos e em Mália. As áreas de estocagem indicam a produção e o armazenamento de excedentes agrícolas que o palácio controlava com rigor.

¹² Sobre o Linear B como um dialeto micênico “entre o proto-grego e o grego histórico” ver discussão em TREUIL *et alii*, 1989: 406-423.

Finalizando esta rápida incursão histórico-arqueológica pelo sistema palacial minoico, destacamos a sequência de eventos que encerram a chamada fase dos “Primeiros Palácios”: destruídos em 1700 são rapidamente reconstruídos e, a partir daí, Cnossos (V. Figura 1) assume um papel de destaque em relação aos demais palácios cretenses. As causas da destruição da época são ainda hoje objeto de muita discussão: desde teorias sobre o impacto da erupção do vulcão de Thera (atual ilha de Santorini) até crises internas que seriam decorrentes de disputas entre os palácios que teriam tido como resultado a supremacia de Cnossos.¹³ A arqueologia vem recuperando uma vasta documentação material que atesta o poder e a riqueza dos minoicos entre 1700 e 1450 e sua expansão pelo Mediterrâneo, mas não corrobora as fontes literárias (Herodoto, I, 171-173; Tucídides I, 4) que descrevem uma talassocracia cretense sob o comando de Minos, rei mítico cretense. Para nosso trabalho importa muito destacar que entre 1700 e 1600 os minoicos intensificam os contatos com a Península Balcânica, especialmente com áreas do Peloponeso como a Argólida, onde o sítio de Micenas iniciava um crescimento importante sob o comando de uma elite que se mostraria, no futuro, tanto guerreira quanto comerciante. Os artefatos minoicos de sofisticada técnica de fabricação e usando matérias primas nobres, como as joias e espadas de aparato são documentados em tumbas da Argólida, da Messênia e da Lacônia compondo mobiliários funerários de luxo e ostentação:

*As aristocracias continentais recorriam a essas importações porque estavam enriquecidas o suficiente para oferecer a si mesmas esse tipo de produto como sinais distintivos de seu status social.*¹⁴

Os contatos entre minoicos e micênicos promoveram trocas culturais, empréstimos de traços de lado a lado, sendo que os paralelismos estilísticos entre os exemplares de Creta e Micenas têm levantado a hipótese de que “artesãos cretenses teriam se estabelecido no continente a fim de melhor responder às suas clientelas”. (Etienne *et alii*, 2000: 39).

A partir de 1450, enquanto no continente a cultura micênica demonstrava uma crescente vitalidade materializada principalmente no material encontrado nas tumbas, o

¹³ V. TREUIL *et alii* (1989: 362-374) sobre a discussão envolvida com a erupção do vulcão de Thera e ETIENNE *et alii* (2000: 35-36) sobre a hipótese das crises internas e rivalidades entre os centros palaciais.

¹⁴ “*Les aristocraties continentales recouraient à ces importations, parce qu’elles s’ étaient suffisamment enrichies pour s’ offrir ce type de produits comes signes distinctifs de leur statut social*”. ETIENNE *et alii*, 2000: 39

sistema palacial minoico entra em um processo de desintegração que se estende até aproximadamente 1380 (a partir desse momento os textos egípcios não citam mais os Keftiou (cretenses) passando a mencionar apenas os micênicos). Um dos indícios da desestruturação de Creta minoica pode ser constatado na dispersão da produção artefactual, antes circunscrita às oficinas de Cnossos e a presença das importações micênicas torna-se dominante.

O período final, entre 1450 e 1375, é conturbado por eventos bélicos que acabam por levar a uma nova e definitiva destruição dos palácios minoicos cujas causas apontam para hipóteses de conflitos internos ou o estabelecimento dos micênicos em Creta. Em favor da segunda interpretação estão o empréstimo de traços culturais micênicos como as características formas da cerâmica; as práticas funerárias se transformam e se assemelham às micênicas com as primeiras tumbas em *tholos* (em Cnossos, Archanes) ou em câmara (em Archanes). O mobiliário funerário nas “tumbas de guerreiros” apresenta claras analogias com o encontrado nos Círculos Tumulares A e B de Micenas: o morto é inumado com armas de aparato e/ou objetos preciosos em marfim e joias. Nas tabletas em Linear B de Cnossos (V. Figura 2), os dados escritos em dialeto micênico testemunham o uso da língua grega (micênica) na gestão palacial desde 1450. Depois de aproximadamente 1370, a paisagem cretense apresentava-se como um mosaico de aldeias com uma cultura material dependente dos padrões do continente grego.

Figura 2: NAMA 7671 – Linear B.

O sistema palacial micênico

A história da Grécia balcânica entre a metade do século 15 e a metade do 11 está centrada principalmente nos eventos e processos que se desenvolvem em uma área geográfica que compreende o Peloponeso, Fócida, Beócia e Ática, Etólia- Acarnânia, Tessália e Eubéia-, ou seja, onde os principais traços culturais identificados como micênicos estão presentes: palácios, tumbas em câmara e em *tholos*, inscrições em Linear B e selos (Treuil *et alii*, 1989:425). Especialmente entre a metade do século 15 e do 13 vão sendo lentamente estruturados um sistema político e econômico centralizado, uma progressiva especialização e uniformização das atividades produtivas, como se pode notar na produção de vasilhas em argila. A presença da cerâmica micênica é amplamente documentada a partir do século 14 e início do 13, em sítios da área Mediterrânea que abrangem da Sardenha e o Vale do Pó no oeste ao Tigre -Eufrates no leste, da Macedônia, Trácia e Ilíria no norte ao Vale do Nilo ao sul. A cerâmica teria sido uma “moeda de troca” para a aquisição de matérias primas como o

cobre de Chipre, o marfim, disponível na África e no Levante, o estanho oriental, o âmbar do Báltico e outros minerais disponíveis na Sardenha ou sítios da Península Itálica.

Pode-se afirmar diante dessa situação comercial que teria a necessidade de buscar essas matérias primas obrigando os centros micênicos a também produzir, para exportação, excedentes em itens alimentares como cereais, óleo e vinho, manufaturados como tecidos e armas ou mesmo naturais como a prata e o chumbo extraídos do Laurion (Treuil *et alii*, 1989:437). Vale frisar que a difusão de produtos micênicos no Mediterrâneo não implicou qualquer forma de busca de domínio político sobre estas regiões.

Em nossa apresentação dos elementos básicos constitutivos da organização do mundo micênico¹⁵, destacaremos o papel do palácio como espaço articulador e representativo do poder político e da estruturação hierarquizada da sociedade. Ao funcionar, desde suas origens, como um centro redistributivo e de estocagem da produção agrícola, o palácio estabelece uma rede de contatos com as aldeias e vilas ao seu redor. As edificações independentes destinadas à estocagem como o “*Granary*” (“Celeiro”) situado nas proximidades da “Porta dos Leões” se juntavam aos espaços de armazenamento dentro do palácio. Micenas vem sendo considerada “o ponto central de uma rede de estradas bem construídas que interligavam a cidadela com regiões agrícolas distantes, particularmente para a região nordeste.” (Thomas e Conant, 1999:11). Anton Jansen (1997:1-16 *apud* Thomas e Conant, 1999:11) destaca a importância do escoamento da produção agrícola como motivação para a construção e a localização destas estradas, mesmo que o fator bélico pudesse ter sido forte de início; de quatro estradas o autor acredita que três foram construídas para conectar a cidadela com regiões montanhosas propícias à agricultura e ao pastoreio, situadas ao norte e leste. (Thomas e Conant, 1999:11)

O palácio micênico é uma criação tardia em relação aos seus congêneres minoicos e também quando comparado com a construção das tumbas em poço ou fossa (*shaft graves*) que compunham os Círculos Tumulares A e B de Micenas, ricos monumentos funerários que testemunham a formação de uma camada social enriquecida e poderosa na região¹⁶. A

¹⁵ Optamos por utilizar o sítio de Micenas devido a quantidade elevada de produção acadêmica. O sítio foi amplamente escavado e existe vasto material arqueológico e bibliográfico disponível para consulta.

¹⁶ Inicialmente o “Círculo A” de Micenas era a principal fonte sobre as “tumbas em fossa”. Localizado no interior da cinta murada e fortificado era o norteador das reconstituições arqueológicas até que se encontrou, fora dos muros, o “Círculo B”, um pouco mais antigo do que o “A”. (ETIENNE *et alii*, 2000: 40)

arqueologia comprova que havia vários tipos de tumbas em uso em uma mesma época; a de maior ocorrência e a mais antiga é a tumba em cista; as tumbas em fossa, em geral com enterramentos múltiplos, praticamente restringem-se aos Círculos A e B de Micenas; a tumba em câmara e a tumba em *tholos* também aparecem. Estes modelos eram formados por corredor – o dromos –, uma entrada para uma câmara de forma retangular talhada na rocha (em câmara); no caso da tumba em *tholos*, o recinto para os enterramentos tinha a forma circular e era recoberto de uma abóboda. (Etienne *et alii*, 2000: 40, fig.9) Na Argólida e Messênia constata-se uma riqueza material extraordinária no mobiliário funerário; nas tumbas do Círculo B além dos artefatos em cerâmica aparecem símbolos guerreiros como espadas, punhais ou pontas de lança em bronze, e adornos e joias em ouro. As tumbas III, IV e V do Círculo A apresentam uma grande presença de artefatos em ouro como vasos (*ryta* e vasos para beber) máscaras funerárias, joias como coroas e diademas, bem como 27 espadas e dentes de javali que usualmente eram usados para a decoração de elmos. (Etienne *et alii*, 2000; Treuil *et alii*, 1989; *passim*).

Com o passar dos anos e do uso constante daquele espaço, os micênicos iniciaram a construção de estruturas funerárias monumentais, os chamados *tholoi*. Essas estruturas, datadas do século XIII a.C., foram amplamente utilizadas para enterramentos da nobreza e de elites. O mais famoso deles é o Tesouro de Atreu, encontrado nas proximidades de Micenas por Heinrich Schliemann e que continha vestígios arqueológicos de grande valia para a pesquisa daquela sociedade. Muitos acreditavam na época de sua descoberta se tratar do túmulo de Agamenon e que a famosa máscara mortuária de ouro era uma representação do antigo rei de Micenas. Essas estruturas monumentais foram um marco na arquitetura e representaram um grande salto na concepção espacial e na capacidade de construção micênica.

A organização das sepulturas com enterramentos múltiplos leva a crer na possibilidade da existência de grandes famílias estruturando uma camada social hegemônica. Embora poucos elementos impeçam a interpretação da forma que assume o poder político, os ricos enterramentos múltiplos poderiam indicar, no caso dos chefes, a existência de linhagens dinásticas. A forte presença de armas e armas de prestígio (de aparato) indica a possibilidade de essa camada social enriquecida exercer também um papel guerreiro.

O guerreiro micênico portava um elmo ornamentado com dentes de javali, um escudo “em oito” ou semicilíndrico, lanças, espadas e punhais. A possibilidade de algum desses artefatos terem origem oriental, cretense ou egípcia, testemunha os contatos dessa camada enriquecida com a rede de trocas presente no Mediterrâneo Oriental (Etienne *et alii* , 2000:41; fig. 11).

James Wright (2008) argumenta sobre a importância da existência de uma ‘competição’ entre esses grupos hegemônicos, subjacente ao processo de surgimento dos palácios:

Não há nenhuma razão para argumentar que estes desenvolvimentos foram uniformes ou coordenados. Eles surgiram devido à concorrência entre as diferentes elites que foram consolidando a sua posição dentro de seus próprios territórios e estavam desenvolvendo relações com fontes externas, certamente, nas ilhas e na ilha de Creta, e possivelmente em outros lugares.¹⁷

A expansão do sistema palacial (V. Figura 3), portanto, não foi um processo uniforme sobre a Península Balcânica como um todo: havia uma especificidade regional de acordo com as condições de desenvolvimento das sociedades locais. Assim, temos uma proliferação de cidadelas fortificadas e palácios na Argólida, enquanto na Messênia, no mesmo período, temos apenas o palácio de Pilos e nenhum na Lacônia.

¹⁷ *There is no reason to argue that these developments were uniform or coordinated. They arose due to the competition among different elites who were consolidating their position within their own territories and were developing relations with external sources, certainly in the islands and on Crete, and possibly elsewhere. DEGER-JALKOTZY, Sigrid; LEMOS, Irene S. (eds.). 2008: 13.*

El Egeo durante los periodos Minoico y Micénico

Figura 3: Mundo Minoico e Micênico – Áreas de influência.¹⁸

Em síntese, “Tal argumento vai contra a ideia de que a emergência dos palácios micênicos foi um processo natural e gradual respondendo às demandas de um crescimento populacional e/ou ao *vacuum* de poder em Creta após o colapso no final do período Neo Palacial”. (Dabney e Wright, 1990: 48)

Wright (2008) afirma que a ampliação das zonas de influências ao redor dos palácios causou uma mudança espacial da competição, ou seja, o espaço não se limitava apenas à região do Peloponeso, mas sim se amplia em larga escala, desde Creta até as regiões mais ao norte da Eubéia. Isso causou o que ele considera como um ‘boom’ nas relações espaciais micênicas aumentando as possibilidades de comércio e intercâmbio cultural. Após esse período de fortalecimento territorial houve um momento de organização dessas estruturas arquitetônicas. Com um espaço bem definido, os palácios começaram a apresentar um fortalecimento regional, relacionados à própria construção desses locais como na organização

¹⁸ Imagem extraída do site: <http://geografiae geopolitica.blogspot.com.br/2009/11/erupcao-vulcanica-e-tsunami-podem-ter.html>. 10/04/2014.

política na figura do *wanax*¹⁹. Quando analisamos o quesito da política, Micenas influenciava diretamente toda a região descrita e, segundo pesquisas de Desborough (1964), seria possível afirmar que havia um governante no palácio que exercia seu poder de forma semelhante a Agamenon na Ilíada. Esse poder se baseava fundamentalmente em um sistema distributivo onde pagamentos de tributos gravavam laços de lealdade e proteção.

Durante o período que engloba quase todo o século XIV, é possível notar pelos registros arqueológicos a presença ampla das estruturas palaciais por toda a península grega como podemos ver na figura a seguir.

Figura 4: Expansão palacial na Idade do Bronze.²⁰

¹⁹ Chefe supremo dos palácios minóicos e micênicos.

²⁰ Imagem extraída do site: http://en.wikipedia.org/wiki/Mycenaean_Greece. 10/04/2014.

Visualizando a arquitetura desses edifícios é possível notar que eram construções com uma visível forma centrípeta, ou seja, o palácio articulava-se a partir do *megaron*. No planejamento da arquitetura, o conceito de organização centrípeta é conscientemente aplicado, e deve-se destacar que o acesso ao central *megaron* é organizado por meio de uma série de anéis concêntricos de controle com portas.

Figura 5: Reconstituição de Micenas.²¹

Retomando a questão central de análise do palácio como a expressão material de uma estruturação centrípeta nas esferas da vida política, social e econômica, é obrigatório citar Klaus Kilian, um pesquisador que trouxe uma contribuição original para o conhecimento da sociedade micênica e de sua estrutura de poder:

*“Por definição o palácio é exclusivamente o domicílio do Wanax, isto é, a edificação cujas dimensões são superiores às das construções típicas das áreas de habitação. O palácio com suas construções anexas – sua complexidade estrutural – figura como residência real”.*²²

²¹ Imagem extraída do site: <http://furiadeheroes.foroactivo.com/t88-micenas-planos-y-reconstrucciones>. 08/07/2014.

²² KILIAN, 1987: 203 apud WRIGHT, 2006: 7.

O papel do *megaron*²³ como área central do palácio, tem também sua justificativa no cuidadoso arranjo da peça, dotada de quatro colunas, uma lareira e uma decoração em afrescos que a tornam um cômodo especial, e poderíamos caracterizá-lo como um aposento cercado de símbolos de prestígio. Para Wright (2008) a presença da lareira central associada às colunas e a abertura no telhado sobre esta área para o escoamento da fumaça para o céu demonstram uma intenção de integrar forma, função e significado: seria o palco de atividades relacionadas ao poder em sua conexão com a prática religiosa?

Aqui deixamos uma questão que inspira nosso trabalho e é a base dos trabalhos de Wright (1990, 2008) centrados na Idade do Bronze helênica: no estudo da arquitetura monumental o foco deve estar no estudo e na tentativa de definição dos critérios que levam uma sociedade a escolher um *plano arquitetônico específico e uma forma também particular*. E a explicação sobre o porquê da presença recorrente do *megaron* em palácios, casas e áreas sagradas é uma dessas matérias de investigação. (Wright 2008: 8)

A documentação epigráfica inscrita nas tabletas de argila em Linear B, descobertas principalmente em Cnossos e Pilos, mas também em Micenas, Tirinto e Tebas, nos traz informações importantes sobre a organização do sistema palacial mencionando também personagens, como o “*wa-na-ka*”, ou seja, o *wanax*, citado por Kilian, que exerciam formas diferenciadas de poder. Assim, ao lado de listagens contábeis relativas à produção de tecidos, metais, óleo de oliva, óleos perfumados estão relações de categorias de artesãos e trabalhadores de todo tipo envolvidos diretamente “em uma rede de trocas com o palácio que parecia os repartir em grupos por classes de idades e de sexo e lhes destinar rações alimentares de trigo e figos” (Etienne *et alii*, 2000: 45). A gestão administrativa do palácio era certamente um sistema complexo envolvendo categorias de funcionários hierarquicamente organizados e o personagem de maior poder era o nomeado nas tabletas “*wa-na-ka*”, uma espécie de soberano, que em Homero aparece como “*anax*”. Abaixo dele estariam chefes de menos poder nomeados “*qa-si-re-u*”, os *basileus* presentes nos poemas homéricos.

Na importante coletânea de artigos escritos por autores que vêm propondo novas interpretações sobre a Idade do Bronze e o início da Idade do Ferro, intitulada **Ancient Greece: From The Mycenaean Palaces to the Age of Homer**, organizada por Sigrid Deger-

²³ Para a polêmica denominação de *megaron* ao pátio central dos palácios micênicos v. DARCQUE, 1990 que critica enfaticamente o uso do termo.

Jalkotzy e Irene S. Lemos (2008), um dos capítulos discute os termos *wanax* e *basileus*. Assim, Thomas G. Palaima estuda as múltiplas funções e interpretações propostas quando se encontram esses termos nas tabletas em Linear B. O autor afirma que o *wanax* era o líder político do palácio e da região ao redor, suas funções variam de acordo com os textos, transitando da esfera mítica e divina para atividades práticas, administrativas e até mesmo militares. Hierarquicamente vinha a seguir o *basileus* integrante de uma camada nobre e membro de um conselho administrativo presidido pelo *wanax*. O que ficou bem evidente com o final desse período da Idade do Bronze em meados do século XII foi o fim do domínio centralizado desse *wanax* pulverizando o poder entre os líderes menores, os *basileus*.

*Com a destruição do sistema palacial micênico, chefes locais, cada basileu, continuou a exercer sua autoridade, mas não mais ao lado, ou, ocasionalmente, encaixados em um sistema palaciano de autoridade hierárquica regional.*²⁴

Em artigo conjunto, publicado já em 1989, os especialistas Dabney – na cultura minoica – e Wright, na micênica, discutem a origem dos palácios nos dois contextos apontando as especificidades de cada modelo como resposta a processos históricos particulares, cronologicamente díspares e consolidados nos dados materiais. Assim Wright questiona:

*“O que é um palácio? O que se entende por uma sociedade centrado no palácio? Em uma definição corriqueira um palácio é a residência de um governante. Tal definição, entretanto, dirige o foco somente para a forma arquitetônica e residencial e negligencia incorporar o desenvolvimento econômico e político que estão subjacentes à emergência dos edifícios monumentais que a opinião corrente nos estudos do Egeu aceita como palácios...”*²⁵

Nesta perspectiva é importante destacar o que significa arquitetonicamente o palácio e quais os recursos materiais e organizacionais necessários para a sua viabilização. Assim, além da monumentalidade da construção chama a atenção à complexidade do plano arquitetônico

²⁴ *With the destruction of the Mycenaean palatial system, local community chieftains, each basileus, would have continued to exercise their authority, but no longer alongside, or occasionally slotted into, the palatial system of regional hierarchical authority.* DEGER-JALKOTZY, Sigrid; LEMOS, Irene S. (eds.), 2008: 69.

²⁵ DABNEY e WRIGHT, 1990: 47.

com vistas a atender às suas múltiplas funções e, por fim, o uso de técnicas construtivas e decorativas muito especializadas, demandando mão de obra muito capacitada e a obtenção de materiais pouco comuns na área. (V. Figura 5) Essas exigências pressupõem uma organização social, econômica e política focalizada no palácio. O seu planejamento e execução, enquanto um artefato bastante sofisticado, oneroso, implica estratégias de controle dos trabalhadores visto que alguns deverão produzir o suficiente não só para o seu sustento, mas para manter os artesãos que se dedicam todo o tempo nas obras palaciais. Nas palavras de Wright,

*“Nesse sentido o palácio é um artefato [produzido por] de uma sociedade complexa e simboliza certos valores da sociedade ou, talvez mais corretamente, de seus governantes.”*²⁶

Arquitetonicamente, por meio de sua complexidade funcional os palácios, conseguiam suprir todas as necessidades da região, armazenando víveres, produzindo o necessário para as trocas e representando um marco na paisagem, o símbolo maior do poderio de seus governantes. Em outras palavras, construído fundamentalmente com a intenção agregadora, esses locais possuíam um *design* funcional, capaz de lidar com as múltiplas tarefas diárias que a sociedade local necessitava. Dotado de muralhas ditas “ciclópicas”²⁷ pela sua magnitude, entradas guarnecidas por robustos portões, uma alvenaria estruturada em pedras esquadrihadas, com elementos decorativos centrados no uso da madeira e nos afrescos, o palácio micênico tinha uma visibilidade importante na paisagem, ao lado das estruturas funerárias monumentais em *tholoi*, as “tumbas reais”, constituindo uma verdadeira “iconografia do poder” (Veronese, 2006).

²⁶ Idem. 47.

²⁷ As semelhanças entre técnicas micênicas e hititas na construção das muralhas foi estudada por Kupper (1996 apud WRIGHT, 2008: 35 e nota 15).

Figura 6: Reconstituição de Micenas – 2.²⁸

Voltamos então, agora, para a questão colocada anteriormente: a frequência da presença do *megaron* na arquitetura micênica e as razões dessa escolha. Citaremos dois estudos sobre o papel dos espaços abertos e pátios na arquitetura micênica: Cavanagh, 2001 e Davis e Bennet, 1999. (*apud* Wright 2008:39) Cavanagh conclui que existe uma organização hierárquica do espaço nos palácios micênicos restringindo o acesso ao *megaron*, destaca a inexistência de áreas amplas para reuniões públicas, mas chama a atenção sobre a importância da procissão (2001: 130-2; 129-31); Davis e Bennet, a propósito do “*Southwestern Building*” em Pilos, analisam os temas dos afrescos distribuídos nos cômodos (quartos e *megara*) e constata que cenas de caça, guerra e banquetes e sacrifícios são as mais frequentes. Trata-se de atividades próprias das elites que habitavam essas edificações, e o sentido do banquete se destaca como a oportunidade de, seja em uma casa em volta da lareira ou em um palácio com uma magnitude maior, “integrar as relações sociais e a estrutura social”. (Wright 2008: 39) O banquete, associado a outros rituais religiosos ou cívicos, parece ter sido uma atividade importante nos palácios e, possivelmente no espaço do *megaron*. Trata-se de uma prática

²⁸ Imagem extraída do site: <http://masalladepangea.blogspot.com.br/2012/10/la-civilizacion-micenica-la-era-de-los.html>, 12/08/2014.

social profundamente imbricada com a afirmação de laços identitários, hierarquias sociais e poder político.

Tais características, como um todo, demonstravam a capacidade de organização capaz de emanar dos palácios desse período. Uma sociedade fortemente hierarquizada, na qual cada parcela da população possuía clara ciência do lugar que ocupava e das funções a ela estabelecidas. Não se pode desconsiderar em momento algum a importância física que o palácio ocupa dentro dessa sociedade. Por ser o local estabelecido para demonstrar o poder da elite, o palácio assume uma posição de destaque dentro do âmbito da paisagem tornando-se assim um símbolo de liderança.

1.2. A Desintegração do Sistema Palacial:

*O fim do mundo micênico constitui uma das rupturas mais importantes na história do mundo mediterrâneo, mesmo que ela tenha sido bem menos brutal do que frequentemente é apresentado: os ritos, a escrita, os modos de vida mudaram de forma irreversível.*²⁹

Na passagem, percebemos a posição do autor que defende a passagem do sistema palacial micênico, típico da Idade do Bronze Egeia, para a chamada Idade do Ferro Inicial como uma ruptura embora concorde com a visão de historiadores como Snodgrass³⁰ (1971, 1987) que avaliam com menos rigor as mudanças que ocorrem a partir do final do século 13 no Mediterrâneo Oriental. Essas mudanças representam, sem dúvida, uma transformação significativa e justamente em direção oposta às expectativas de ampliação e sedimentação da organização socioeconômica, política e cultural do sistema palacial. De maneira ainda não muito clara, essas culturas entraram em um processo que alguns chegam a denominar “colapso”, mas que em linhas gerais pode ser sintetizado como a desestruturação de um modelo de sociedade hierarquicamente estabelecida em torno de um poder político e talvez

²⁹ ETIENNE, R.; MULLER, C.; PROST, F., 2000: 49.

³⁰ Snodgrass afirma “A pesar de tudo, embora o Ferro Antigo apareça claramente diferenciado da etapa que o precedeu, não se pode considera-lo simplesmente como o início de uma nova era da civilização histórica e tampouco, por outro lado, se encontra separado do posterior período arcaico” (SNODGRASS, 1987: 188). A pesar de todo, aunque el hierro antiguo aparezca claramente diferenciado de la etapa precedente, no puede considerarse simplemente como el comienzo de una nueva era de la civilización histórica griega y tampoco, por otra parte, se halla claramente separado del posterior período arcaico.

religioso simbolicamente representado em uma construção monumental, o palácio. A rede econômica que sustentava esta sociedade e que dependia das trocas regionais e mediterrânicas bem como da produção de excedentes agrícolas é fragilizada enquanto que as tecnologias que lhe davam suporte – como a escrita, a larga produção cerâmica de boa qualidade – perdem sua função primeira e desaparecem; os assentamentos se espalham além dos antigos parâmetros palaciais de forma esparsa.

Quando se visualiza todo esse momento de crise, fica claro que houve uma situação complexa e abrangente capaz de minar esse modo de vida tão fortemente alicerçado dentro de um contexto definido. É possível notar um momento de declínio muito acentuado não apenas nas regiões micênicas, mas sim em um todo no Mediterrâneo, principalmente sua parte Oriental: vale lembrar o desaparecimento, na mesma época, do forte e rico Império Hitita, instalado na Anatólia. O debate sobre as múltiplas causas de tal evento cataclísmico variam muito e caminham em diversas direções. Vão desde aquelas que se centram nos desastres naturais até os que sustentam as invasões dos chamados ‘Povos do Mar’ e dos povos dóricos, supostamente originados do norte da península grega, que teriam desestruturado o poder dos micênicos (ver Figuras 6 e 7).

Figura 7: Possíveis rotas de invasão.³¹

³¹ Imagem extraída do site: <http://www.historia.templodeapolo.net/mapas.asp>. 10/04/2014.

Figura 8: Possíveis rotas de invasão com a nomenclatura dos povos invasores.³²

O debate sobre as causas da desintegração do sistema palacial micênico ainda está longe de chegar ao fim: a documentação é basicamente arqueológica, o que significa uma crescente ampliação dos dados dependendo das escavações e novas ideias aparecendo como resultado. Em nosso trabalho não temos como objetivo uma investigação sistemática desta questão e nos propomos apenas a apresentar uma síntese das principais hipóteses presentes nos trabalhos em andamento sobre o tema.

Um dos poucos consensos neste debate reside na constatação de que o processo de destruturação do sistema palacial micênico apresentou grande variação cronológica de uma região a outra e que envolveu a combinação de vários fatores. Não há, portanto, uma causa única, como tradicionalmente se estabeleceu, ou seja, uma invasão ou um cataclisma natural e generalizado. Mesmo em uma única região como a Argólida, os palácios de Micenas, Tirinto e Midea vivenciaram eventos diferentes envolvendo problemas naturais – terremotos e incêndios, secas –, econômicos como a destruturação da rede mediterrânea de trocas e a fragmentação do poder, como veremos a seguir.

³² Imagem extraída do site: <http://www.sofiaoriginals.com/febr63epocasoscuras.htm>. 12/08/2014.

A hipótese da destruição do sistema palacial em decorrência de invasões fundamenta-se principalmente em fontes escritas antigas como o historiador Tucídides, que relata uma grande invasão da Grécia com o episódio mitológico conhecido como o “Retorno dos Heráclidas”, ou seja, a chegada dos descendentes de Hércules, expulsos da Argólida após a morte do herói, vindos para retomar o trono de Micenas com a ajuda dos dórios, seus aliados. Os dórios teriam introduzido o seu dialeto no Peloponeso, outra “prova” da invasão, vista como rápida e generalizada. Os estudos arqueológicos trazendo a descoberta de padrões funerários tidos como “novos” – a inumação individual em cistas e a presença de uma cerâmica feita à mão – a “*Handmade Burnished Ware*” ou “*barbarian ware*” – pareciam comprovar tal hipótese. No entanto, hoje sabemos que a inumação individual em cista conhecida, havia sido utilizada entre 2000 e 1600 e simplesmente retornava ao ritual funerário nesta época, talvez associada à transformação social em curso.

Quanto à cerâmica, poderia ser de fato um elemento novo, mas a sua presença não pode ser prova cabal da chegada maciça de seus produtores e usuários. Tanto poderia ser explicada como uma importação quanto o documento de chegada de levas de invasores que, em um processo lento, teriam se instalado em áreas da Grécia. (Etienne *et alii*, 2000: 51) Devemos lembrar que as destruições dos palácios se desenrolam por um século: começando com Pilos por volta de 1300, depois Tebas, Micenas (um incêndio na metade do século 13 destrói violentamente a área ao redor do Círculo B) de forma que no final desse século a grande maioria dos palácios micênicos havia sido afetada pela vaga de eventos violentos. E quando as áreas eram reocupadas o assentamento era bastante reduzido e empobrecido.

A teoria da invasão bélica também foi utilizada ao relacionar a época turbulenta na Grécia Balcânica ao contexto mediterrâneo, momento em que os chamados “Povos do Mar” teriam atacado além do Império Hitita também o Egito sob o reinado do faraó Merenptah (1213- 1203) e dos primeiros faraós da 20^a. Dinastia. (Etienne *et alii*, 2000: 52)

Ao lado dessas hipóteses que centralizam as causas da destruição em fatores externos, se encontra a chamada escola “Internalista” que busca no próprio sistema palacial ou em fatores naturais inerentes ao espaço geográfico ocupado por essas sociedades. Os especialistas adeptos dessa linha de interpretação propõem a guerra civil em um dos “reinos” ou confronto entre diferentes “reinos” como motivações internas e/ou catástrofes ambientais como sismos geológicos de grande amplitude e períodos contínuos de seca levando ao desabastecimento e

fome. Tais fatores juntos ou isolados podem ser considerados como causadores do fim dessa sociedade micênica dado a sua magnitude.

Na obra de Carol G. Thomas & Craig Conant (1999), a pesquisa referente ao fim desse período abastado da Idade do Bronze se deu por ordem administrativa, ou seja, uma incapacidade das elites de administrar situações criadas por atitudes extravagantes em relação ao palácio e suas obras. A tese se baseia fundamentalmente no esgotamento econômico gerado pelo uso indiscriminado da mão de obra disponível e da ausência de um planejamento em longo prazo e da consequência que tais atos provocariam na sociedade. Fundamentalmente considerando Micenas como o centro econômico e político da região, devido a sua localização privilegiada, os autores abordam a consequência de sua desintegração administrativa para os demais centros regionais, uma vez que o palácio micênico controlava diretamente uma região muito ampla. (ver Figura 4)

Thomas & Conant (1999) interpretam a existência dos palácios até o século XV a.C. como centros basicamente funcionais com a função de armazenamento e distribuição dos alimentos para a região circundante. Entretanto, durante o século XIV e XIII a.C., os palácios, principalmente os micênicos, passaram a se envolver de maneira mais intensa na vida cotidiana na região gerando assim uma dependência populacional para sua manutenção e consequente expansão. Em determinado momento dessa convivência, em meados do século XIII, uma crise tão intensa foi gerada que, no passar de um século, todo sistema palacial havia entrado em colapso. Neste caso, os autores defendem que a constante exploração da sociedade micênica acabou causando sua exaustão econômica devido ao fato que a mão de obra ocupada nas construções não pode se dedicar ao cultivo das plantações e essas não sendo feitas no período correto causaram a ausência de alimentos para as próximas estações.

Na Figura 8 fica bem clara a monumentalidade das estruturas presentes em Micenas. Nesse caso, podemos notar a complexa obra de alvenaria utilizada para ser capaz de construir e sustentar pesados blocos de calcário por toda a extensão da muralha e em seu interior, no palácio e nos enterramentos encontrados nos limites dos muros.

Figura 9: Porta dos Leões.³³

Paralelo a isso, os autores criticam algumas das versões comumente aceitas para justificar o fim desse período. A primeira seria um terremoto que devastou toda a região da Argólida, principalmente Micenas, fato esse que pode ser visualizado nos registros estratigráficos da região. Thomas & Conant (1999) contestam essa teoria, pois foi provado que a ocupação humana se manteve mesmo após o cataclismo. Outras causas seriam as possíveis guerras civis lideradas por um grupo social explorado constantemente para a manutenção desse modo de vida opulento causando, por conseguinte, o fim dos palácios. Acredito ser difícil tal revolta acontecer, uma vez que a força militar era bem estruturada sendo complicado, assim, visualizar bandos desarmados e despreparados vencerem um exército micênico disciplinado e treinado.

A base fundamental da argumentação dos autores Thomas & Conant (1999), seria a exaustão econômica, uma sociedade que levou ao limite seu modo de vida causando sua própria destruição. As evidências arqueológicas encontradas nas escavações mais recentes do palácio de Micenas mostram uma ampla reforma sendo empreendida no recinto durante meados do século XIII. Pelas proporções dos achados é possível afirmar que essa ampliação

³³ Imagem extraída do site: <http://www.cyklostranky.cz/nase-cesty/2006-pelopones/cast6.php>. 12/08/2014.

ocorreu em função da retirada dos campos de grandes parcelas da população masculina que, portanto, não podiam semear os campos comprometendo as futuras colheitas. O resultado de tal ação, em longo prazo, seria a ausência de alimentos para a população micênica causando a fome.

*O programa ambicioso de construção através do final do século treze pode ser visto como um caso de fraqueza tanto quanto um sinal de força. A extravagância das elites micênicas do século XIII ultrapassaram os limites do sistema inteiro onde a centralidade se apoiava. A cidadela estava em competição aberta com os fazendeiros pela mão de obra.*³⁴

Essa exploração dos camponeses acabou criando um desequilíbrio intolerável entre a elite e seus governados, o que resultou uma intensa instabilidade no sistema fragilizando-o ao extremo deixando-o vulnerável às possíveis influências externas e desastres naturais. Compartilho da visão dos autores Thomas & Conant (1999), pois em minha opinião o desgaste causado pelo uso constante da mão de obra torna possível sim o surgimento de instabilidades que acabam comprometendo e fragilizando todo o sistema, uma vez que a organização palacial se baseava fundamentalmente na existência de uma sociedade rígida e estabelecida. Com a quebra desse sistema, a organização centralizada ao redor do *wanax* foi gradualmente se tornando insustentável fragmentando assim o poder dentre as várias pequenas elites presentes na corte desse antigo líder.

Seguindo dentro dessa linha de estudos, os próximos autores apresentam visões paralelas e por vezes discordantes sobre o tema, defendendo hipóteses que vão desde os cataclismos naturais como invasões dos chamados “Povos do Mar”. Vamos circular por teorias mais brandas, que sugerem o fim gradual da época micênica, até estudos que buscam comprovar o fim violento desse palácio e de uma ampla gama espalhada por todo o Mediterrâneo e Oriente Próximo.

Finley (1990) possui uma visão específica, bem clara, das consequências imediatas do final desse período micênico:

³⁴ *The ambitious program of construction toward the end of the thirteenth century can be seen as a case of weakness as well as a sign of strength. The extravagance of the thirteenth-century Mycenaean palace elites overextended the entire system on which centralization rested. The citadel was in direct competition with the farmers for manpower.* THOMAS & CONANT, 1999: 24.

A população decresceu e ficou mais pobre (refiro-me a um empobrecimento das classes superiores e não dos agricultores e artesãos comuns). São incontestáveis a inferioridade artística e técnica dos achados, a ausência de tesouros e, sobretudo, de construções grandes, sejam palacianas, militares ou religiosas. A sociedade micênica fora decapitada e os sobreviventes, juntando-se ao novo elemento invasor, construíram um outro tipo de sociedade.³⁵

Na passagem anterior podemos perceber que o autor direciona sua interpretação para a hipótese das invasões externas terem causado o fim abrupto da sociedade micênica na Grécia Continental, além de se opor a Thomas & Conant (1999) ao dizer que a elite empobreceu e não as classes inferiores. Ao se estudar localmente cada um desses espaços é possível notar a presença constante de vestígios sugestivos para esse colapso como sendo algo de ordem bélica, pois se fazem presentes constantemente restos de incêndios e estruturas carbonizadas, forte indício de destruição por invasões. Concomitantemente podemos destacar o livro editado por Burstein (1999) no qual a interpretação acaba caminhando para um momento de crise de todo o sistema, não apenas motivados por guerras e invasões externas.

A explicação mais provável é que os micênicos, e outras civilizações do Mediterrâneo, experimentaram um "colapso do sistema", um esgotamento de seus sistemas econômicos e sociais. Estes sugerem-se, foram desencadeadas por problemas como a seca prolongada, a superpopulação, a exaustão do solo, a confiança em poucos cultivos e dificuldades internas, o que as burocracias tradicionais não foram capazes de corrigir.³⁶

Isso acaba por deixar claro que as causas para o colapso foram muitas e cada caso precisa ser estudado de forma específica com o intuito de visualizar e entender a maneira correta dos acontecimentos pontuais. A tese defendida por Burstein (1999) é amplamente defendida e utilizada por Diamond (2009) que em seu livro apresenta um leque variado de sociedades que encontraram seu fim não apenas por questões militares, mas por motivos relacionados à exaustão dos recursos naturais, colheitas fracas e falta de organização das elites

³⁵ FINLEY, Moses I., 1990: 74.

³⁶ *A more likely explanation is that the Mycenaeans, and other Mediterranean civilizations as well experienced 'system collapse', a breakdown of their economic and social systems. These, it is suggested, were triggered by problems such as prolonged drought, overpopulation, soil exhaustion, reliance on too few crops, and similar internal difficulties, which the ponderous bureaucracies were unable to correct.* BURSTEIN, Stanley; DONLAN, Walter; POMEROY, Sarah; ROBERTS, Jennifer (eds.), 1999: 39.

no intuito de poder reestruturar a sociedade ao seu redor (ver Figura 9). Seu trabalho transita nas mais variadas sociedades humanas, muitas já extintas e outras que conseguiram prevalecer diante das dificuldades e obstáculos apresentados pela natureza ou pela sociedade em si, como por exemplo, os habitantes da Ilha de Páscoa no Oceano Pacífico e as grandes fazendas de Montana, nos Estados Unidos da América.

Figura 10: Moais - Ilha de Páscoa.³⁷

Com isso fica claro que uma sociedade não preocupada em renovar suas formas de plantio ou rever o aumento populacional pode estar fadada ao desaparecimento, uma vez que esses problemas, depois de certo espaço de tempo, acabam tomando proporções muito maiores e graves sendo impossível, assim, um retorno ou a adoção de uma nova forma de agir capaz de reerguer a sociedade. Devido a esses fatores, muitos autores veem o fim desse período micênico como algo repentino e destrutivo, ou seja, apontam para causas imediatas sem se preocupar numa duração mais longa na qual poderiam estar operando-se transformações estruturais e que demorariam mais para afetar a estrutura da sociedade micênica.

³⁷ Imagem extraída do site: <http://cazamitos.com/pt/arqueologia/os-7-moais-da-ilha-de-paiscoa/>. 12/08/2014.

Uma das características que podemos destacar no que tange à sociedade como um todo é a fragmentação do poder. Entende-se essa fragmentação como o fim de um domínio centralizado na figura do *wanax* para algo mais pulverizado em hierarquias menores, ou seja, o poder que antes circulava apenas em uma esfera específica agora pode ser percebido em múltiplas classes sociais. Essa desintegração do sistema palacial, quando estudada na ótica da sociedade, acaba destacando que houve apenas uma mudança nos espaços aristocráticos e grande parte da população não sofreu diretamente com o fim desse período, ou seja, com o desaparecimento da elite governante. O *wanax* desaparece, mas em seu lugar a pequena aristocracia que antes dividia o poder com esse líder passa agora a controlar pequenos grupos sociais e séquitos de guerreiros ao seu redor. Esse poder fraturado ficava localizado em setores mais restritos regionalmente favorecendo assim o controle direto por parte desse líder perante a população.

Acredito que nesse momento a sociedade grega enfrentou uma saturação do sistema administrativo vigente. É possível perceber no discurso de Thomas & Conant (1999) e Finley (1990) essa crise, envolvendo não somente as classes dominantes como seus dominados. A meu ver, a exaustão dessa dependência dos múltiplos níveis sociais gerou seu colapso, uma vez que a nobreza dependia da população para sua manutenção e a sociedade precisava dos alimentos fornecidos pelo palácio.

Quando mais atenção é dedicada à situação das possíveis invasões do continente grego, as pesquisas de *surveys* realizadas *in locu* apresentam inúmeros vestígios que por si só são capazes de mostrar as rotas e os caminhos seguidos por esses invasores. Muitas são as possibilidades de interpretação, entretanto a mais aceita se fundamenta na vinda desses povos a partir da região norte da Grécia, onde hoje se localiza a Macedônia. As invasões por mar logo foram descartadas, pois pesquisas sugerem (Desborough, 1964 e Thomas & Conant, 1999) que seria impossível no período uma civilização ser capaz de reunir navios suficientes para transportar a quantidade de guerreiros necessários para causar tamanho dano nos palácios micênicos.

Tal afirmação relacionada à direção das invasões pode ser feita estudando os vestígios que mostram uma paulatina destruição originária no Norte caminhando até o Sul.

A direção e rota desta grande invasão pode ser considerada em função das áreas que foram afetadas, e tendo em conta a direção tomada

*pelos refugiados das regiões que sofreram desastre. Destruição e abandono dos assentamentos são conhecidos na Fócida, Beócia, Corinthia, a Argólida, Lacônia e Messênia, ao longo de uma linha que vai aproximadamente de norte a sul, com Ática ficando aparentemente intocada, embora as disposições tomadas em Atenas mostrem que não havia motivo para alarme sério.*³⁸

Isso deixa claro que toda a região foi assolada por conflitos e que tais ações criaram um grande número de pessoas sem a possibilidade de fazer outra coisa além de fugir dos mais importantes centros. Os rastros deixados por eles são visíveis no estudo da arqueologia da paisagem e mostram de onde fugiam e para onde acabaram se deslocando, sugerindo, também, que essas invasões ocorreram de maneira gradual, ou seja, ondas de saque realizadas no decorrer de vários anos.

*Arqueologicamente falando, toda essa devastação deve datar do mesmo período, cerca de 1200, e é difícil imaginar que não houve relação alguma com a atividade dos ‘Povos do Mar’ e dos destruidores do Império Hitita. (...) O ‘movimento’ não foi nem organizado, nem planejado conforme uma coalização de fato. As inter-relações entre os migrantes eram pouco estáveis, e havia incerteza quando aos objetivos finais.*³⁹

A ausência de núcleos habitacionais de grande monta no registro arqueológico acaba sendo uma característica forte no período da Idade do Ferro, e isso se dá como decorrência de um êxodo palacial resultante da destruição desses espaços. Essa fragmentação não foi apenas percebida na população, mas também se nota nas elites, pois com o fim de um poder centralizador, onde todas orbitavam, acabaram se dispersando e exercendo sua influência regionalmente, em um âmbito muito menor e restrito.

Fundamentando novamente a tese das incursões, Desborough (1964) apresenta mais alguns fatores que fortalecem a hipótese que esses povos invasores chegaram por vias terrestres, pois os vestígios sugerem que as ilhas do Egeu foram deixadas intactas após o

³⁸ *The direction and route of this major invasion may be considered in the light of the areas which were affected, and in the light of the direction taken by refugees from the regions which suffered disaster. Destruction and desertion of settlements are known in Phocis, Boeotia, Corinthia, the Argolid, Laconia and Messenia, along a line running roughly from north to south, with Attica apparently untouched, though the dispositions taken in Athens show that there was cause for serious alarm.* DESBOROUGH, V. R. d’A., 1964: 222.

³⁹ FINLEY, Moses I., 1990: 67.

colapso do sistema micênico. A única exceção, dentro desse contexto, é a ilha de Creta que no momento já se encontrava em total declínio, uma vez que em meados do século XIII a.C. acabou anexada por Micenas e nunca conseguiu se recuperar totalmente da crise enfrentada anteriormente à conquista.

*A hipótese de uma invasão de terras tem dois méritos. O percurso seria mais adequado para uma invasão desse tipo, e isso explicaria por que as ilhas foram deixadas intocadas.*⁴⁰

Paralelo a essa visão mais tradicionalista de Desborough (1964) se encontra a obra de Etienne (2000) que entende esse momento como uma sucessão de eventos, tanto naturais como de ordem bélica acontecendo por todo o mundo micênico tendo seu início em 1300 a.C. culminando quase cem anos depois no início da Idade do Ferro.

*Os arqueólogos preferem tentar elucidar as razões desde naufrágio violento, mas geograficamente diversificado e cronologicamente espalhado, caso a caso, sítio a sítio. (...) Supor que um tremor de terra tenha sido a origem de parte das destruições também não precisa ser descartado.*⁴¹

As afirmações de Etienne (2000) se fundamentam com força nas últimas pesquisas arqueológicas feitas nos múltiplos sítios pertencentes à época micênica e nos resultados diversos que foram encontrados com essas investigações. A conclusão principal apresentada pelo autor gira em torno do estudo particular de cada sítio, ou seja, não seria plausível criar uma teoria geral capaz de explicar a destruição de todos os espaços por um motivo. A hipótese das invasões, tanto de dórios como dos ‘povos do mar’, não é capaz de se encaixar em todos os contextos arqueológicos descritos pelas pesquisas, sendo necessário o entendimento do clima e desastres naturais diversos, capazes também de causar a destruição desses espaços.

Não há um descarte total das invasões como um fator fundamental para o fim desse período, mas o que foi provado é a existência de um período de longa duração englobando toda essa destruição sistemática. Pelos registros arqueológicos é possível afirmar que durante

⁴⁰ *The hypothesis of a land invasion has two merits. The route followed would be more suitable to an invasion of this type, and it would explain why the islands were left untouched.* DESBOROUGH, V. R. d’A., 1964: 224.

⁴¹ MULLER, C. PROST, F. ETIENNE, R., 2000: 5.

cem anos esses espaços sofreram com guerras, desastres naturais, secas e outros fatores climáticos.

*(...) a ruína dos palácios não é pontual no tempo, prolonga-se por quase um século, e também são raros os sítios onde estes objetos podem ser colocados de maneira precisa em relação estratigráfica com os níveis de destruição.*⁴²

Analisando a estratigrafia de alguns sítios é possível abordar a questão da fortificação de alguns palácios como, por exemplo, Gla, Tirinto e Micenas. Essas muralhas denotam uma insegurança crescente causada por fatores externos ou internos, como revoltas. Entretanto, no mesmo período é possível perceber a existência de diversos espaços fortificados nos quais os vestígios de destruição causada por invasões não foram encontrados e outros, que sem muralhas, também se mantiveram intactos. Esse debate visa apresentar uma configuração na qual a guerra não foi tão presente. Ao mesmo tempo defende a hipótese de que os espaços devem ser estudados de maneira isolada para não cair no erro de generalizar eventos tão distintos entre si.

Esse século que está presente entre XIII até XII a.C. passou por uma reinterpretação no decorrer dos anos, pois aquela visão mais conservadora do desaparecimento total da cultura micênica hoje dá espaço a uma teoria mais branda, na qual o termo destruição foi substituído por transformação, lenta e gradual.

*À queda rápida dos palácios micênicos sucede-se uma desagregação muito lenta da cultura micênica, que alguns referem interpretar como uma paciente transformação. No século XIII, portanto, assiste-se ao fim de um sistema, mas não ao fim de uma civilização. Também devem ser compreendidos, separadamente, a destruição do sistema palacial e a passagem da Idade do Bronze à Idade do Ferro.*⁴³

Um dos fatores relevantes na pesquisa arqueológica é entender e comparar os processos funerários e a partir deles visualizar se existiu, ou não, uma ruptura ou uma continuidade nas tradições. Etienne (2000) defende que durante esse período de transição, entre os séculos XIII e XII, os ritos fúnebres que antes se supunham pertencer a povos

⁴² Idem: 4.

⁴³ Ibidem: 13.

estrangeiros justificando a ideia das invasões nada mais eram que uma mudança natural no costume e cultura de um povo específico. As práticas de inumação individual em cistas ou poços não pertenciam a grupos estrangeiros, mas eram sim uma tradição conhecida e ressurgida de modos de sepultamento do início do período do Bronze, em 2000 a.C. Seguindo esse contexto funerário, o estudo das cerâmicas também é capaz de apresentar as mudanças ou permanências existentes no momento. Fica claro, pelo método comparativo dos diferentes estilos, que houve um retrocesso, tanto na qualidade como na quantidade de cerâmica produzida. Entretanto, não é plausível afirmar que isso se deu pela presença de tradições estrangeiras capazes de mudar a forma de produzir essa cerâmica. A pesquisa denota a mudança de estilo como algo resultante da crise vivida nesse momento de transformação e não por alguma inferência externa.

*A cerâmica proto-geométrica não nasceu ex abrupto: alguns artesãos insistem em fazer linhas verticais, círculos e semi-círculos concêntricos rigorosamente dispostos nas ânforas ou enócoas, sucessores naturais de uma racionalização de espaço iniciada em época micênica.*⁴⁴

A religião, por outro lado, é um tema ainda não totalmente entendido no período. Existe uma manutenção de algumas divindades como Zeus, Hera e Poseidon ao mesmo tempo em que surgem novos nomes como Apolo, Hefesto e Deméter. Os espaços de culto sempre foram bem definidos nos palácios micênicos devido ao fato da presença de vestígios como, por exemplo, fogueiras, restos de animais e oferendas em geral. O que muitas vezes passa despercebido pelos arqueólogos é uma visualização mais ampla do contexto, ou seja, as transformações no plano social, político e econômico do período que causaram mudanças na forma de realizar o culto. Não pode existir especulação quando se estuda a religião, pois é evidente que não existiu continuidade religiosa nesse momento de transição. Os espaços de culto até poderiam ter sido mantidos, mas a forma e maneira de realizar tais ritos não eram mais os mesmos e isso por vezes é negligenciado nas pesquisas arqueológicas.

Hall (2007) defende uma ampla gama de possibilidades para o que considera como o fim do período micênico. Ele transita pelas invasões, revoltas, colapso ambiental e catástrofes climáticas sendo que fundamenta cada caso através do registro arqueológico e das evidências encontradas em espaços específicos. Ponto de destaque em sua argumentação seriam as

⁴⁴ Ibidem: 19.

revoltas existentes por todo esse mundo micênico da população local diante de graves crises na produção de alimentos que geraram períodos de fome e escassez.

*Os centros palaciais foram destruídos pela população faminta e desesperada para obter os grãos que estavam armazenados nos armazéns, mas as taxas de mortalidade mais elevadas que acompanharam a fome levaram ao despovoamento e ao abandono de muitos centros habitacionais da Idade do Bronze.*⁴⁵

O palácio, como centro distribuidor de alimentos, foi visto como um grande celeiro e por isso teria sido atacado pela população local que, faminta, acabou por destruí-los. Outro ponto relevante para o autor tangencia a questão da exploração exacerbada da população local com altas taxas de impostos e paralelo a isso uma especialização extrema do plantio que gerou um esgotamento do solo pondo fim às lavouras da região.

Ambas as realidades enfraqueceram os palácios e isso, segundo Hall (2007) transformou esses espaços em ‘presas fáceis’ para invasões de povos externos.

*De acordo com outra, os centros palacianos envolvidos em uma espiral de aumento de despesas se viu obrigada a aumentar as taxas de impostos cada vez mais da população circundante até que o sistema não podia mais suportar e as elites do palácio, sem recursos, também perdeu seu status e autoridade. Em tais circunstâncias, os centros palacianos enfraquecidos se apresentavam como colheitas atraentes e fáceis para invasores e saqueadores.*⁴⁶

Todos esses fatores visam a dar um contraponto diferente das opiniões já apresentadas quando se pensa nesse momento final da época micênica. Por ser um período de tempo considerável, fica evidente que cada caso e espaço devem ser estudados de maneira particular uma vez que as causas do fim são muitas. Generalizações devem ser evitadas porque a arqueologia provou que invasões, mudanças climáticas e naturais levaram ao fim dessa

⁴⁵ *The palatial centers were destroyed by hungry population desperate for the grain that was stored in the magazines, but the higher mortality rates that accompanied the famine led to depopulation and to the abandonment of many Bronze Age centers of habitation.* HALL, Jonathan M., 2007: 53.

⁴⁶ *According to another, the palatial centers engaged in a spiraling increase of expenditure that compelled them to exact ever higher rates of taxes from the surrounding countryside until the system could no longer cope and the palace elites, left resourceless, also lost their status and authority. In such circumstances, the weakened palatial centers presented attractive and easy pickings for raiders and looters.* Idem: 54.

sociedade. O ponto vital gira ao redor de visualizar como isso aconteceu a partir dos vestígios encontrados, uma vez que restos escritos não foram claros no que tange a esse momento específico. Entender o final desse momento histórico se faz importante, pois a partir dele podemos montar todo o cenário de como a sociedade grega se organizou na Idade do Ferro e quais foram as consequências para a população dispersa e supostamente desestruturada do período em estudo.

Capítulo 2 – A Idade do Ferro Inicial na Grécia Balcânica: a abordagem regional.

Com o final do período micênico em meados do século XII a.C., a sociedade grega e também a sociedade de todo o Mediterrâneo enfrentou uma era conhecida como a Idade do Ferro. A fundamental característica desse momento histórico é a adoção do ferro em detrimento do bronze que se deu por múltiplos fatores sendo que o principal deles é a maior resistência desse metal e a abundância desse minério nos territórios gregos.

O debate que será apresentado nesse capítulo visa a desmitificar esse período da história grega como um momento de retrocesso nas múltiplas esferas da sociedade. Para tal intento vou me valer de pesquisas arqueológicas realizadas até o momento e um extenso debate bibliográfico presente na literatura atualmente. O intuito principal se encontra na desmistificação dessa era na história grega apresentando teorias e vestígios arqueológicos que venham a sustentar que houve um retrocesso sim no período, mas que ele não foi catastrófico nem irreversível como se apresenta.

Foi possível identificar fontes bibliográficas que provaram através da pesquisa arqueológica, que esse período da Idade do Ferro foi o maior responsável pela grandeza dos próximos momentos da Grécia.

2.1. As principais áreas de ocupação na Grécia Balcânica no início da Idade do Ferro:

Com o final do período micênico em meados do século XII a.C., a sociedade grega e também a sociedade de todo o Mediterrâneo enfrentou um momento conhecido como a Idade do Ferro Inicial (1100- 700).⁴⁷ A historiografia tradicional aponta como a fundamental característica desse momento histórico, a adoção do ferro e a progressiva substituição do bronze. Tal fenômeno ocorreu por múltiplos fatores sendo que o principal deles é a maior resistência desse metal e a abundância desse minério nos territórios gregos. O domínio da técnica de produção do ferro era já conhecida dos gregos, mas seu uso, entre eles, só tornou-se representativo a partir dos anos 1100- 1050.

⁴⁷ A cronologia desse período gera discussões, mas autores como AINIAN (1997), WHITLEY (2001) e SOUZA (2005) defendem que o primeiro momento dessa época, conhecida como Idade do Ferro Inicial, abrange o espaço de tempo de 1000-700 a.C. Serão estas as balizas cronológicas que adotamos neste trabalho.

Para Maria Kostoglou (2010: 171), no cenário acadêmico contemporâneo há um certo consenso sobre o estímulo para o início do ferro em áreas mediterrânicas a partir da Mesopotâmia por meio da Síria, Chipre e Anatólia. A autora sustenta que a maioria dos especialistas concordam em três pontos: há grandes diferenças regionais na deposição de objetos de ferro nos sítios gregos; nos estágios iniciais de sua introdução os objetos em ferro eram acessíveis preferencialmente pelas camadas hegemônicas da sociedade grega e seu uso só foi disseminado de forma mais ampla no séc. 8 coincidindo com a emergência da pólis e, por fim, deve-se destacar que os artefatos em bronze/cobre disponíveis para análise são poucos e os de ferro escasseiam ainda mais. Afirma que a ausência de artefatos em ferro nas escavações teria levado Ian Morris à “*extreme conclusion that the Iron Age Greece was iron-free (Morris, 1989)*” (V. Kostoglou, 2010: 171 e fig. 9.1 e 9.2 a). Utilizado para a produção de armas e instrumentos para o trabalho agrícola, o ferro nunca substituiu totalmente o bronze, que permaneceu em uso para o fabrico de vasilhas e moedas que apareceram, mais tarde, junto com outros artefatos.

Iniciamos esse capítulo retomando aspectos do debate, já mencionado no capítulo anterior, sobre a Idade do Ferro Inicial, período da história grega interpretado, ainda hoje, por alguns autores, como um momento de retrocesso nas múltiplas esferas da sociedade. Um objetivo deste capítulo é entender melhor esse momento na história grega apresentando dados arqueológicos, referências textuais (Homero, em especial) e interpretações inspiradas em paralelos etnográficos que venham a sustentar que houve sim uma mudança significativa na estruturação do poder, no arranjo da sociedade. Mas essas transformações não podem mais ser consideradas eventos catastróficos nem declínio progressivo como é apresentado por alguns autores. A ausência de documentação escrita relativa à Idade do Ferro Inicial foi uma das razões para que historiadores a nomeassem “Idade Obscura” ou “Idade das Trevas”, mas a partir do momento em que as escavações arqueológicas foram se multiplicando nos sítios remanescentes, o quadro se tornou mais complexo e os autores atualmente relativizam, em certa medida, a visão mais antiga. Para fundamentar nossa perspectiva, nos propomos a apresentar dados arqueológicos disponíveis agrupando-os em uma abordagem regional.

Para um estudo que envolve coordenadas temporais e espaciais amplas como no caso de nossa pesquisa, a delimitação de um espaço geográfico, abrangendo algumas regiões, tem a intenção de construir um conhecimento que permita visualizar essas sociedades de uma maneira mais completa, percebendo padrões e recorrências e propiciando o confronto entre

elas. Embora se corra o risco de perder a riqueza de uma visão mais abrangente, envolvendo, por exemplo, a integridade do mundo grego de então, devemos destacar que uma região, com seus lugares, torna-se um universo de análise válido e procedente desde que se reconheça sua peculiaridade e se estabeleçam claramente seus limites.

Lembramos que a presença dos gregos no Mediterrâneo incluía desde a Idade do Ferro Inicial áreas não contíguas que se espalhavam pela costa da Ásia Menor, das Cíclades, Chipre, Creta, atingindo, em período arcaico, as costas da Sicília, Magna Grécia, Mar Negro e o norte da África. Um espaço geográfico tão amplo, onde os helenos interagiram com outras populações criando formas culturais e identidades próprias durante séculos, certamente produz uma quantidade infindável de informação impossível de ser acessada e processada no limite de uma pesquisa de mestrado. Seguindo essa premissa, nossa pesquisa se fundamentou principalmente no estudo de algumas áreas específicas dentro da Península Balcânica, alcançando sítios localizados na Eubéia, Grécia Central, na Ática e Peloponeso.

Essas regiões foram definidas a partir da categorização regional apresentada por Alexander Mazarakis Ainian (1997) e nas divisões que o autor apresenta para seu estudo, que tem como um dos objetivos entender as construções da Idade do Ferro Inicial na Grécia que se destacam em relação às demais presentes em um assentamento por seu tamanho, localização ou dispositivos internos. O estudo dessas construções permitiria a Ainian, que as denomina “Casas de Chefe” e/ou “Edifícios de Culto” entender a estruturação das relações de poder nos sítios da Idade do Ferro Inicial na Grécia e debater a continuidade delas como locais de culto. O “Chefe” político acumularia a função de líder religioso e sua casa seria a sede para a realização de práticas religiosas na IFI. Para tanto, o autor apresenta um inventário dessas estruturas que contempla além das regiões citadas acima, a Grécia Norte e Noroeste, as Cíclades e as ilhas a leste, a Ásia Menor e Creta; excluem-se a ilha de Chipre, Sicília e Magna Grécia.

Mapa 3: Sítios gregos e suas fundações⁴⁸.

Os sítios escolhidos para nossa pesquisa seguem um padrão de importância regional dentro de cada uma das áreas selecionadas, em função dos dados arqueológicos relativos ao final da Idade do Bronze e Idade do Ferro Inicial. A ausência de determinados locais nessa pesquisa se justifica pelo destaque ou não que tais estruturas possuem, seguindo a lógica proposta por Ainian (1997) do conceito de “Casas de Chefe” e/ou “Edifícios de Culto” que serão apresentados no próximo tópico.

No que tange ao estudo dos sítios da Idade do Ferro Inicial, a Eubéia tem um destaque particular graças aos achados de Lefkandi e o conjunto de dados que nos informam sobre a retomada dos contatos dos gregos com o Mediterrâneo Oriental após a desintegração do sistema palacial micênico. A proximidade da Eubéia com as Cíclades e as costas da Ásia Menor permitiu um intercâmbio populacional e também cultural, linguístico e comercial. O diálogo sistemático com o Médio Oriente, documentado já por volta do século 11 (se pensarmos nos achados arqueológicos de Toumba), se amplia geograficamente para o Mediterrâneo Ocidental onde os eubóicos iniciam um processo contínuo de ocupação territorial. Essas *apoikias* foram vitais para acelerar o desenvolvimento das pólis nos séculos

⁴⁸ Mapa extraído do livro AINIAN, 1997:37; mapa 1.

seguintes e partir delas se tornou possível um contato muito maior entre o Ocidente e Oriente. Esse contato, fortalecido pelas trocas comerciais, apresentou aos gregos novas formas de pensar e a mistura criada a partir desse momento, juntamente com os traços culturais construídos durante a Idade do Ferro, balizaram o que conhecemos como Era Arcaica e Clássica.

O Peloponeso, por sua vez, concentra os mais importantes sítios palaciais da Idade do Bronze e pode revelar um processo de ocupação na Idade do Ferro Inicial passível de confronto com o surgimento de polis no futuro (é o caso de Argos, Corinto) bem como certa continuidade de ocupação como é o caso do sítio de Nichória. A inserção da Ática justifica-se principalmente pelos desdobramentos da região nos períodos subsequentes da história grega.

Whitley (1991) discute a diversidade social e material presente na Grécia no período do Ferro. Segundo o autor, é possível visualizar, dentro do contexto arqueológico, que apenas o ferro seria um elemento comum em toda a Grécia, sendo que, por outro lado, a cerâmica, os enterramentos e depósitos votivos seguem padrões muito regionais, dificultando assim a criação de padrões.

Diversidade regional na cultura material é, aliás, a marca registrada da Idade das Trevas da Grécia. Cada região diferente em seu estilo de cerâmica, costumes funerários, as práticas de deposição e padrão de assentamento, e este fato pode ser dito para fornecer um caso prima facie para a diversidade social.⁴⁹

2.2. A documentação material: “Casas de Chefe” e/ou “Edifícios de Culto” na Idade do Ferro Inicial.

Alexander Mazarakis Ainian, tanto em um artigo intitulado ‘*Early Greek Temples: Their Origin and Function*’ de 1988, quanto na obra **From Rulers’ Dwellings to Temples: Architecture, Religion and Society in Early Iron Age Greece**, de 1997, trabalha com a função arquitetônica de estruturas arquitetônicas que denomina ‘Casa de Chefe’ e/ou ‘Edifícios de Culto’, analisando seus usos na Idade do Ferro como nas épocas posteriores. Neste trabalho,

⁴⁹ *Regional diversity in material culture is moreover the hallmark of the Greek Dark Ages. Every region differed in its pottery style, burial customs, depositional practices and settlement pattern, and this fact may be said to provide a prima facie case for social diversity.* WHITLEY, James. 1991: 345.

nas palavras do autor, “*minha principal preocupação é [analisar] o reflexo da situação política, social e religiosa na arquitetura*” e “*outro mais obvio e talvez mais útil objetivo tem sido reunir toda a documentação concernente à arquitetura da Idade do Ferro Inicial (EIA), facilitando aos pesquisadores na investigação de outros aspectos de um dos mais estimulantes períodos da história grega*”⁵⁰ (Ainian, 1997: 38). Utilizaremos, pois, esta importante documentação para tratar das relações entre monumentalidade, poder e religião na Idade do Ferro Inicial.

As Casas de Chefes (ou “Governantes” ou “Líderes”) e os “Edifícios de Culto”

As duas categorias de edificações da Idade do Ferro Inicial, nomeadas por Ainian como *rulers’ dwellings* e *cult buildings* são construções que atendem a certos critérios distintivos, assim estabelecidos pelo autor (Ainian 1997: 271):

- a. Apresentam características construtivas e arquitetônicas excepcionais, especialmente se comparadas com as demais casas do assentamento ou de seus entornos geográficos ou culturais;
- b. Localização proeminente, destacando-se na paisagem dentro ou nos arredores do assentamento;
- c. A decoração particularmente cuidadosa do interior;
- d. Os achados associados com o edifício e a sua distribuição.

No exame de cada estrutura arquitetônica, os critérios acima são complementados por todo o tipo de informação adicional que permita especificar a sua função, mas a distinção entre as duas categorias é, na maior parte dos casos, impossível de ser identificada com rigor. A arquitetura de dimensões monumentais ou com acabamento refinado poderá ser tanto o sinal da residência de um rico proprietário e governante local quanto um centro de culto. A hipótese de que tais figuras poderiam também assumir papéis religiosos é aceita pela maioria dos especialistas em consonância com o papel duplo igualmente exercido pelo *wanax* nos centros palaciais micênicos. (Wright, 1994)

⁵⁰ (...) *my main concern is the reflection of the political, social and religious situation in architecture. (...) Another, more obvious and perhaps more useful goal, has been to assemble all the data concerning the architecture of the EIA, thus facilitating scholars to investigate other aspects of one of the most stimulating periods of Greek history.* AINIAN, 1997: 38

2.3. Grécia Balcânica: como a Idade do Ferro moldou uma sociedade.

*Estranhamente - ou assim parecia que a ideia veio primeiro para mim - uma parte considerável do estilo de vida grego surgiu a partir de um período de tempo que foi denominado com o título depreciativo, A Idade das Trevas.*⁵¹

Partindo da premissa apresentada por Stanislawski (1973), é possível atualmente afirmar, tomando como referência os dados arqueológicos encontrados, que o cenário encontrado na Grécia Balcânica apresenta uma configuração bem diferente daquela atribuída a esse período, tanto que o nome Idade das Trevas não reflete a dinâmica vivenciada nessa área; no capítulo anterior, concluímos que o fim da sociedade micênica não criou na Grécia um vazio significativo quando se pensa na organização sociopolítica, econômica e religiosa. Seria, por outro lado, incompatível com os dados arqueológicos afirmar categoricamente que esse momento de transição foi capaz de manter as múltiplas estruturas presentes no momento anterior: o panorama pós-período palacial aponta para um momento onde o estilo de vida e o cotidiano das pessoas foi modificado, mas não a ponto de ser considerado um retrocesso. Fundamentalmente, com o fim do período micênico, a Grécia abandona um modo de vida e estruturas de poder complexas e adota formas de poder mais simples, e o regionalismo é uma das características marcantes do período. Dentro dessa realidade local, domina a figura de um líder local, o *basileus*, figura possivelmente herdada do sistema de poder palacial que, como já vimos, era centralizada em uma figura principal, o *wanax*. Será em torno da discussão dessa forma de poder e de como a estrutura construída poderá fornecer subsídios sobre o tema que versará o eixo principal de nosso trabalho.

Nos últimos anos, a arqueologia como um todo vem passando por mudanças que aos poucos permitem entender o funcionamento das pequenas nuances presentes em cada sítio escavado. Assim, o exame das estruturas arquitetônicas, além de explicar a técnica construtiva em si, nos permite acessar o sistema simbólico que a sociedade deixa impregnado em toda a sua produção material. No trabalho de Morris (1998), é possível visualizar isso quando o autor afirma que:

⁵¹ *Strangely – or so it seemed when the idea first came to me – a considerable part of the Greek way of life emerged from a period of time that has been dismissed with the depreciatory title, The Dark Age.* STANISLAWSKI, D. 1973: 397.

*Toda a análise arqueológica deve começar com um esforço para entrar nas linguagens simbólicas não-verbais de pessoas no passado - o "sistema de objetos", como Baudrillard (1968) chamou - o que gerou os padrões de deposição que originalmente formavam o registro arqueológico.*⁵²

Nesse trecho, o autor explica que a linguagem não verbal é significativa para poder entender não apenas o registro arqueológico, mas também entender como se deu sua formação e porquê de cada objeto estar onde está. Convém destacar que esse registro nada mais é que um simples “espelho” do que foram as sociedades do passado e que cabe ao arqueólogo visualizar nesta documentação estática como se dava a dinâmica social, ou seja, como era o modo de vida desses antigos grupos sociais.

Em nosso caso específico, o caminho segue dos vestígios materiais identificados como sinais da forma de estrutura política e social da Idade do Ferro Inicial para uma busca de interpretação das práticas sociais vigentes. Destacaremos, a seguir, um modelo de análise das sociedades pré-modernas que vem sendo aproximado do estudo das sociedades gregas da Idade do Ferro Inicial, fazendo uso da analogia etnográfica.

Inspirados no estudo de M. Mauss “Ensaio sobre a Dádiva” (1988), apropriado por antropólogos no estudo de sociedades tradicionais contemporâneas Leach, (1996) arqueólogos como Ian Morris (1986) e James Whitley (1991) entendem ver nas sociedades da Idade do Ferro Inicial grega, a presença de um tipo de chefia local (“Big Man”) estruturada com base na prática da chamada “troca compulsória de presentes”.

Estudada por Morris (1986), a “troca compulsória de presentes” entre os *basileus*, chefes locais que estariam substituindo o sistema de poder centralizado dos palácios, seria uma estratégia para a criação e manutenção de redes de fidelidade entre pares que, assim, selariam uma forma de controle político sobre uma determinada região. Arqueologicamente falando, o estudo das trocas de presentes não produz vestígios marcantes no registro estratigráfico deixando disponível apenas o estudo das possíveis esferas de troca, que seriam os locais de habitação desses chefes regionais.

⁵² *All archaeological analysis must begin with an effort to enter into the non-verbal symbolic languages of people in the past – the ‘system of objects’, as Baudrillard (1968) called it – which generated the patterns of deposition which originally formed the archaeological record.* MORRIS, Ian. 1998: 5.

*O principal problema para o arqueólogo é, naturalmente, a invisibilidade da maioria dos contextos sociais de troca de presentes. Presente dados em casamentos, cerimônias de iniciação de vários tipos e o estabelecimento de laços de amizade não pode ser esperado por produzir um resíduo de material reconhecível.*⁵³

Tais trocas existiam mesmo não sendo possível dimensioná-las nos vestígios presentes no registro arqueológico. Morris (1986) defende essa ideia afirmando que todo aquele objeto que desaparece repentinamente do registro estratigráfico automaticamente é potencializado como possível objeto de troca, ou seja, a ausência justifica a sua importância. Essas trocas também eram balizadas no que o autor considerava como o valor intrínseco de cada objeto. Quando a troca acontecia envolvendo objetos de alto valor como, por exemplo, objetos de metal ou de grande valor simbólico, acabam gerando certa dependência por parte das pessoas que o recebiam. Isso ocorre porque, nessa troca, o líder com maior poder acaba centralizando nele aqueles chefes de menor influência a partir do intercâmbio de presentes significativos mantendo-os, assim, na sua esfera de controle. Esses objetos assumiam alto valor de prestígio por serem raros, exóticos, assim, quando algum deles começava a se tornar mais comum, o valor simbólico agregado nessa troca de presentes perdia valor.

*Se os objetos se tornam muito comuns, perdem seu valor de prestígio, e mudanças no que constitui a mais alta classificação de presentes podem alterar a composição do grupo de maior status social, portanto, tendem a ser resistidas pelo grupo de elite como uma tática básica de reprodução social. Por esta razão, a destruição de riqueza, pode ser a única dimensão de comportamento relacionado com a troca de presentes com sua manifestação direta no registro arqueológico podendo assim ser de grande valor para a compreensão de uma sociedade antiga.*⁵⁴

⁵³ *The main problem for the archaeologist is of course the invisibility of most of the social contexts of gift exchange. Gift giving at weddings, initiation ceremonies of various kinds and the establishment of ties of guest-friendship cannot be expected to produce a recognizable material residue.* MORRIS, Ian. 1986: 7.

⁵⁴ *If objects become too common, they may lose their prestige value, and changes in what constitutes the highest rank of gift may alter the membership of the highest social status group, and will therefore tend to be resisted by the elite group as a basic tactic of social reproduction. For this reason the destruction of wealth, as well as being the only dimension of gift-related behavior with a direct manifestation in the archaeological record can be of great value for the understanding of an ancient society.* Idem. Pág. 9.

Morris (1986) acredita que a única forma de perceber a existência dessa troca de presentes é através da análise minuciosa de pequenos vestígios dentro de um sítio, por exemplo, o acúmulo de metal em uma determinada habitação.

Tandy (1997), estudando a mesma questão acredita que tal prática sempre se dava de forma linear, ou seja, acontecia entre iguais e gerava o que ele chama de “*gift/counter gift*” que significa ser presenteado após oferecer um presente.

*A instituição de reciprocidade, que tem sido muitas vezes chamado de ‘gift exchange’ ou ‘gift/counter gift’, é um sistema pelo qual as mercadorias dentro de uma sociedade podem se locomover ao longo das linhas de uma grade de parentesco ou outros relacionamentos.*⁵⁵

O autor também afirma que essas práticas não geravam necessariamente a obrigação de presentear novamente. O que poderia acontecer era a criação de um “compromisso” de receber um presente para aquele que o concedeu. Isso acontecia muito entre o *Big Man* e seus súditos que recebiam as mercadorias e em retribuição juravam lealdade e apoiavam o líder.

Finley (1982) também discute essa prática de troca de presentes e lhe atribui um sentido específico, uma estratégia para a circulação de bens de alto valor simbólico. Para ele, a construção das relações se fundamentavam na quantidade e qualidade dos presentes trocados e isso acabava consolidando uma relação entre o *Big Man* e os demais membros de seu grupo.

*Grandes homens poderiam oferecer alguma segurança econômica que anteriormente tinha sido fornecida pelos palácios. Mas grandes homens também tiveram que atrair seguidores, quando os seguidores eram difíceis de encontrar.*⁵⁶

A relação entre o *Big Man* e seu séquito também é estudada por Whitley (1991), que define esse conceito como a representação daquele líder local que, com o fim da época micênica, se destacou dentre os demais e assumiu o controle de um espaço regional; essa

⁵⁵ *The institution of reciprocity, which has often been called ‘gift exchange’ or ‘gift/counter gift’, is a system whereby goods within a society move along the lines of a grid of kinship or other relationships.* Tandy, David W. 1997: 94.

⁵⁶ *Big men could offer some of the economic security that had previously been provided by the palaces. But big men also had to attract followers, when followers were hard to come by.* WHITLEY, James. 1991: 351.

figura política mantém ao seu redor grupos de guerreiros que exercitam a prática constante de trocas de presentes com a intenção clara de manter os vínculos entre os membros do grupo. Para Whitley, o conceito de *Big Man* está fortemente atrelado a uma realidade que transcende a questão da troca de presentes e das esferas de influência dentro desse séquito que acompanha o líder. Uma das questões que permeiam a Idade do Ferro, segundo Whitley (1991) e Binford (1983) é a ausência de população e de mão de obra capaz de manter a produção econômica em níveis aceitáveis. A relação existente entre essa questão e o poder do *Big Man* se encontra na quantidade de mão de obra disponível para o trabalho.

*Em sistemas do tipo “Big Man”, a competição é pelas pessoas (em vez de bens ou da terra) e o resultado é a gravitação residencial real de pessoas para as cercanias dos grandes homens. Status acumulado, no entanto para aqueles que podem oferecer aos outros a segurança por conta do número de alianças que eles têm Quando as colheitas vão mal, os seguidores de um “Big Man” estão protegidos a curto prazo, porque ele pode usar suas alianças para conseguir comida para apoiá-los; mas assim que ele começa a cancelar alianças, ele perde o status.*⁵⁷

O status de poder desse líder local está intimamente relacionado com sua capacidade de agregar quantidades significativas de população ao seu redor. Esse acaba sendo o grande bem da época, mão de obra e não terras, uma vez que existem grandes espaços de terra despovoados na Grécia. O *Big Man* seria capaz de reunir população ao seu redor pelo fato de poder-lhes oferecer uma situação mais estável do que elas poderiam encontrar em outros locais. A capacidade de conciliar proteção e uma administração estável, em períodos de crise, tornava esse líder capaz de aumentar consideravelmente seu poder e influência, característica essa atrelada diretamente a sua capacidade de manter e aumentar seu séquito, pois sem eles todo amparo prometido não teria valor. Isso se dá porque o *Big Man* desprovido de alianças não teria poder suficiente para fornecer provisões e proteção em períodos de crise a todos que se encontravam ao seu redor.

⁵⁷ *In big man systems, the competition is for persons (rather than goods or land) and the result is the actual residential gravitation of people to the neighborhood of big men. Status however accrues to those who can offer others security on account of the number of alliances they have. When the crops do fail, the followers of a big man are protected in the short run because he can use his alliances to get food to support them; but as soon as he begins to cancel alliances by calling them in, he loses status.* BINFORD, Lewis R, 1983: 219.

*O despovoamento favorece os sistemas de big man, e, em tais sistemas "não são mercadorias que se movem, mas as pessoas". Nesta situação, seria de esperar um padrão de assentamento instável, que é exatamente o que encontramos no Kavousi e Lefkandi. Como os assentamentos, a autoridade também é instável. Depende inteiramente de qualidades pessoais do big man, em sua capacidade de atrair e manter uma sequência. A autoridade é transitória e pessoal.*⁵⁸

No contexto arqueológico é possível identificar grupos onde a presença do *Big Man* existia através de algumas características particulares encontradas na escavação. A primeira delas é a ausência do uso do espaço por várias gerações. Em Lefkandi, por exemplo, é possível identificar apenas uma geração no uso da estrutura apsidal descoberta. Isso indica a presença de um líder local forte, mas ao mesmo tempo incapaz de transmitir seu poder a seus descendentes comprovando assim que o poder não era hereditário. Outro fator importante para entender seu uso regionalmente seria a estrutura em si, suas dimensões e localização. Essa visão mais voltada para a arqueologia da paisagem torna possível montar o panorama abrangendo não só questões físicas, mas ambientais, fazendo com que a interpretação desse contexto arqueológico se torne mais completo.

Uma das características marcantes do poder do “chefe local” ou *basileu* e destacada pelos autores é a sua fragilidade, trata-se, portanto, de uma autoridade efêmera e não herdada, os descendentes do chefe, quando de sua morte, devem provar que estão à altura da função. Na *Odisseia*, Homero relata o que pode ser considerado um indício desta forma de poder: na ausência de Ulisses, afastado longo tempo de seu *oikos* para lutar em Tróia, os seus pares, chefes locais que, naquele momento subordinavam-se a ele, tomam de assalto sua casa em Ítaca, sem respeitar a figura de Telêmaco, seu filho. O relato homérico é claro, a autoridade de Ulisses se desfaz com a sua ausência e Telêmaco nada pode fazer contra os desmandos perpetrados no palácio de seu pai. Os seguidores do herói não prestam respeito ao seu filho e acabam abusando e delapidando as riquezas existentes no *oikos* e até mesmo disputando Penélope, mulher de Ulisses e mãe de Telêmaco. Somente a volta de Ulisses e consequente matança dos invasores restaura o poder do herói. Nas palavras de Homero:

⁵⁸ *Depopulation favours big-man systems, and in such systems 'it is not good that move, but people'. In this situation we would expect an unstable settlement pattern, which is exactly what we find at Kavousi and Lefkandi. Like the settlements, authority too is unstable. It depends entirely on the big man's personal qualities, on his ability to attract and maintain a following. Authority is transient and personal.* WHITLEY, James. 1991: 349.

*“Mas carrancudo Ulisses: ‘Cães, julgando
Que eu de Ílio não viesse, consumida
Nossa fazenda, as servas estupráveis,
E de um vivo a consorte pretendíeis,
Sem pejo nem temor de homens e deuses!
Agora transporeis o umbral da morte’”*.⁵⁹

O trecho do Livro XXII assim retrata o retorno do herói e sua atitude frente aos “pretendentes”. Com base neste relato seria possível afirmar que o *Big Man* ou *basileus*, em uma sociedade dessa natureza, com o poder pulverizado em chefias locais, não consegue manter seu poder apenas pelo nascimento, ele precisa conquistar e construir sua esfera de influência, assim como seu pai e demais ancestrais teriam feito antes dele.

Seguindo nessa linha de raciocínio, na Idade do Ferro Inicial, além da prática de troca de presentes associada à forma de poder típica do *Big Man* ou *Basileu*, podemos inserir uma discussão sobre o conceito de *herói* para verificar se ele se aplica no âmbito dessa sociedade. Sabe-se que algumas estruturas encontradas em escavações referentes a esse período estão sendo relacionadas com o culto à memória ancestral de algum herói ou dos próprios antepassados. Lefkandi, Erétria e Oropos são sítios onde há uma grande discussão sobre se esse culto era realmente praticado nas construções conhecidas como “Casas de Chefe” (Ainian, 1997: 349-357; Souza, 2005). Tal afirmação pode ser feita tendo em vista certos vestígios materiais encontrados naqueles espaços, como por exemplo, restos de fogueiras, ossos de animais queimados, que poderiam indicar a prática religiosa, da mesma forma que a lareira dos palácios micênicos assim é interpretada por Wright:

Kilian propôs um termo para o fenômeno da ênfase da autoridade política na sociedade micênica: ele chama isso de “wanax ideology”. À luz do presente estudo este termo representa apenas metade da equação porque focaliza somente o governante e esquece a lareira e os rituais a ela associados que o governante empreende; uma expressão preferível poderia ser “heart-wanax ideology”.⁶⁰

⁵⁹ HOMERO, Livro XXII: 376.

⁶⁰ WRIGHT, 1994: 59.

2.4. Lefkandi: uma “Casa de Chefe” na Eubéia?

A figura abaixo, extraída do inventário de estruturas arquitetônicas apresentado no Capítulo 3 dessa dissertação, representa o sítio de Lefkandi com a estrutura monumental de Toumba, e a partir dela vamos discutir a questão da função de uma “Casa de Chefe” que também é interpretada como um *Herôon*. (V. discussão em Ainian 1997 e Souza 2005)

Figura 11: Lefkandi – Toumba; Plano da construção. (Ainian, 1997)

Esta imagem, segundo Ainian (1997), pode ser considerada a melhor planta representativa do que vem a ser uma estrutura residencial de um chefe local. Pode-se perceber analisando a imagem que a construção está dividida em vários compartimentos especializados, cada um deles identificado pelos achados subsistentes. Na área central foram encontrados enterramentos humanos e de animais: uma urna funerária (ânfora/ cratera anforóide em bronze, originária de Chipre, datada dos sécs. XIII / XII a.C.) contendo cinzas de um indivíduo do sexo masculino, um esqueleto feminino adornado com joias valiosas. Dentre os objetos associados predominam artefatos que indicam status elevado, como produtos vindos do Levante e armas (espada, lança de ferro). Os esqueletos de quatro cavalos completavam o conjunto funerário; abaixo deste nível foi encontrada uma enorme cratera fragmentada.

Figura 12: Planta da cremação masculina e enterramento feminino. (Whitley, 2001)

Ainian (1997) integra esta construção em seu catálogo de “Casas de Chefe” e refuta a função de *Herôon* pela ausência de sinais de rituais sistemáticos no local, embora reconheça que os chefes teriam sim um papel nas práticas religiosas:

*Os basileus na Idade das Trevas, que nos tempos de Micenas foram, talvez, um representante local do wanax, teriam herdado os deveres religiosos e prerrogativas que anteriormente eram detidos pelo wanax. O reino dos basileus na Idade das Trevas era muito menor do que os da época micênica, às vezes simplesmente compreendendo uma aldeia e seus arredores imediatos. Foi uma evolução natural que, em tais comunidades, o líder agiu como o principal sacerdote da comunidade.*⁶¹

A interpretação de Ainian (1997) nos parece a mais convincente diante da documentação arqueológica remanescente: o local teria sido, de fato, a residência do líder e, após sua morte, a estrutura foi coberta de terra e toda a área se tornou o cemitério de Toumba, onde era enterrada a parcela mais poderosa da comunidade. Um dos argumentos que sustentam nossa opção diz respeito aos artefatos encontrados no interior do edifício e que evidenciam o uso do espaço por pouco tempo. Dentre eles, Ainian destaca a cratera de grandes dimensões localizada **sobre** os sepultamentos:

*No entanto, a hipótese mais óbvia seria a de que a cratera era como vaso cerimonial ou de culto que foi usado durante a festa ritual realizado em honra do falecido no momento da cerimônia funerária. (...) O edifício foi imediatamente desmontado e coberto por um monte enorme e a área foi doravante usada como um cemitério que provavelmente pertencia aos descendentes do 'casal real'.*⁶²

⁶¹ *The Dark Age basileus, who in Mycenaean times was perhaps a local representative of the wanax, would have inherited the religious duties and prerogatives which were previously held by the wanax. The kingdoms of Dark Age basileus were much smaller than those of the Mycenaean era, sometimes simply comprising a village and its immediate surroundings. It was a natural development that in such small communities the leader acted as the chief priest of the community.* HÄGG, Robin; MARINATOS, Nanno; NORDQUIST, GULLÖG, C. 1988: 114.

⁶² *However, the most obvious assumption would be that the krater was as ceremonial or cult vessel which was used during the ritual feast performed in the honour of the deceased at the moment of the funerary ceremony. (...) The building was immediately afterwards dismantled and covered by a huge mound and the area was henceforth used as a burial ground which probably belonged to the descendants of the 'royal couple'.* AINIAN, Alexander Mazarakis. 1997: 57.

Figura 13: Representação geográfica de Lefkandi e seus arredores.

Na imagem acima é possível visualizar o sítio de Lefkandi, com a “Casa de Chefe” localizada no ponto mais alto da área. Podemos interpretar este fato em dois momentos sequenciais: no primeiro, o edifício construído pelo *Big Man* com a intenção de ser visto por todos, além de facilitar a defesa e ser o destaque na geografia da região; em uma ação subsequente, os descendentes (ou seguidores) desse líder construindo o Cemitério Toumba nesse local com a intenção de dar destaque ao espaço do enterramento uma vez que este seria utilizado como monumento para a preservação da memória do mesmo (Souza, 2005). Esse

conceito de memória está intimamente atrelado ao ideal do herói, daquele líder capaz de congrega ao seu redor guerreiros, mão de obra e manter estável toda uma estrutura suficientemente forte para sustentar essa sociedade agregada. A imagem também fornece uma visão mais ampla de todo o contexto funerário presente não apenas no espaço de “Casa do Chefe” como ao seu redor. Nas palavras de Camila Diogo de Souza (2005), a riqueza dos enterramentos do Cemitério Toumba indica que:

*Enterrados ao lado do local onde estava sepultado seu “chefe”, esses guerreiros reivindicavam laços legítimos ou inventados que os conectassem ao líder promovendo a consolidação e a manutenção dessa camada no domínio da comunidade. Dessa maneira, a localização do Cemitério Toumba deve ter sido um ato proposital. Esta escolha deve ter ocasionado a reestruturação das funções do edifício Toumba, transformado em um grande marco funerário, a fim de servir aos novos propósitos de toda a colina: um cemitério onde se enterrariam os guerreiros destacados da comunidade.*⁶³

O conceito de herói talvez tenha origens durante a época micênica quando os integrantes de uma mesma família aristocrática eram enterrados nas chamadas “tumbas reais”, e em um deles, a presença de uma máscara funerária em ouro representava sua posição especial. Seria o ancestral reconhecido como o fundador do clã ou como o responsável pelo poder e riqueza da família? Durante toda a Idade do Ferro Inicial, o culto a personagens associados ao passado foi mantido na Grécia Balcânica, assumindo conotações específicas conforme a região (Antonaccio, 1998). Em Homero, o herói é aquela personagem que transcende as características do simples mortal do homem comum. Suas habilidades como guerreiro o distanciam dos demais e sua atuação é individual.

Quando se transfere esse ideal heroico para a realidade na Idade do Ferro Inicial, a situação acaba se modificando, pois, nesse momento, o *Big Man* não trabalha sozinho como ocorre nos mitos homéricos. Na sociedade em que se encontra, o líder fundamenta sua existência na convivência e manutenção de vínculos de amizade, liderança para com seu séquito. Isso acontece, segundo Whitley (1991), porque tal personagem, com todas suas qualidades e uma aura de liderança, é capaz de manter organizada toda a estrutura hierárquica e social ao seu redor.

⁶³ SOUZA (2005): 165 e pranchas 8-29.

A seguir, veremos como as fontes escritas, especialmente Homero, poderiam fundamentar hipóteses sobre a sociedade da Idade do Ferro Inicial na Grécia.

2.5. Homero: uma representação da sociedade da Idade do Ferro?

*De facto, no decorrer da história nenhum poeta, nenhuma personalidade literária ocupou na vida do seu povo um lugar semelhante, ele foi o símbolo por excelente deste povo, a autoridade incontestada dos primeiros tempos da sua história e uma figura de importância decisiva na criação do seu panteão, assim como o seu poeta preferido, o mais largamente citado.*⁶⁴

Dos escritores que retrataram momentos históricos na civilização ocidental, Homero e suas obras, **Ilíada** e **Odisseia**, figuram como as mais emblemáticas e marcantes de um período. Debatida exaustivamente durante séculos, essas obras, até hoje, são motivo de controvérsia e discussão, principalmente no que tange ao período que elas retratam e a seus personagens icônicos. O trabalho de Finley (1954), ainda nos anos 1950, foi um marco decisivo no debate sobre o uso da Ilíada e Odisseia como fonte para o conhecimento da sociedade e das instituições presentes na Grécia no período pré-políade. Ao descartar os poemas como retratos da época micênica como eram vistos por estudiosos de Homero na época, Finley identifica o **Mundo de Ulisses**, título de seu livro em época pós micênica, entre os séculos 10 e 9. Ian Morris, no longo e denso artigo “*The use and abuse de Homer*” publicado em 1986, procura retomar a questão e discute minuciosamente os argumentos de Finley (e outros autores como Andrewes (1961)) e propõe a identificação das sociedades “homéricas” como construtos de época arcaica.

Morris (1986) estabelece que, diante de evidências limitadas relativas aos poemas, novas abordagens e novas questões devem ser equacionadas e coloca como via de acesso a compreensão dos processos implicados na composição dos poemas: “*como, quando, porque e para quem a Ilíada e a Odisseia foram criadas*” (Morris 1986:82). Neste sentido, a antropologia moderna é de grande auxílio, pois vem trabalhando com a relação entre a poesia oral e a sociedade que a produziu e o passado distante a que se referem. Inspirado em estudos

⁶⁴ FINLEY, Moses. 1982: 13.

antropológicos que revelam a contemporaneidade dos eventos narrados pela literatura oral, Morris defende a hipótese – hoje compartilhada por muitos historiadores e arqueólogos⁶⁵ – de que “as instituições e os modos de pensar presentes nos poemas eram, em última análise, derivadas do mundo em que Homero e sua audiência viviam, e não são memórias de culturas desaparecidas de 500, 400, ou ainda 100 anos atrás. (Morris 1986:82). Para o autor, tudo o que se conhece sobre poesia oral – via estudos antropológicos, históricos e linguísticos – e muito das evidências internas dos poemas permitem afirmar que a estrutura social da **Ilíada** e da **Odisseia** devem derivar da cultura grega da segunda metade do século 8, ou seja, da época em que o poeta vivia. Enquanto uma representação poética a partir de sua ótica, Homero exagera ou minimiza práticas sociais daquele momento.(Morris, 1986, passim)

Ao se fazer uma comparação entre algumas características presentes na IFI e em Homero, é possível traçar paralelos quando se pensa em trocas de presentes, relação entre o líder e seu séquito, disputa de poder e aquisição de mercadorias, tanto pela guerra como pelo comércio. Para tal, Finley (1982) se torna fundamental, uma vez que o autor constrói uma interpretação baseada na *Ilíada* e *Odisseia* capaz de conectar essas características na obra de Homero.

O cerne da argumentação de Finley para descartar o século 8 está na ausência de instituições que ele acredita existirem na época: “... em nenhum poema há qualquer traço da *pólis* em seu sentido político...”, ... “nem escrita, nem armas de ferro, nem cavalaria em cenas de batalha, nem colonização, nem mercadores gregos, nem comunidades sem reis” (Finley 1978: 34, 48; apud Morris, 1986:96). Não temos como, no âmbito desta dissertação, apresentar todos os argumentos de Morris, desconstruindo esta interpretação a partir do próprio texto homérico (v. especialmente Morris, 1986:97-104), mas destacaremos a questão do poder político que nos interessa diretamente. Os *basileis* homéricos são figuras destacadas em seu meio social e que receberam de Zeus a tarefa de governar, como portadores do cetro destacam-se frente aos demais por suas virtudes; Agamenon adverte Aquiles que sua raiva, especialmente a exposição de um comportamento desmedido, é incompatível com a figura de um *basileus* (*Ilíada*, 1.80-83). O demos é menosprezado, como se vê no episódio envolvendo Tersites e o que o poeta canta é o que a elite que o ouve gostaria de ouvir, diante de uma

⁶⁵ V. Discussão de Morris sobre os estudos antropológicos e a bibliografia apresentada (1986).

situação social real do sec. 8 em que o demos disputa a participação no poder. Nas palavras de Morris, “...vemos o século 8 por meio de lentes distorcidas”.

Quando pensamos espacialmente, a Grécia continental e os sítios selecionados para o estudo nessa pesquisa possuem uma proximidade grande com o litoral (Ver Mapa 4). Segundo Homero, esses líderes locais frequentemente organizam expedições com o intuito de realizar saques em regiões vizinhas. O objetivo fundamental dessas ações se fundamentava na necessidade de constituir um ‘tesouro’ significativo de bens em suas residências. A função disso variava entre impressionar os visitantes, ser capaz de presentear os convidados e construir uma base sólida para seu poder e nada teria mais força de sentido do que objetos adquiridos no exterior, pois eram em sua maioria exóticos e de difícil aquisição.

Mapa 4: Sítios plotados que são objetos de estudo nessa dissertação.⁶⁶

Finley apresenta o seguinte trecho da *Ilíada* onde existe uma afirmação feita por Ulisses que vem delinear a questão acima: “Doze cidades devastei com meus navios e, por terra, conto onze tomadas ainda por mim na fértil Tróia. E a cada uma arrebatei um amplo e precioso tesouro”.⁶⁷ Esses objetos fazem parte do tesouro desse líder e na *Odisseia* são

⁶⁶ A ferramenta utilizada foi o aplicativo Google Earth.

⁶⁷ *Ilíada*, IX, 328-331 *apud* FKINLEY (1982): 66.

desperdiçados violentamente pelos pretendentes que almejavam ocupar o lugar de Ulisses como *wanax* de Ítaca. Essa questão da dilapidação dos bens de Ulisses engloba questões amplas como, por exemplo, uma maneira de debilitar esse líder, uma vez que ele não é capaz de preservar seus bens, enfraquecer a posição de Telêmaco como possível sucessor do pai e uma forma de ostentação do que cada um dos presentes pode utilizar diante da população local.

O poder então se torna visível construindo residências monumentais, com características arquitetônicas fora do padrão (vide a espessura das paredes dessas residências que podem ser vistas no Inventário dessa pesquisa) onde o gasto excessivo de material denotava uma possibilidade de consumo descomunal de materiais e mão de obra e em seguida a aquisição de mercadorias ditas exóticas para a composição de um tesouro ou despensa diversificada e abundante. Podemos perceber na obra de Homero no trecho onde Telêmaco, preparando sua viagem a Pilos, desce até a despensa de seu pai: “*desceu ao espaçoso armazém de seu pai, de tectos muito altos, onde se amontoavam o ouro e o bronze, as arcas de tecidos e havia uma grande abundância de óleos fragrantes; ainda jarras de um velho vinho licoroso, cheias de uma pura bebida divina, alinhadas ao longo da parede*”.⁶⁸ Tais fatores, aliados aos demais pontos citados na arquitetura e comércio acabam criando uma ideia forte de consumo conspícuo que será mais bem estudado no próximo capítulo.

*O oikos era antes de mais uma unidade de consumo. As suas atividades, na medida em que visavam a satisfação das necessidades materiais, eram orientadas por um princípio, o de responder às necessidades de consumo do senhor e da sua gente, se possível graças aos produtos do domínio, completados pelo saque.*⁶⁹

Essas necessidades de consumo englobam a troca de presentes que existe no período da Idade do Ferro e que se pode notar também nas obras de Homero. No caso da Odisseia, é possível notar uma passagem apresentada por Finley onde Ulisses sendo um estrangeiro em sua própria terra conversa com seu pai, Laertes e diz: “*Recebeu sete talentos do meu belo ouro trabalhado, sem contar uma cratera com flores desenhadas, toda em prata, doze mantos*

⁶⁸ Odisseia, II, 337-342, *apud* FINLEY (1982): 60.

⁶⁹ FINLEY, 1982: 58.

não dobrados, outros tantos tapetes e belas faixas, ainda outras tantas túnicas e, para acabar, tomou à sua escolha quatro bonitas mulheres e hábeis trabalhadoras”⁷⁰.

Com essas citações da obra de Homero é possível vislumbrar situações aonde o poeta apresenta uma base para o estudo dessa sociedade, e através do estudo de Finley (1982), se torna mais factível construir pontes entre as sociedades Homéricas e da IFI. As questões relativas à monumentalidade, a troca de presentes, demonstração e disputa de poder, símbolos de status, dentre outras, acabam se tornando mais claras e evidentes quando se estuda a *Ilíada* e *Odisseia* e isso torna possível seu uso como uma fonte escrita válida para o entendimento da Idade do Bronze e especialmente a do Ferro. Snodgrass (2004) fundamenta sua opinião na cronologia dessas obras para um período anterior ao século VIII a.C., uma vez que muitas cerâmicas desse período possuem ilustrações que remetem a *Ilíada* e *Odisseia*. Particularmente acredito que o autor está correto em afirmar isso, pois a quantidade das cerâmicas encontradas é expressiva e se existiam representações referentes a essas obras, então se pode acreditar que elas eram divulgadas no período em questão, a Idade do Ferro.

Com frequência, a tácita argumentação tem mais ou menos este teor: “Se essa representação pictórica do vaso foi inspirada por Homero, então os poemas de Homero já deviam estar em circulação na época; mas essa representação me parece que foi inspirada numa cena de Homero; logo, os poemas homéricos provavelmente já estavam em circulação.”⁷¹

Partindo dessa premissa é importante destacar que o autor fundamenta suas pesquisas na interpretação das cerâmicas encontradas e constrói, a partir delas, a ideia de que Homero esteve presente sim na cultura da Idade do Ferro. Snodgrass (2008) ainda discute em sua obra a possibilidade de duas escolas de pensamentos opostos. Uma delas formada pelos “fundamentalistas” que desejam atribuir aos artistas do período um desejo de representar a ***Ilíada* e *Odisseia***. Oposta a essa primeira interpretação se encontram os “ultra céticos” que negam qualquer possibilidade desse tipo de explicação ter ocorrido durante o período. .

⁷⁰ Idem: 62.

⁷¹ SNODGRASS, Anthony. 2008: 37.

Figura 14: Cratera Ática do Geométrico Tardio: 750–700 a.C. Geometric, Attributed to the Hirschfeld Workshop. Greek, Attic.

A discussão persiste na obra de Snodgrass (2008) e acaba se desenrolando para questões básicas, como por exemplo, havia ou não escrita durante o período? Os artistas seriam capazes de representar poemas orais em suas obras? Qual a real datação dos poemas de Homero? Tais fatores são importantes para o debate, principalmente o questionamento sobre a datação dos versos, porém uma discussão a respeito da interpretação iconográfica e iconológica não cabe nessa pesquisa. Contudo, convém destacar que alguns vasos podem ser interpretados como cenas e passagens da *Ilíada* e que, em sua grande maioria, os que foram encontrados nos registros arqueológicos estão contextualizados em crateras e em marcos funerários.

Essa questão é tão importante que o conceito de memória está presente em estudos escritos desde o início do século XIX, como por exemplo, o artigo de Goldwin Smith, *The*

Age of Homer, onde o autor faz alusão a como os antigos eram capazes de recitar os poemas homéricos com tanta intimidade como se fosse algo vivido por eles. Isso pode ser considerado como uma prova de que o sentimento de memória e pertencimento sempre foi forte quando pensamos nos gregos e seus mitos. Na citação que se segue, Smith (1901) confere a importância da memória exatamente no ponto de preservação dela fazendo um comparativo às peças de Shakespeare:

*Memória, que é verdadeiramente dito, seria mais forte antes do uso geral da escrita; e até mesmo em nossos dias, existem homens que poderiam dizer pelo coração um grande número de peças de Shakespeare. A dificuldade seria, não na transmissão, sem escrita, mas na composição.*⁷²

Dickinson (1986), em seu artigo busca entender se Homero foi, ou não, o poeta que representou a Idade do Ferro em suas obras. Ele começa questionando a validade da memória dos *aedos* e sua capacidade de recitar todos esses poemas com facilidade não se valendo de artifícios para isso. O autor acredita que o poema recitado precisa ser questionado, pois não existe garantia que tudo seja verossímil com o original.

*O fato indubitável que imensas quantidades de informações podem ser memorizadas e transmitidas oralmente, porém não há garantia de que o material é historicamente verdadeiro, mesmo que isso foi reivindicado por ele.*⁷³

Ao mesmo tempo, se o *aedo* consegue ver em seu momento presente, elementos capazes de remeter a características do poema, é possível afirmar que tais eventos podem estar acontecendo simultaneamente, ou seja, o *aedo* vive aquela realidade. No caso da *Ilíada* e *Odisseia*, o debate permanece uma vez que ela faz alusão a momentos do Bronze e do Ferro tornando assim sua datação complexa de ser realizada.

Os poemas de Homero acabam por retratar um compêndio de momentos distintos da história grega e, segundo o autor, isso acontece porque tanto o *aedo* como a sua plateia

⁷² *Memory, it is truly said, would be stronger before the general use of writing; and even in our day we have had a man who could say by heart a great number of the plays of Shakespeare. The difficulty would be, not in the transmission without writing, but in the composition.* SMITH, Goldwin. 1901: 5.

⁷³ *The undoubted fact that immense quantities of information can be memorized and passed on orally is no guarantee that the material is historically true and unhampered-with, even if this was claimed for it.* DICKINSON, O.T.P.K. 1986: 22.

precisam se identificar com o que está sendo dito para existir dessa forma uma sensação de pertencimento a essa poesia.

*O épico não é uma apresentação realista de uma sociedade ou a idade: ao contrário, é uma fantasia, mas uma fantasia na qual, nem compositor, nem público podem imaginar ou simpatizar com um mundo totalmente estranho, a realidade continua rompendo barreiras.*⁷⁴

Dickinson (1986) acredita que ao se pensar que os poemas de Homero retratam apenas um momento específico dentro da história grega é um erro, uma vez que ele considera as obras como algo livre das amarras de um período de tempo.

Morris vê a poesia como um “instrumento ideológico” que os *aristoi* – ou os chefes, ou basileis ou *Big Man* – usam na tentativa de garantir sua posição de destaque. Isto ocorre em um momento em que a sociedade está mudando e as reivindicações de participação política daqueles que tiveram acesso à terra ou enriqueceram com as trocas pressionam a “velha ordem”. O século 8 é uma época de tensões e sabemos que em períodos de crise a volta ao passado é um recurso muito utilizado para legitimar situações que estão sendo questionadas. Homero provê os ameaçados de representações de uma época passada apresentada como ideal. E Morris conclui:

*Mas Homero não é o único exemplo da intrusão da Idade Heróica no século 8. O florescimento da arte representativa em Atenas e outros lugares por volta de 750 a.C. é dominado por cenas de batalha e de funerais suntuosos onde o contemporâneo e o heróico estão emaranhados. No mesmo momento a atividade cultural tem início nas tumbas micênicas. **Em ambos os casos, o repentino aparecimento do passado no presente pode ser visto como um recurso para a legitimação por analogia** na parte dos basileis da Grécia Geométrica.*⁷⁵ (grifo nosso)

E finalizamos este capítulo com as palavras emblemáticas de Morris, concluindo o seu artigo:

⁷⁴ *No epic is a realistic presentation of a society or age: rather, it is a fantasy, but a fantasy in which, because neither composer nor audience can imagine or sympathize with a wholly alien world, reality keeps breaking through.* Idem: 24.

⁷⁵ MORRIS, Ian, 1986: 129.

*O retroagir das genealogias para trás até os heróis (P.ex. Herodoto 7.204; 8.131.2) e o uso de cenas heroicas em marcadores de sepulturas mais ainda reforçam que os basileis do século 8 eram os descendentes diretos dos basileis heroicos – **legitimação da desigualdade por meio da [ligação com] linhagem dos ancestrais**. Colocando oferendas em tumbas micênicas, ou nos locais de culto de heróis particulares como Menelau em Esparta e Agamenon em Micenas , **o demos do século 8 se encontra, ele-próprio, cultuando os ancestrais de seus senhores**; uma forma particularmente boa para assegurar a aceitação , pelo povo, da desejada ordem de dominação⁷⁶. (grifo nosso)*

⁷⁶ Idem: 129.

3)- Inventário descritivo e comentado: estruturas arquitetônicas de sítios da Idade do Ferro Inicial na Grécia Balcânica.

O capítulo 3 de nossa dissertação, intitulado *“Inventário descritivo e comentado: estruturas arquitetônicas de sítios da Idade do Ferro Inicial na Grécia Balcânica* apresenta o resultado de um levantamento de um grupo específico de sítios e estruturas monumentais construídas ou reconstruídas após o colapso do sistema palacial micênico em quatro regiões: a saber, Eubéia, Grécia Central, Ática e Peloponeso. O *“Inventário”* foi elaborado a partir dos dados apresentados por Ainian⁷⁷ e que constituem a principal referência para o estudo das construções especiais denominadas pelo autor **“Rulers Dwellings”** e segue a proposição de Ainian separando-os por região, sítio e, em cada sítio, reunindo os edifícios pela sua forma (absidal, retangular, circular).

A ficha elaborada reúne os dados fundamentais disponíveis para o estudo das estruturas e seus espaços, como exemplificaremos abaixo:

1. **Região;** p. ex. Eubeia;
2. **Sítio;** p.ex. Lefkandi
3. **Tipo de estrutura (absidal, circular, etc.);**
4. **Cronologia;**
5. **Localização/Dimensões;**
6. **Comentários;**
7. **Templo;** busca informações sobre a função da edificação no decorrer do tempo.
8. **Bibliografia**⁷⁸;

Algumas surgem como casas de grandes dimensões – como é o caso de Toumba, em Lefkandi – e podem, ou não, se transformar em um centro religioso em épocas sucessivas. As

⁷⁷ AINIAN, Alexander Mazarakis. 1997. *From Rulers Dwellings To Temples. Architecture, Religion and Society in Early Iron Age Greece (1100-700 B.C.)*. Jonsered: Paul Aströms Förlag, 1997.

⁷⁸ Toda a bibliografia citada nas estruturas se encontra melhor abordada na obra de AINIAN, 1997.

dimensões serão comparadas para evidenciar projetos de monumentalização em alguns sítios, e a partir dessas dimensões visualizar a ausência disso nos demais em uma mesma época. Teremos assim alguns indícios da relação entre monumentalidade e poder e monumentalidade e sociedade.

O conceito de monumentalidade pode ser aplicado quando uma estrutura se distingue pelas dimensões mais amplas do que os demais edifícios presentes no sítio. Paralelamente a tal ideia, a consideração das dimensões pode ser algo relativo, uma vez que os achados e vestígios encontrados em seu interior acabam também contando muito para definir a real função de toda a estrutura.

Assim, a documentação encontra-se distribuída na seguinte ordem:

1. Eubeia

1.1. Lefkandi

1.2. Xerópolis

1.3. Erétria

1.4. Halai

2. Grécia Central

2.1. Oropos

2.2. Aulis

2.3. Delfos

2.4. Gonnoi

2.5. Paralimni

2.6. Kalapodi

2.7. Larisa

3. Ática

3.1. Thorikos

3.2. Elêusis

3.3. M. Hymettos

3.4. M. Tourkovounia

3.5. Anarayssos

3.6. Lathouriza

4. Peloponeso

4.1. Argos

4.2. Nichoria

4.3. Olímpia

4.4. Aigeira

4.5. Ano Mazaraki

4.6. Asine

4.7. Corinto

4.8. Esparta

4.9. Gortsouli

4.10. Isthmia

4.11. Micenas

4.12. Nicória

4.13. Perachora

4.14. Solygeia

4.15. Tegea

4.16. Tiryns

1. Eubéia.

1.1. Lefkandi.

1. Estrutura Apsidal.

Cronologia: X – VIII.

Localização: Topo de uma colina próxima à planície Lelantina, nas proximidades do sítio de Xerópolis datado da Idade do Bronze.

Este sítio foi amplamente escavado e as informações disponíveis são muitas, facilitando assim sua pesquisa e interpretação. A partir da datação é possível afirmar que ele pertence à Idade do Ferro. Suas dimensões totais ultrapassam 47 metros de comprimento na sua totalidade, por 10 metros de largura e suas fundações suportam pedras de 0,60 metros de espessura com paredes de 1,30 metros de altura. A parte interna é dividida em cinco partes, cada uma exercendo uma função específica. Foram encontrados restos humanos, cerâmicas, joias e cerca de 30 depósitos votivos em seu interior, o que sugere seu uso com fins rituais e de culto aos mortos (AINIAN, 1997). Sua orientação é voltada para o sentido leste - oeste.

Comentários: Possui sete compartimentos internos definidos por divisões nos muros e fundações da estrutura. O edifício é rodeado por uma série de buracos retangulares que variam de dimensão entre 0,20 até 0,30 metros que antigamente suportavam vigas responsáveis pela estrutura de sustentação do telhado. Configuração semelhante pode ser encontrada no interior, porém circulares e com dimensões de 0,18 – 0,25 metros de diâmetro. Suas fundações são fundamentalmente compostas por rochas, argila, seixos e tijolos de barro. Os batentes das portas eram constituídos de madeira e o telhado possuía um sótão sendo possível sua comprovação com achados de vestígios arqueológicos no piso da estrutura. Foi encontrado um total de 43 enterramentos em todo o sítio de Toumba, e restos de 10 piras funerárias.

Templo: Não.

Bibliografia: A. M. AINIAN, 1997; M.R. POPHAM, 1993; J. COULTON, 1993; R.W.V. CATLING, 1990; P.G. THEMELIS, 1983; L.H. SACKETT, 1993: 74; C. D. de SOUZA, 2005.

Foto/Imagem: A. M. AINIAN, 1997.

Figura 1: Lefkandi – Toumba; Plano da Casa de Chefe/*Herôon*, áreas danificadas e numeração dos postes de sustentação do telhado.

Figura 2: Enterramentos humanos e de cavalos no centro do *Herôon*.

Figura 3: Corte Transversal, sentido N – S, do enterro central do *Herôon*.

Figura 4: Reconstituição do *Herôon*.

Figura 5: Planta do *Herôn* e cemitério (950 – 825/800 a.C.).

1.2. Xerópolis/Lefkandi.

2. Estrutura Oval.

Cronologia: IX – VIII.

Localização: Situa-se ao sul de Lefkandi, nas proximidades da planície Lelantina ao lado da praia.

Esta estrutura, datada aproximadamente do período Geométrico Tardio, se encontra bem preservada. Suas dimensões são de 10 metros de comprimento por 6 metros de largura sendo que as fundações são desconhecidas. Sua configuração aponta para uma construção adaptada a enfrentar melhor as intempéries climáticas da região, como por exemplo, os ventos fortes do norte. As descobertas feitas no sítio apontam este espaço como sendo uma estrutura oval e sua entrada localizada ao sul do edifício.

Templo: Não consta.

Bibliografia: A. M. AINIAN, 1997; M.R. POPHAM & L.H. SACKEN, 1980; A. SAMPSON, 1986.

Foto/Imagem: A. M. AINIAN, 1997.

Figura 6: Localização do Sítio de Xerópolis/Lefkandi.

Figura 7: Sítio de Xerópolis; 1- Estrutura Retangular; 2- Curral para animais; 3-5 – Silos de Armazenagem; 6- Estrutura Oval.

Figura 8: Planta restaurada da Estrutura Oval.

3. Estrutura Circular.

Cronologia: IX – VIII.

Localização: Situa-se ao sul de Lefkandi, nas proximidades da planície Lelantina.

As escavações comprovam tratar-se de três silos (AINIAN, 1997) que possuem respectivamente 2,2 metros de diâmetros em dois deles e 1,6 metros de diâmetro em um caso, datados aproximadamente do Geométrico Tardio. Os silos são interligados por dutos de ventilação capazes de manter o ar fresco e capaz de preservar os produtos.

Templo: Não Consta.

Bibliografia: A.M. AINIAN, 1997; M.R. POPHAM & L.H. SACKEN, 1980; A. SAMPSON, 1986.

Foto/Imagem: A.M. AINIAN, 1997.

Figura 9: Silos de Armazenagem.

1.3. Erétria.

4. Estrutura Apsidal.

Cronologia: Final do século IX, início do VIII.

Localização: Está localizado próximo ao *Daphnephoreion* ou Edifício A.

Possui todas as características de uma ‘Casa de Chefe’ com as dimensões de 9,75 metros de comprimento por 6,5 metros de largura e fundações de 0,55 metros de espessura (Fig.10). Pode-se destacar a ausência de vestígios de tijolos de barro e uma possível dificuldade em sustentar o telhado, sugerindo que a construção teria um caráter provisório (AINIAN, 1997). Inicialmente se acreditava que a parte frontal do edifício não era fechada, mas pesquisas posteriores provaram que existia sim uma varanda frontal juntamente com a entrada da estrutura.

Templo: Não Consta.

Bibliografia: A.M. AINIAN, 1997; J.BOARDMAN, 1965; C.BÉRARD, 1971.

Foto/Imagem: A.M. AINIAN, 1997.

5. Estrutura Apsidal.

Cronologia: VIII.

Localização: Edifício D ou *Hekatompedon*.

Foi nomeada anteriormente de *Stoa* e *Megaron* até escavações comprovarem que se tratava de um edifício apsidal. Suas dimensões são 35 metros de comprimento por 8 metros de largura (Fig.10). As fundações deste edifício possuem 0,60 metros de espessura com vestígios de tijolos de barro. Na parte interna da estrutura foi possível descobrir espaços cerimoniais para sacrifícios e altares, além de vestígios de fogueiras. Segundo AINIAN, (1997) tais achados apontam para o uso do espaço como um local ao culto, tanto para os deuses como para preservação da memória de antigos chefes.

Templo: Possível uso da estrutura posteriormente como Templo de Apolo.

Bibliografia: A.M. AINIAN, 1997; J. BOARDMAN, 1965; C. BÉRARD, 1971.

Foto/Imagem: A.M AINIAN, 1997.

6. Estrutura Circular.

Cronologia: VIII.

Localização: Não consta.

Esta pequena estrutura circular, encontrada nas escavações possuindo aproximadamente 3,75 metros de diâmetro não foi estudada amplamente, o que acaba levando a uma ausência de estudos mais avançados de suas reais funções e usos no período (Fig.10). Acredita-se que poderia se tratar de um abrigo para caçadores ou um cercado para animais (AINIAN, 1997).

Templo: Não Consta.

Bibliografia: A.M. AINIAN, 1997.

Foto/Imagem: A.M. AINIAN, 1997.

7. Estrutura Curvilínea.

Cronologia: VIII.

Localização: Não Consta.

Esta estrutura curvilínea ainda não possui pesquisas mais específicas, porém escavações preliminares identificaram restos de uma estrutura circular que sofreu uma reforma se tornando apsidal (Fig.10). Devido à configuração estrutural desse espaço, é possível direcionar seu uso em eras posteriores como sendo um Templo dedicado a Astarte e posteriormente à Afrodite.

Templo: Sim, período Arcaico templos de Astarte e Afrodite.

Bibliografia: A.M. AINIAN, 1987; C. BÉRARD, 1970; C. KRAUSE, 1979.

Foto/Imagem: A.M. AINIAN, 1997.

Figura 10: Mapa Completo do Sítio de Erétria.

1.4. Halai.

8. Estrutura Circular.

Cronologia: VIII.

Localização: Perto da Acrópolis de Halai.

As escavações realizadas na região não forneceram informações capazes de identificar o uso desse espaço. Dos poucos subsídios disponíveis a respeito do sítio de Halai é possível aventar que se tratava de uma estrutura com funções domésticas e/ou provavelmente uma manufatura de tijolos de barro (AINIAN, 1997).

Templo: Não Consta.

Bibliografia: A.M. AINIAN, 1997; E. FRENCH, 1992/3

Foto/Imagem: Não Consta.

2. Grécia Central

2.1.Oropos.

9. Estrutura Apsidal.

Cronologia: IX.

Localização: Não Consta.

Esta primeira estrutura direcionada no sentido Norte – Sul, possui as dimensões de 28,10 metros de comprimento e uma base das paredes com cerca de 0,45 metros de largura (Fig.11). Encontrada a 3,74 metros abaixo do nível do solo, seu apse termina de maneira abrupta. Em seu interior foram encontrados vestígios que sugerem a atividade metalúrgica, além de restos de cerâmica. Considera por muitos como a cidade Homérica de Graia, possui diversos enterramentos correspondentes ao período Geométrico e Arcaico. (AINIAN, 1997)

Templo: Presença de restos que sugerem um templo.

Bibliografia: A.M. AINIAN, 1997.

Foto/Imagem: A.M. AINIAN, 1997: Fig. 11.

10. Estrutura Circular.

Cronologia: VIII

Localização: Não Consta.

Duas estruturas circulares escavadas com diâmetros de 3,85 metros e 2,15 metros, respectivamente (Fig.12; destaque para as estruturas ΣT e H). Na mesma área foram encontrados diversos poços que não ultrapassam 0,22 metros de diâmetro e dentro estavam presentes restos de ossos, restos de garrafas de azeite e carvão. A real função dos edifícios é desconhecida até o presente momento sendo possível, apenas, conjecturar o uso para a metalurgia ou locais de culto devido à presença de vestígios ritualísticos.

Templo: Não.

Bibliografia: A.M. AINIAN, 1997; A. DRAGONA, 1985.

Foto/Imagem: A.M. AINIAN 1997: Fig. 12.

Figura 11: Estrutura Apsidal – Oropos.

Figura 12: Estruturas Circulares em destaque ΣΤ e Η.

2.2. Aulis.

11. Estrutura Retangular.

Cronologia: VIII – VII

Localização: Proximidades do Templo de Artêmis.

Escavações feitas no sítio de Aulis descobriram um templo dedicado a Artêmis e acima dele uma estrutura retangular datada aproximadamente do século VIII. Pouco estudada até o momento, essa parede não possui ainda sua total dimensão e função bem definidas. Esta muralha foi encontrada ao redor do templo de Artêmis e nas proximidades também

descobriram depósitos votivos, mas devido à falta de informações adicionais não é possível definir a real função dos objetos.

Templo: Sim, proximidade do Templo de Artêmis.

Bibliografia: A.M. AINIAN, 1997; J. THREPSIADES, 1959

Foto/Imagem: AINIAN, 1997.

Figura 13: A estrutura estudada se encontra na parte negra da planta. O contexto completo é um Templo de Artêmis.

2.3. Delfos.

12. Estrutura Apsidal.

Cronologia: VIII.

Localização: Próximo ao Templo de Apolo.

Nas proximidades do Templo de Apolo foram encontrados vestígios de uma muralha curva e um tesouro logo acima desta. A conjuntura da região não permite definir se esses achados fazem parte de um contexto maior, se são edifícios secundários do templo ou, ainda, se são estruturas independentes de todo o contexto. Além disso, os vestígios encontrados não permitem afirmar se era apenas um local de culto ou se envolvia mais funções, como uma residência dos chefes.

Templo: Sim, nas proximidades do Templo de Apolo.

Bibliografia: A.M. AINIAN, 1997; K.A. WARDLE, 1977.

Foto/ Imagem: A.M. AINIAN, 1997: Fig. 14.

Figura 14: Planta do sítio. Destaque para as estruturas 1 e 2.

13. Estrutura Retangular.

Cronologia: IX.

Localização: Próximo ao Templo de Apolo.

Encontrada em avançado estado de deterioração, esta estrutura retangular possui 13 metros de comprimento por 6,5 metros de largura. É possível encontrar restos de uma varanda na entrada frontal, porém suas medidas são impossíveis de determinar com exatidão. Localizada na região habitacional de Delfos, acaba sugerindo que sua função era residencial, devido ao contexto em que se encontra.

Templo: Sim, proximidades do Templo de Apolo.

Bibliografia: A.M. AINIAN, 1997.

Foto/Imagem: A.M. AINIAN, 1997: Fig. 15.

Figura 15: Planta da estrutura Geométrica.

2.4. Gonnoi.

14. Estrutura Oval.

Cronologia: Desconhecida.

Localização: Nas proximidades do Templo de Atenas Polias.

Não foi possível ainda criar um conceito unânime no que tange a essa estrutura. Suas dimensões são de 10,75 metros de comprimento por 7,50 metros de largura. Pesquisas encontraram estruturas semelhantes às descritas acima na Ática, Eubéia e em algumas ilhas da Ásia Menor.

Templo: Sim, proximidade do Templo de Atena Polias.

Bibliografia: A.M. AINIAN, 1997.

Foto/Imagem: A.M. AINIAN, 1997: Fig. 56.

Figura 16: Estruturas encontradas no sítio. Destaque para a estrutura oval ao norte.

2.5. Paralimni.

15. Estrutura Apsidal.

Cronologia: Anterior ao século XI.

Localização: Estrutura encontrada após a drenagem do Lago Paralimni.

Estrutura com as dimensões de 16 metros de comprimento por 6 metros de largura constituída de enormes blocos de pedra com a espessura de 0,50 metros. A estrutura em si é constituída de grandes paredes lisas e foi possível encontrar na parte frontal espaços para duas colunas e três divisões de espaços em seu interior. Pesquisas realizadas na região (AINIAN, 1997), apontam que este sítio é uma das mais antigas ocupações humanas na região datando

aproximadamente uma ocupação quase contínua do Paleolítico até o período Clássico. Convém ressaltar que esse edifício possuiu duas fases de ocupação. Em um primeiro momento era uma estrutura apsidal (Fig. 17) sendo que, em seguida, foram encontrados vestígios de rochas diferentes transformando o espaço em uma estrutura retangular (Fig. 18).

Templo: Desconhecido.

Bibliografia: A.M. AINIAN, 1997; C. MORGAN, 1990; Th. SPYROPOULOS, 1988; J.M.FOSSEY, 1988.

Foto/Imagem: A.M. AINIAN, 1997: Fig. 17.

Figura 17: Estrutura Apsidal, fase 1.

16. Estrutura Retangular.

Cronologia: Anterior ao século XI

Localização: Próximo ao Lago Paralimni.

As dimensões reais desse edifício são desconhecidas, pois escavações feitas no sítio apontam para reformas no *pronaos* (apse) afirmando que ele foi destruído e adaptado ao estilo retangular. Em seu interior foram encontrados diversos fragmentos de fíbulas, vasos e joias, fortalecendo assim a teoria que era uma típica ‘Casa de Chefe’.

Templo: Desconhecido.

Bibliografia: A.M. AINIAN, 1997; Th. SPYROPOULOS, 1988; J.M.FOSSEY, 1988.

Foto/Imagem: A.M. AINIAN, 1997: Fig. 18.

Figura 18: Planta de Paralimni na Fase 2. Destaque as modificações feitas posteriormente na estrutura.

2.6. Kalapodi.

17. Estrutura Retangular.

Cronologia: X.

Localização: Não Consta.

O sítio é composto por duas estruturas retangulares. O Templo A e o Templo B possuem, respectivamente, as seguintes dimensões: o primeiro tem 22 metros de comprimento por 10 metros de largura com fundações de um metro de profundidade que sustentavam uma parede de tijolos de barro; o segundo possui 7,9 metros de comprimento por 7,40 metros de largura com uma espessura de 0,75 metros de muros. O primeiro edifício apresenta características de ser apsidal, mas a ausência de provas não permite sua classificação como tal. Em ambos se encontraram vestígios de cerimônias, cinzas de ossos e restos de cerâmicas.

Templo: Sim, posterior Templo A (Artêmis) e Templo B (Apolo).

Bibliografia: A.M. AINIAN, 1997; Pausanias; R. FELSCH, 1987; J. TOUCHAIS, 1980; H.W. CATLING, 1983.

Foto/Imagem: A.M. AINIAN, 1997: Fig. 19.

Figura 19: Planta do Sítio de Kalapodi. Destaque para a utilização constante das duas estruturas presentes no sítio.

2.7. Larisa.

18. Estrutura Circular.

Cronologia: IX.

Localização: Não consta.

Seguindo um padrão dentro do assentamento de Larisa, é possível apontar para o seguinte uso dessa estrutura como um celeiro ou antigo local de armazenagem de produtos. Possui 3,7 metros de diâmetro com fundações de 0,20 metros de profundidade feita de pedras e tijolos de barro. Vestígios sugerem também que sua base ampla poderia sustentar um segundo andar.

Templo: Não Consta.

Bibliografia: A.M. AINIAN, 1997.

Foto/Imagem: A.M. AINIAN, 1997: Fig. 20.

Figura 20: Estrutura Circular.

3. Ática.

3.1. Thorikos.

19. Estrutura Retangular.

Cronologia: X.

Localização: Não Consta.

Este edifício está organizado em quatro espaços distintos, um salão principal de 9 metros de comprimento por 5 metros de largura e com muros de 0,50 metros de espessura, uma varanda, um salão principal e um quarto. Vestígios arqueológicos apontam que sofreu algumas modificações no que tange à varanda frontal (Fig.22) tornando possível assim visualizar um antes e depois de sua configuração estrutural. Foram encontrados restos de cinzas, pequenos ossos, contas, cacos e seixos, além de sobras de metais e carvão. O sítio de Thorikos possui fortes evidências de uso para culto aos mortos (AINIAN, 1997) e suas constantes reformas sugerem o uso do espaço por um tempo prolongado. As escavações descobriram múltiplos nichos separados, porém apenas alguns deles são pertinentes à pesquisa (estruturas III, XXII e X-XII).

Templo: Não Consta.

Bibliografia: A.M. AINIAN, 1997; J. BINGEN, 1967

Foto/Imagem: A.M. AINIAN, 1997.

Figura 21: Planta da estrutura retangular – Thorikos.

Figura 22: Estrutura após as reformas do período Geométrico Tardio – Anexo XVIII na estrutura III.

3.2. Eleusis.

20. Estrutura Retangular.

Cronologia: Dados Insuficientes.

Localização: Edifício com múltiplas estruturas foi encontrado nas proximidades do Santuário de Deméter.

Este complexo arquitetônico é possuidor de múltiplas funções não totalmente definidas. É possível dimensionar apenas 5,5 metros do muro externo e cogitar a espessura das paredes em torno de 0,60 metros de largura. Vestígios sugerem que era um local de culto remanescente da época micênica. Esta estrutura sofreu inúmeras reconstruções como pode se atestar nas figuras abaixo, o agrupamento B/B1-3 (Telesterion) possui forte caracterização como um local de culto dedicado a Deméter (AINIAN, 1997) contendo depósitos votivos e piras de sacrifício sugerem tal tese. A estrutura correspondente ao Mégaron B ainda é uma incógnita nas pesquisas da região.

Templo: Sim, possível uso posteriormente como um Templo de Demeter.

Bibliografia: A. M. AINIAN, 1997; J. BINGEN, 1964; H. MUSSCHE, 1974; J. TRAVLOS, 1983.

Foto/Imagem: A.M.AINIAN, 1997.

Figura 23: Fase 1 do *Telesterion* – Eleusis.

Figura 24: Fase 2 do *Telesterion* (reconstituição) – Eleusis.

Figura 25: Fase final do Telesterion – Eleusis.

Figura 26: Reconstituição do Telesterion – Eleusis.

21. Estrutura Retangular.

Cronologia: VIII.

Localização: Nas proximidades do Santuário de Deméter.

Este segundo espaço está dividido em quatro espaços diretamente relacionado ao culto heroico (Sacred House). Construído em uma plataforma artificial de 13,65 metros de comprimento por 10 metros de largura, sendo que no salão maior existem pequenos buracos no chão responsáveis pela sustentação do telhado. Restos de vasos, ânforas e demais restos de cerâmicas contendo cinzas em seu interior sugerem que não se tratava de um espaço comum, mas sim de um local de culto. Na região do Megaron foi encontrado uma estrutura funerária contendo ossos humanos, sustentado assim a teoria de preservação da memória e do culto ao herói que supostamente era o antigo residente desse espaço.

Templo: Sim, Santuário de Deméter.

Bibliografia: A.M. AINIAN, 1997; J. BINGEN, 1964; H. MUSSCHE, 1974; J. TRAVLOS, 1983; G.E. MYLONAS, 1961; R.V. NICHOLLS, 1981; P. DARQUE, 1993.

Foto/Imagem: A.M. AINIAN, 1997.

Figura 27: Sacred House – Eleusis.

Figura 28: Mégaron e enterramento – Eleusis.

Figura 29: Reconstrução do Mégaron – Eleusis.

22. Estrutura Curvilínea.

Cronologia: VIII.

Localização: A leste dos Templos de Artêmis Propylaia e Poseidon Pater.

Edifício pouco estudado devido a sua precária preservação. As paredes possuem cerca de 1,4 metros de altura. No interior do edifício, foram encontrados restos de piras funerárias, ao redor da estrutura também foi possível visualizar os mesmos vestígios. Não possui fundações aparentes, o que sugere que a estrutura foi construída sob o solo intacto.

Templo: Não Consta.

Bibliografia: A.M. AINIAN, 1997; C. BÉRARD, 1978; J. TRAVLOS, 1988; G.E. MYLONAS, 1961; K. KOUROUNIOTES, 1940.

Foto/Imagem: Não Consta.

3.3. Mt. Hymettos.

23. Estrutura Circular.

Cronologia: VIII.

Localização: Nas proximidades do Templo de Zeus Ombrios.

A estrutura possui o diâmetro de 2,8 metros e podemos perceber características híbridas, ou seja, a estrutura é circular, possui um Hall de entrada a oeste do edifício e se encontra no topo de uma montanha. Numerosos vestígios que apontam para o uso ritualístico foram encontrados em sua parte interna, sugerindo assim um caráter votivo e simbólico ao espaço.

Templo: Sim, próximo ao Templo de Zeus Ombrios.

Bibliografia: A.M. AINIAN, 1997; M.K. LANGDON, 1940.

Foto/Imagem: AINIAN, 1997.

Figura 30: Estrutura Circular.

24. Estrutura Retangular.

Cronologia: VIII.

Localização: Próximo ao Templo de Zeus Ombrios.

Possui 5,8 metros de comprimento por 5,8 metros de largura e seus muros têm cerca de 0,80 metros de espessura. Foi habitado durante grande parte do século VIII e VII, mas depois de 650 a.C. sua população decaiu até ser abandonado completamente. Por estar localizado em um local de difícil acesso não foi possível até o momento realizar grandes expedições para encontrar vestígios mais concretos da real função desse espaço.

Templo: Sim, presença de um altar dedicado a Zeus Ombrios.

Bibliografia: AINIAN, 1997; M.K. LANGDON, 1940.

Foto/Imagem: A.M. AINIAN, 1997.

Figura 31: Estrutura Retangular.

3.4. Mt. Tourkovounia.

25. Estrutura Circular.

Cronologia: VIII – III.

Localização: Está situado no topo do Mt. Tourkovounia.

Este edifício possui características que o destacam dos demais por estar bem adaptado para enfrentar as intempéries do clima na região, principalmente os ventos fortes provenientes do norte. Ela possui 11,5 metros de comprimento por 7,6 metros de largura e suas fundações não ultrapassam 1,1 metros de profundidade. Todo o edifício foi construído com tijolos de barro e as paredes possuem 0,70 metros de espessura. Foram encontrados vestígios relacionados ao culto dos mortos e a preservação da memória de um herói fundador. Se localiza ao extremo leste do topo do Mt. Tourkovounia e suas fundações formam um pódio que sustenta todo o edifício.

Templo: Não Consta.

Bibliografia: AINIAN, 1997; Pausanias; E. SMITHSON, 1974.

Foto/Imagem: AINIAN, 1997.

Figura 32: Estrutura Circular.

Figura 33: Reconstrução de Tourkovounia.

3.5. Anavayssos.

26. Estrutura Retangular.

Cronologia: VIII.

Localização: Próximo a um cemitério do período Geométrico.

Edifício não totalmente preservado e dividido em três quartos com as seguintes dimensões: o quarto do meio possui 3 metros de comprimento por 2,5 metros de largura com paredes de 0,40 de altura por 0,60 metros de espessura, o segundo quarto tem 1,85 metros de comprimento por 2,30 metros de largura e o terceiro quarto não possui uma dimensão exata, uma vez que não é possível dimensioná-lo com exatidão. Acredita-se que a função desta estrutura seria proteger os três enterramentos localizados na região. No interior das estruturas foram encontrados diversos bancos de pedra e vestígios que comprovam o uso do espaço de forma ritualística.

Templo: Não Consta.

Bibliografia: A.M. AINIAN, 1997; I. MORRIS, 1987; J. BINGEN, 1966. P.G. THEMELIS, 1973.

Foto/Imagem: A.M.AINIAN, 1997.

Figura 34: Estrutura Retangular – Destaque as estruturas funerárias XVIII e XXII.

Figura 35: Contexto completo do sítio de Anavayssos.

3.6. Lathouriza.

26. Estrutura Circular.

Cronologia: VIII – VI.

Localização: Próximo ao Templo de Deméter.

Este edifício possui as seguintes dimensões estruturais: 7,75 metros de diâmetro, cerca de 0,50 metros de espessura. Em seu interior existe um assento de pedra de 0,75 metros de altura por 0,50 metros de largura que se localiza paralelo aos muros circulares do *Tholos*. Os vestígios encontrados em seu interior se compõem de objetos de ferro, figuras de terracota, ídolos, fíbulas, cerâmicas, ossos de animais e conchas marinhas. Todos esses achados fortalecem a teoria do culto aos mortos e da preservação da memória do herói fundador.

Templo: Sim, posterior templo dedicado a Deméter.

Bibliografia: A.M. AINIAN, 1997; D. GIRO, 1988; C.W. ELIOT, 1957; R. STILLWELL, 1941; H.E. ASKEW, 1941.

Foto/Imagem: A.M. AINIAN, 1997.

Figura 36: Reconstituição do Tholos – Lathouriza.

28. Estrutura Retangular.

Cronologia: VIII.

Localização: Não Consta.

Durante as escavações dessa estrutura no sítio de Lathouriza, foi possível identificar duas fases distintas na mesma construção indicando que o espaço sofreu reformas durante o período de sua existência. Em um primeiro momento, mais antigo, suas dimensões eram 4,83 metros de comprimento por 4,05 metros de largura e 0,60 metros de espessura dos muros. Em um segundo momento, suas dimensões passaram a 7,7 metros de comprimento por 4,9 metros de largura com cerca de 0,45 metros de espessura.

Templo: Não Consta.

Bibliografia: A.M. AINIAN, 1997; C. MORGAN, 1993; M.K. LANGDON, 1976.

Foto/Imagem: A.M. AINIAN, 1997.

Figura 37: Estrutura Retangular.

29. Estrutura Híbrida.

Cronologia: VII.

Localização: Localizado ao sul do Monte Hymettos.

O sítio de Lathouriza possui mais de 25 estruturas documentadas em sucessivas escavações, porém, quatro delas merecem um estudo mais aprofundado. São respectivamente; I: retangular; II: apsidal; III: circular e IV: semicircular. A primeira estrutura conta com 6,6 metros de comprimento por 4,9 metros de largura com paredes mal preservadas de 0,60 metros de espessura. A estrutura II possui 8,5 metros de comprimento por 6 metros de largura e entre esses espaços (I e II) existe uma junção de pedras com a função de captar água da chuva. O espaço III foi dimensionado com o diâmetro de 3,7 metros e paredes com a espessura de 0,7 metros e suas fundações e piso se encontram cerca de 0,4 metros abaixo das

demais. Para finalizar, a estrutura IV é totalmente irregular e as múltiplas reformas feitas naquele local dificultaram seu melhor estudo. Este conjunto arquitetônico, considerado impressionante pelos pesquisadores, despertou um forte interesse em sua pesquisa (AINIAN, 1997), levando à conclusão que não se tratava de um espaço de culto, mas sim de espaços públicos e a residência de um chefe local.

Templo: Não Consta.

Bibliografia: A.M. AINIAN, 1997; C. MORGAN, 1993; M.K. LANGDON, 1976; O. WALTER, 1940.

Foto/Imagem: A.M. AINIAN, 1997.

Figura 38: Assentamento de Lathouriza – Séc. VII a.C.

Figura 39: Planta da Estrutura Mista: I – IV.

Figura 40: Reconstituição da Estrutura em Lathouriza.

4. Peloponeso.

4.1. Argos.

30. Estrutura Circular.

Cronologia: X.

Localização: Próximos a *polis* de Argos.

Estas estruturas ainda não foram totalmente estudadas, comprometendo assim um entendimento total de suas funções e usos na época. Os poucos estudos apontam para preservação da memória local ou uso pelos antigos chefes da região, mas sem pesquisas mais abrangentes essas teorias ficam sendo apenas conjecturas.

Templo: Não Consta.

Bibliografia: A.M. AINIAN, 1997; A. DRAGONA, 1985; L. KAHIL, 1995. D. DESHAYES, 1966.

Foto/imagem: Não Consta.

31. Estrutura Retangular.

Cronologia: VIII.

Localização: Oeste de Argos, perto da Acrópole de Larisa.

As dimensões deste edifício não foram totalmente definidas, mas pode-se afirmar que seus muros possuem a largura de 2,20 metros. Em seu interior escavações encontraram peças de cerâmica de alta qualidade sugerindo assim que se tratava de uma habitação ou um possível local de enterramento.

Templo: Não Consta.

Bibliografia: A.M. AINIAN, 1997; M.C. ROEBUCK, 1990; O. BRONEER, 1971; E. DEILAKI, 1982; C. BLEGEN, 1937.

Foto/Imagem: A.M. AINIAN, 1997.

Figura 41: Mapa do Sítio de Argos.

32. Estrutura Retangular.

Cronologia: VIII.

Localização: Próximo ao *Heraion* de Argos e ao *Old Temple Terrace*.

As dimensões desse terraço são 55,8 metros de comprimento por 34,4 metros de largura. Aproximadamente a uma distância de 700 metros desta primeira estrutura, foi encontrada outra que abrigava um espaço para oferendas possuindo 12,5 metros de comprimento por 8,5 metros de largura. O espaço interno dedicado às libações contém 1,2 metros de diâmetro por 0,20 metros de profundidade e em seu interior foram encontrados objetos de ferro, bronze e cerâmicas que possuem a datação do início do século X.

Templo: Sim, presença de um templo posterior dedicado à Hera.

Bibliografia: A.M. AINIAN, 1997; E. DEILAKI, 1982; N.K. COOPER, 1989.

Foto/Imagem: A.M. AINIAN, 1997.

Figura 42: Reconstituição do modelo do *Heraion* de Argos.

Figura 43: Planta do Old Temple Terrace.

Figura 44: Reconstituição do Templo de Hera em Argos.

4.2. Nicória.

33. Estrutura Apsidal.

Cronologia: X.

Localização: Não Consta.

Esta estrutura, Unit IV-1, está dividida em dois momentos distintos de ocupação. Em um primeiro momento desta ocupação, no século X a.C., era uma estrutura retangular com as seguintes dimensões, 10,5 metros de comprimento por 7 metros de largura e uma espessura média de suas paredes irregulares variando no máximo até 0,55 metros (Figs. 45 – 46). O edifício possuía a orientação Leste – Oeste com sua entrada localizada na parede leste. Internamente era dividido em duas salas sendo que a maior delas tem 8 metros de comprimento por 6 metros de largura e foram encontradas inúmeras oferendas votivas. No século IX a.C., sofreu profundas reformas e ampliações, passando a possuir as novas dimensões de 15,9 metros de comprimento por 8 metros de largura (Figs. 47 – 48). As paredes sofreram reformas e passaram a ser melhor construídas, o piso interno foi mantido e a parede oeste foi demolida e ampliada para formar o apse do edifício.

Templo: Não Consta.

Bibliografia: A.M. AINIAN, 1997; A. MALLWITZ, 1972; A. SNODGRASS, 1977; C. ROLLEY, 1977; H. KYRIELEIS, 1990.

Foto/Imagem: AINIAN, 1997.

Figura 45: Primeira Fase – Retangular – Nicóia.

Figura 46: Reconstituição da Primeira Fase – Retangular – Nicóia.

Figura 47: Segunda Fase – Apsidal – Nicória.

Figura 48: Reconstituição da Segunda Fase – Apsidal – Nicória.

34. Estrutura Apsidal.

Cronologia: IX.

Localização: Não Consta.

Conhecido como Unit IV-5, essa estrutura substituiu a anterior, Unit IV-1, destruída no século IX. Este edifício está localizado a oeste do primeiro e suas dimensões são grandes para o período. Possui cerca de 20,20 metros de comprimento por cerca de 5,5 de largura orientado na direção norte. Nas escavações realizadas no local se encontraram vestígios de uma pequena porção da parede oeste que se manteve preservada. Existe um forte debate a respeito do uso desse espaço e da sua forma original. W. COULSON afirma que a estrutura

não possuía cobertura em sua totalidade, apenas na parte sul do edifício. A.M. AINIAN discorda apresentando uma série de vestígios que sugerem colunas de sustentação do telhado por todo o edifício.

Templo: Não Consta.

Bibliografia: A.M. AINIAN, 1997; A. MALLWITZ, 1972; A. SNODGRASS, 1977; C. ROLLEY, 1977; H. KYRIELEIS, 1990; W. COULSON, 1983.

Foto/Imagem: A.M. AINIAN, 1997.

Figura 49: Unit IV-5 – Nicória.

Figura 50: Reconstituição da Unit IV-5 – Nicócia.

4.3. Olímpia.

35. Estrutura Apsidal.

Cronologia: X.

Localização: Próximo ao altar de Zeus em Olímpia.

Edifício de dimensões desconhecidas até o momento, nomeado de *Building 4*, sendo construído no período Geométrico. Acredita-se que fez parte do complexo ritualístico de Zeus por causa das inúmeras figuras de barro, cerâmicas, pedaços de ferro e ossos de animais encontrados na área. Novas escavações realizadas questionam a estratigrafia da região e assim a datação do sítio possivelmente destruído em meados do século VII para dar espaço ao grande complexo de Zeus.

Templo: Sim, próximo ao Templo de Zeus do período Arcaico.

Bibliografia: A.M. AINIAN, 1997.

Foto/Imagem: A.M. AINIAN, 1997.

Figura 51: Planta do Sítio de Olímpia. Destaque no *Building 4*.

Figura 52: Destaque da estrutura *Building 4*.

4.4. Aigeira.

36. Estrutura Retangular.

Cronologia: X.

Localização: Localizado próximo a polis de Aigeira ao norte do Peloponeso.

A pólis de Aigeira, considerada como a cidade Homérica de Hyperesia, possui duas estruturas retangulares conhecidas até o momento. A primeira delas, o *Edifício A* foi melhor estudada e suas dimensões são 8 metros de largura por 5 metros de largura divididos em uma sala e uma varanda. Esta primeira sala, possui 4,5 metros de comprimento e 2,10 metros de profundidade. Pesquisas afirmam que o espaço foi substituído no final do período geométrico pelo *Edifício B*, porém essa discussão e o debate a respeito da datação desses espaços continuam sendo uma incógnita até o presente momento. Vestígios apontam que se tratava de um templo de Artêmis Iphigenia devido ao grande número de figuras femininas encontradas no local.

Templo: Sim, provável templo dedicado futuramente a Artêmis Iphigenia.

Bibliografia: A.M. AINIAN, 1988, 1997; N.K. COOPER, 1990; M.H. JAMESON, 1972; G. TOUCHAIS, 1982; W. ALZINGER, 1983.

Foto/Imagem: A.M. AINIAN, 1997.

Figura 53: Planta dos Edifícios A e B.

Figura 54: Reconstituição do Edifício A.

4.5. Isthmia.

37. Estrutura Retangular.

Cronologia: XI.

Localização: Não Consta.

Poucas informações foram recolhidas desse sítio até o momento. Pesquisas apontam que era uma região de sacrifícios e de jantares rituais devido a grande quantidade de cinzas e carvão na área fortalecendo assim a tese de se tratar de um espaço consagrado.

Templo: Possível templo de Poseidon em épocas Arcaicas.

Bibliografia: A.M. AINIAN, 1997.

Foto/Imagem: Não Consta.

38. Estrutura Curvilínea.

Cronologia: IX.

Localização: Próximo a um altar dedicado a Poseidon.

Os vestígios encontrados nesse sítio sugerem que esse espaço era um local ritualístico onde a prática de jantares e rituais de sacrifício eram constantemente realizados (AINIAN, 1997). Escavações sugerem que a região possuía vários locais de culto, pois cinzas e restos de cerâmicas estão localizados por todo o sítio. Nesse contexto de dúvida, apenas é possível afirmar que foi construído, no século VI a.C. um *Hekatompedon* dedicado ao deus Poseidon e essa informação vem corroborar as suspeitas que se tratava de um local dedicado a religião desde o século IX.

Templo: Sim, altar dedicado a Poseidon.

Bibliografia: A.M. AINIAN, 1997.

Foto/imagem: Não Consta.

4.6. Tegea.

39. Estrutura Apsidal.

Cronologia: IX.

Localização: Próximos ao Templo de Atena Alea.

Estruturas sobrepostas seguindo o mesmo padrão de construção apsidal e orientadas na direção Leste - Oeste. O *Edifício II* que é mais recente possui 11,5 metros de comprimento por 4 metros de largura contendo espaços para colunas de sustentação. Já o *Edifício I*, o mais antigo, não ultrapassa 6 metros de comprimento por 2 metros de largura. Foram encontrados vários sulcos no chão das duas estruturas que até o momento não possuem explicação convincente. Evidências apontam o uso do espaço como sendo uma possível fundição capaz de produzir objetos ritualísticos para o uso naquele mesmo espaço. Em ambos os níveis

estratigráficos existem vestígios de objetos de metal, peças de ouro, estatuetas de barro e terracota, ossos de animais e demais restos que sugerem o uso ritual de ambas as estruturas.

Templo: Sim, futuro Templo de Atena Alea.

Bibliografia: A.M. AINAIN, 1997; H.W. CATLING, 1983; G. NORDQUIST, 1994.

Foto/Imagem: A.M. AINIAN, 1997.

Figura 55: Planta dos Edifícios I e II sobrepostos – Tegea.

4.7. Perachora.

40. Estrutura Retangular.

Cronologia: Sem datação definida.

Localização: Se encontra a leste do porto de Perachora, cerca de 200 metros de distância.

Orientado na direção Norte – Sul, essa estrutura retangular foi identificada como um templo que foi dedicado a Hera Limenia. Possui as dimensões de 9,5 metros de comprimento por 5,6 metros de largura com espessura das paredes de 0,60 metros de largura. Podem-se destacar duas entradas, uma na parede norte e outra na parede oeste. No centro do edifício se

encontra um altar de Hera Limenia, contando com quatro pedras grandes e repletas de inscrições e dois espaços para colunas na extremidade. Existe um forte debate entre A.M. AINIAN e J. SALMON a respeito do uso desse espaço. AINIAN afirma se tratar de um local de culto antigo e complexo de datação, pois não foram encontrados vestígios dentro do sítio, já SALMON acredita que esse local era um templo auxiliar, um local de culto secundário. O debate ainda não se encontra concluído no que tange à datação exata do sítio.

Templo: Sim, futuro Templo de Hera Limenia no século VI.

Bibliografia: A.M. AINIAN, 1997; H.G.G. PAYNE, 1940; J. SALMON, 1972; R.A. TOMLINSON, 1976.

Foto/Imagem: A.M. AINIAN, 1997.

Figura 56: Planta e reconstrução da estrutura retangular – Peracora.

41. Estrutura Apsidal.

Cronologia: VIII.

Localização: Não Consta.

Este templo, que foi dedicado a Hera Akraia se encontra mal preservado, porém chama a atenção dos pesquisadores, por ser um dos primeiros espaços votivos construídos na Idade

do Ferro. Esta estrutura apsidal apresenta 8 metros de comprimento por 3,5 metros de largura contendo a espessura de 0,70 metros de seus muros, o que para muitos estudiosos é uma espessura muito elevada em comparação à média dos demais locais de culto. Depósitos votivos foram encontrados ao redor do templo e, segundo pesquisas de J. SALMON eles não são capazes de fornecer exatamente a datação do espaço, uma vez que os objetos possuem diferentes datações sugerindo assim que o local passou por sucessivos momentos de ocupação. Este sítio, além de suas dimensões controversas, abrigou em um de seus depósitos votivos uma miniatura de cerâmica de uma estrutura apsidal como oferenda (Fig. 58). Objetos como esse sugerem uma homenagem realizada seguindo os padrões de construção do templo que a abrigaria, dando assim uma visão tridimensional do possível layout deste edifício.

Templo: Sim, Templo de Hera Akraia.

Bibliografia: A.M. AINIAN, 1997; H.G.G. PAYNE, 1940; J. SALMON, 1972; R.A. TOMLINSON, 1976.

Foto/Imagem: A.M. AINIAN, 1997.

Figura 57: Múltiplas visões em perfil da estrutura apsidal – Peracora.

Figura 58: Miniatura em cerâmica encontrada em um depósito votivo – Peracora.

4.8. Esparta.

42. Estrutura Retangular.

Cronologia: VIII – VII.

Localização: Não Consta.

Este espaço que foi consagrado no período Arcaico a Artêmis Órtia abrigou durante a IFI um edifício que não se encontra muito preservado, sendo que apenas o canto sudoeste e uma parede sul permanecem preservados. A partir do contexto apresentado, é possível estimar as dimensões da estrutura. Sua largura deve ultrapassar 12 metros de comprimento com uma largura total de 4,5 metros. As paredes foram construídas com tijolos de barro e espaços para postes de sustentação foram encontrados por toda a estrutura, além de grandes pedras para a sustentação dessas respectivas paredes. Um dos destaques desse sítio se deve à descoberta de fragmentos de uma maquete que segue o mesmo padrão de construção do edifício real. Tal miniatura gerou grande debate (Fig 60), sendo que R.W.V. CATLING (1994) afirma que seria muito difícil encontrar em cada sítio da área maquetes semelhantes, seguindo o padrão de construção específico de cada templo, ou seja, essas maquetes devem seguir um arquétipo comum de construção para o período do século VII. Foram encontradas também cinzas, ossos e oferendas votivas.

Templo: Sim, Templo e Altar de Artêmis no período Arcaico.

Bibliografia: A.M. AINIAN, 1997; C. MORGAN, 1990; D.S. ROBERTSON, 1945; R.M. DAWKINS, 1929; R.W.V. CATLING, 1994.

Foto/Imagem: A.M. AINIAN, 1997.

Figura 59: Destaque as estruturas preservadas do Templo de Artêmis Órtia – Esparta.

Figura 60: Fragmentos da miniatura de cerâmica encontrada em depósitos votivos no templo de Artêmis Órtia – Esparta.

4.9. Gortsouli.

43. Estrutura Retangular.

Cronologia: VIII.

Localização: Não Consta.

Estrutura contendo duas edificações sobrepostas e com orientações opostas. A mais antiga possui formato retangular de 4,90 metros de largura por 5,5 metros de comprimento, enquanto a mais recente possui 16,60 metros de comprimento por 6,5 metros de largura. A estratigrafia da região não foi totalmente estudada e os poucos vestígios que foram encontrados geraram muito debate, uma vez que a estratigrafia está misturada e vestígios antigos se encontram em locais não esperados. Tudo isso vem dificultar a afirmação de qual seria a datação desse sítio, porém se torna evidente que o primeiro edifício foi destruído para dar lugar a um espaço maior e com dimensões ampliadas.

Templo: Sim, possível Templo de Artêmis.

Bibliografia: A.M. AINIAN, 1997; S.K. THALMANN, 1980; Th. KARAGEORGHIA, 1992.

Foto/Imagem: A.M. AINIAN, 1997.

Figura 61: Planta de Gortsouli.

Figura 62: Perfil estratigráfico do sítio de Gortsouli.

4.10. Micenas.

44. Estrutura Apsidal.

Cronologia: Aproximadamente XII até época Helenística.

Localização Não Consta.

Esse complexo não foi amplamente estudado, mas a estrutura mais significativa é o templo de Artêmis com dimensões modestas se comparados aos demais espaços votivos e religiosos da região do Peloponeso. Suas dimensões são 9 metros de comprimento por 3,5 metros de largura com a espessura dos muros variando de 0,35 – 0,60 metros. O interior está dividido em quatro compartimentos e poucos vestígios foram encontrados em seu interior. A ausência de maiores pesquisas e da falta de vestígios encontrados acabam por dificultar o estudo mais amplo desse espaço.

Templo: Sim, possivelmente Templo de Artêmis.

Bibliografia: A.M. AINIAN, 1997; N. VERDELIS, 1958.

Foto/Imagem: A.M. AINIAN, 1997.

Figura 63: Visão geral da estrutura apsidal – Micenas.

Figura 64: Possível reconstituição do edifício apsidal – Micenas.

4.11. Ano Mazaraki.

45. Estrutura Apsidal.

Cronologia: VIII – IV.

Localização: Se encontra no Mt. Panachaiko a uma altitude de 1300 metros.

As ruínas desse *Hekatompedon* possuem as dimensões de 27,50 metros de comprimento por 7,50 metros de largura com paredes variando de 0,55 – 0,61 metros de espessura. Os alicerces encontrados medem, aproximadamente, 0,85 metros de espessura e cerca de 41 bases de sustentação foram descobertas ao redor do edifício, sendo 20 de cada

lado e uma no axis, logo atrás do apse, sugerindo que todo seu entorno possuía colunas para auxiliar a sustentação do telhado.

Templo: Sim, Templo de Apolo e Artêmis.

Bibliografia: A.M. AINIAN, 1997.

Foto/Imagem: A.M. AINIAN, 1997.

Figura 65: Planta da estrutura apsidal – Ano Mazaraki.

4.12. Corinto.

46. Estrutura Retangular.

Cronologia: VII.

Localização: Não Consta.

Esta estrutura ainda não se encontra totalmente escavada, porém acredita-se ser um dos primeiros templos de Apolo construídos na região durante o século VII. As poucas informações disponíveis a respeito dela é que era um edifício retangular dedicado a Apolo e que vestígios de telhas, cerâmica e tijolos foram encontrados.

Templo: Sim, Templo de Apolo.

Bibliografia: A.M. AINIAN, 1997; O. BRONEER, 1971; E. DEILAKI, 1982.

Foto/Imagem: A.M. AINIAN, 1997.

Figura 66: Modelos de construção utilizados em Corinto. Visão parcial do telhado (a);
Possível técnica de levantamento das paredes (b).

4.13. Solygeia.

47. Estrutura Apsidal.

Cronologia: VIII.

Localização: Aproximadamente 300 metros de distancia a oeste da vila moderna de Galataki.

Este sítio está parcialmente preservado, sendo que apenas a parede sul e metade da estrutura apsidal estão aparentes. Pesquisas feitas por N. VERDELIS (1958) apontam para duas fases distintas do uso desse espaço. As dimensões mais antigas do edifício são 27 metros

de comprimento por 7,5 metros de largura. Sucessivas reformas no local, que englobaram novos materiais e técnicas de construção, criaram um novo espaço onde as novas dimensões corresponderiam a 26 metros de comprimento por 7 metros de largura. Encontraram-se, também, restos de um altar, cinzas e um pequeno poço dentro da estrutura. Seu entorno apresenta ricos depósitos votivos contendo mais de 1000 vasos e 50 figuras humanas. Os vestígios achados apontam para o culto ao céu aberto, uma vez que na parte interna da estrutura não foi descoberto nada que sugerisse isso. Assim se abre espaço para a interpretação de que esta residência era utilizada como local de habitação ou comercial. Convém destacar que toda a área circundante dessa estrutura também era amplamente habitada como sugerem as escavações feitas no local.

Templo: Sim, talvez um templo dedicado a Hera ou Deméter.

Bibliografia: A.M. AINIAN, 1997; D.W. RUPP, 1975; J.N. COLDSTREAM, 1976; N. VERDELIS, 1958.

Foto/Imagem: A.M. AINIAN, 1997.

Figura 67: Restos preservados – Solygeia. Destaque para as duas fases do edifício.

Figura 68: Corte estratigráfico do sítio de Solygeia.

1- Nível do Solo; 2- Primeiros vestígios encontrados; 3- Estrutura mais antiga.

4.14. Tiryns.

48. Estrutura Retangular.

Cronologia: XI.

Localização: Não Consta.

Conhecido como Prédio T, esse espaço foi construído nas ruínas do antigo Megaron micênico localizado na região. Suas dimensões geram controvérsias, uma vez que pesquisas apontam para duas etapas distintas de construção. Em um primeiro momento suas dimensões datadas correspondem a 20,9 metros de comprimento por 6,9 metros de largura com paredes em torno de 0,56 metros de espessura. Acredita-se que nessa primeira fase se tratava de uma residência de um chefe local. Durante o século VIII, ocorreram reformas no local passando a abrigar um templo posterior dedicado a Hera, com dimensões ainda desconhecidas. A datação também não é exata, uma vez que a cerâmica encontrada por H. Schliemann não foi catalogada e datada. Destaque para a existência de um altar localizado na entrada principal do edifício.

Templo: Possível templo dedicado a Hera no período Arcaico.

Bibliografia: A.M. AINIAN, 1997; K.A. WARDLE; M.R. POPHAM, 1968; K. KILIAN, 1988; A. PAPADIMITRIOU, 1990.

Foto/Imagem: A.M. AINIAN, 1997.

Figura 69: Localização do Prédio T no contexto do palácio micênico.

Figura 70: Duas fases de construção do Prédio T. A LH-IIIB não possui dimensões exatas.

4.15. Asine.

49. Estrutura Retangular.

Cronologia: VIII

Localização: No Monte Barbouna em Asine, a oeste do Templo dedicado a Apolo Pythaeus.

Dois segmentos de paredes foram descobertos nas escavações e devido ao layout da disposição das pedras é possível estimar que tenham cerca de 9 metros de comprimento por 4,3 metros de largura com 0,50 metros de espessura (Prédio A). Era dividido em dois compartimentos e possuía duas entradas distintas. Pesquisas (AINIAN, 1988) sugerem que

sofreu reformas durante o século VII e foi encontrada presença de carvão e outras oferendas votivas, sugerindo que o espaço era um templo. A falta de escavações mais aprofundadas não permitem realizar um melhor estudo de todo o complexo que envolve também um edifício supostamente apsidal ou circular.

Templo: Sim, possível Templo de Apolo Pythaeus.

Bibliografia: A.M. AINIAN, 1988, 1997; B. WELLS, 1976, 1983.

Foto/Imagem: A.M. AINIAN, 1997.

Figura 71: Reconstituição da estrutura retangular, Prédio A – Asine.

50. Estrutura Apsidal.

Cronologia: IX.

Localização: Se localiza no Monte Barbouna em Asine.

Duas estruturas paralelas de pedra medindo 11,50 metros de comprimento a uma distância de 0,50 metros entre si (Edifícios B e C). As dimensões não podem ser totalmente descritas pela falta de informação, mas sugere-se aproximadamente 11,5 metros de comprimento baseando-se nas fundações do edifício, contendo paredes de 0,60m metros de espessura. Pesquisas realizadas por S. DIETL (1996) apontam uma visão concorrente a A.M. AINIAN (1997), ao afirmar que não eram dois espaços distintos, mas sim um só. Ele fundamenta sua visão na descoberta que as fundações e o piso das duas estruturas são muito

semelhantes e a disposição das paredes levam a visualizar um edifício com múltiplos compartimentos. Não foram encontrados traços de tijolos de barro no local, mas foram descobertos espaços para colunas, pequenos depósitos circulares e vestígios de pedras no final do edifício sugerindo que lá se encontrava o apse do edifício dado a configuração dessas pedras. Convém destacar a presença de enterramentos próximos à estrutura, cinco infantis e dois adultos, sendo que um deles contém dois esqueletos. A cerâmica encontrada nos dois espaços está datada e sugere o uso simultâneo dos dois espaços de culto. Essa região do sítio como um todo possui uma estratigrafia muito confusa e alterada, uma vez que o espaço foi amplamente utilizado por sucessivas gerações e o resultado acaba sendo um corte no perfil incapaz de fornecer as informações necessárias para o melhor entendimento do espaço. Esse agrupamento de estruturas ainda está sendo estudado com o intuito de perceber a real função desse local.

Templo: Sim, Apolo Pythaeus.

Bibliografia: A.M. AINIAN, 1988, 1997; B. WELLS, 1976, 1983, 1987; S. DIETL, 1996.

Foto/Imagem: A.M. AINIAN, 1997.

Figura 72: Contexto Apsidal do Sítio – Asine. Destaque para os Edifícios B e C.

Figura 73: Destaque aos enterramentos ao norte dos Edifícios B e C.

51. Múltiplas Estruturas.

Cronologia: X.

Localização: Aos pés do Monte Barbouna.

Complexo com várias estruturas do Período Geométrico, sendo a principal delas o *Edifício S* com as dimensões de 5,85 metros de comprimento por 2,90 metros de largura estando a região apsidal separada do restante por um muro. Ao redor dela existem outras três estruturas *Q*, *O* e *P* que possuem respectivamente as seguintes medidas; *Q*: 2,90 metros de comprimento por 2,20 metros de largura, *O*: 2 metros de comprimento por 2 metros de largura e *P*: 3,85 metros de comprimento por 2,50 metros de largura. Ao redor deste complexo é possível notar uma região pavimentada e alguns locais dedicados aos rituais de culto aos mortos.

Templo: Sim, Apolo Pythaeus.

Bibliografia: A.M. AINIAN, 1988, 1997; B. WELLS, 1976, 1983.

Foto/Imagem: A.M. AINIAN, 1997.

Figura 74: Destaque para as estruturas: Edifício S, Estruturas Q, O e P.

4) – Monumentalidade, sociedade e poder.

Neste capítulo pretendemos discutir a relação entre a monumentalidade, a sociedade e o exercício do poder; nesse sentido, iniciaremos o texto apresentando o conceito de monumentalidade e como o mesmo se apresenta em sociedades antigas. Em seguida, buscaremos interpretar este conceito na Idade do Ferro Inicial fazendo uso de exemplos emblemáticos como Micenas (sítio representativo da Idade do Bronze) e Lefkandi, (sítio da Idade do Ferro) com o intuito de mostrar a relação entre sociedade, ambiente construído e monumentalidade. Vamos ressaltar a importância de entender como a monumentalidade funcionava nos dois períodos históricos estudados destacando a ênfase que possuía e seu significado na sociedade.

Iniciamos nossa discussão focalizando a monumentalidade como estratégia utilizada pelos governantes para representar/legitimar o poder que detém para a sociedade. Tal afirmação se fundamenta na constatação de que os governos, durante grande parte da história da humanidade, fizeram uso de obras públicas magníficas de significativo impacto visual e estético para marcar materialmente uma forma política, a figura individualizada de um governante ou de uma camada social hegemônica assim como, em outras circunstâncias, para mascarar problemas econômicos, crises religiosas ou fragilidades nas relações sociais e políticas. Pretendemos, a seguir, ampliar o escopo de nossa interpretação inserindo a prática de construir grandes obras no conceito de consumo conspícuo, uma categoria ampla de práticas que visam a representação do status, da riqueza, do poder por parte de alguns para o conhecimento da totalidade de uma comunidade.

4.1)- Monumentalidade e *consumo conspícuo*:

Uma das características que podemos perceber quando estudamos sociedades antigas são as grandes estruturas arquitetônicas construídas com o dispêndio de imensos recursos materiais e o manejo de contingentes significativos de mão de obra. Esses edifícios se espalham por todos os continentes, porém o nosso foco será, naturalmente, o mundo grego, comparado com outros contextos culturais quando se fizer necessário.

Em artigo publicado em 1990, o arqueólogo Bruce Trigger apresenta o conceito de *consumo conspícuo* para buscar entender as motivações de certas sociedades, ou melhor, de

uma parcela dela, para a construção de uma estrutura arquitetônica em que, nas palavras do autor,

*Sua principal característica definidora é que a sua escala e elaboração exceder os requisitos de quaisquer funções práticas que um edifício destina-se a executar*⁷⁹.

Assim, poderíamos usar como exemplo as “Casas de Chefe” que, em comparação com as demais instaladas em um mesmo assentamento, sugerem um uso extraordinário de recursos naturais e mão de obra para criar dimensões que ultrapassam as suas necessidades funcionais. Na Idade do Bronze, muralhas “ciclópicas” excedem também em muito a necessidade defensiva, mas são, até hoje, marcos estrategicamente inseridos em uma paisagem. Pensando no mundo antigo, temos exemplos variados dessa prática, desde as pirâmides de Gizé no Egito aos palácios-templos da Mesopotâmia; na Mesoamérica pré-colombiana temos no México, Peru, Guatemala, ainda hoje, os vestígios de grandes projetos construtivos e urbanísticos possivelmente resultantes do uso do *consumo conspícuo* por governantes e camadas sociais hegemônicas.

Para melhor explicar o mecanismo simbólico embutido no conceito de *consumo conspícuo*, Trigger o contrapõe ao princípio do *menor esforço* que está presente em comportamentos de sociedades que devem controlar o seu gasto energético tanto de recursos como de trabalho humano, utilizando então a estratégia de “gastar mais energia no tempo curto para reduzir o dispêndio no tempo longo” (Hirata 2009: 122). O *consumo conspícuo de energia* estaria presente em sociedades em que o poder político estaria estruturado e haveria já um processo de estratificação social em marcha, assim, o governante demonstraria sua pujança material e domínio em mobilizar recursos e trabalho humano implantando as construções imponentes e duradouras. O princípio do *menor esforço*, para Trigger, seria encontrado principalmente em pequenas comunidades onde a diferenciação social era embrionária e não haveria sinais de relações assimétricas de poder. Esta comunidade menos complexa socialmente organizaria as tarefas relativas à sobrevivência com o objetivo primeiro de controlar e otimizar o gasto energético de cada um em prol do bem estar de todos.

⁷⁹ *Its principal defining feature is that its scale and elaboration exceed the requirements of any practical functions that a building is intended to perform.* TRIGGER, 1990:115.

Trigger associa, pois, o poder ao controle do gasto de energia, como está explícito na frase abaixo:

*No nível mais básico e geral, o poder político é universalmente entendido como a capacidade de controlar a energia. Nenhum governante pode reter o poder político se ele não investir muito dessa energia em atividades que ajudam a manter e, se possível, para expandir a sociedade que ele controla*⁸⁰.

A relação direta entre monumentalidade e poder organizado, estabelecida por Trigger, foi relativizada por alguns autores como Joyce Marcus (2003) que afirma que a correlação entre poder e monumentalidade nem sempre existe automaticamente⁸¹ sendo, inclusive, difícil de ser avaliada completamente no contexto arqueológico. A autora desenvolve seu argumento examinando criticamente quatro pontos que considera cruciais para o entendimento da questão e que aparecem constantemente na literatura especializada:

1. *Monumentalidade significa poder;*
2. *Estados mais antigos tinham menos poder que os mais tardios;*
3. *Quanto maior o monumento mais poderosos serão os governantes que os construíram;*
4. *As mais ricas tumbas são as dos governantes legítimos na linha direta da sucessão.*⁸²

O texto de Marcus alerta para outra possibilidade de interpretação da monumentalidade: tais obras poderiam ser utilizadas para desviar a atenção da população de problemas existentes, uma maneira de alienar essa sociedade frente às dificuldades sociais, econômicas e sucessórias, dentre outras. Os exemplos apresentados vão desde as pirâmides de

⁸⁰ *At the most elementary and general level, political power is universally perceived as the ability to control energy. No ruler can retain political power if he does not invest much of this energy in activities that help to maintain and, if possible, to expand the society that he controls.* TRIGGER, 1990: 125.

⁸¹ *We will look several examples suggesting that monumentality is not always a direct reflection of power, and that the motivation for investing in monumentality might be to disguise a non-royal background and hide the lack of effective institutional power.* MARCUS, J. 2003: 116

⁸² *1) Monumentality equals power; (2) early states had less power than later states; (3) the bigger the monument, the more powerful the rules or government that commissioned it; and (4) the most elegant tombs are those of legitimate rulers in the direct line of succession.* MARCUS, J. 2003: 115.

Gizé, os monumentos astecas de Teotihuacan e as pirâmides maias de Palenque e Tikal no México até o sítio de Sipán no Peru.

Todos esses espaços geograficamente tão distintos e separados pela cronologia têm em comum o que a autora considera o uso da monumentalidade como uma ‘máscara’ para esconder problemas de sucessão e/ou problemas da falta de um poder sólido e confiável. Na tentativa de legitimar o poder, esses antigos líderes, cientes das dificuldades relacionadas à institucionalização do mesmo investiam pesado em obras públicas capazes de impressionar a população. Essas estruturas acabavam servindo de exemplos concretos da sua capacidade de construir edifícios à imagem de seu poder. O Egito, a título de ilustração, personifica bem essa situação. As grandes pirâmides foram construídas durante os primeiros reinados, quando a região estava sendo unificada pelo poder do Faraó. Com o passar das dinastias, os recursos acabaram sendo transferidos das obras públicas para campanhas militares de expansão territorial, que também é uma expressão de poder, porém essa forma de demonstrá-lo acabava sendo menos visível do que a construção de um monumento como as pirâmides, por exemplo.

Figura 15: Complexo das pirâmides de Gizé.⁸³

Entretanto, não se pode considerar uma expansão militar como algo menos importante ou menos relevante do ponto de vista histórico e arqueológico. Isso pode ser afirmado porque os recursos despendidos para manter uma campanha longa em território estrangeiro representam um custo tão alto ao Estado como a construção de túmulos luxuosos para a elite. No que diz respeito à documentação arqueológica, uma campanha militar não deixa um registro tão impressionante como um túmulo, mas mesmo assim é visível, principalmente em espaços aonde se deram as batalhas ou aonde exércitos acamparam. No que concerne ao registro arqueológico, Marcus afirma:

⁸³ Figura extraída do site: <http://www.egitoantigo.net/necropole-de-gize.htm>. 30/06/2014.

*O poder é um tema reconhecidamente difícil para os arqueólogos porque só pode ser observada de forma indireta. Nós fazemos inferências a partir de pirâmides, palácios, túmulos, e textos, mas não devemos tratar nenhum deles como fatos objetivos. Antigos governantes a quem estão relacionados, e que às vezes diziam ser grandes conquistadores quando não eram.*⁸⁴

Confiar na adequação das possíveis mensagens contidas dentro de cada uma dessas estruturas monumentais é de certa forma uma atitude a ser nuanceada. Nas palavras da autora,

*Gostaria de alertar os arqueólogos a não confiar demasiado na monumentalidade de pirâmides e tumbas reais como reflexos diretos do poder político. (...) Devemos ser tão céticos da propaganda antiga como somos quando se lida com os políticos modernos*⁸⁵

Em síntese, a arquitetura é um documento que pode fornecer indícios que permitam ao arqueólogo propor hipóteses sobre as práticas sociais, o arranjo das relações de poder, mas tem como característica o dinamismo que, para Wright (2008:41), significa que:

*“...nós não podemos simplesmente “ ler” a arquitetura como se o seu significado estivesse codificado em um dicionário universal de formas arquitetônicas... Arquitetura é um palimpsesto e seu significado histórico é caleidoscópico*⁸⁶.

Antes de abordar a questão do uso do conceito de monumentalidade como estratégia de representação do poder político nos períodos e espaços geográficos que recortamos do mundo grego antigo temos que, obrigatoriamente, investigar como as relações de poder na Idade do Ferro Inicial vem sendo interpretadas na bibliografia especializada.

⁸⁴ *Power is an admittedly difficult topic for archaeologists because it can only be observed indirectly. We make inferences from pyramids, palaces, tombs, and texts, but we should not treat any of them as objective accounts. Ancient rulers to whom they not related, and they sometimes claimed to be great conquerors when they were not. Ibidem. Pág. 116.*

⁸⁵ *I would caution archaeologists not to rely too heavily on the monumentality of pyramids and royal tombs as direct reflections of political power. (...) We should be as skeptical of ancient propaganda as we are when dealing with modern politicians. Ibidem. Pág. 134.*

⁸⁶ WRIGHT, 2008: 41.

4.2)- A estruturação do poder político na Idade do Ferro Inicial:

O “colapso” do sistema palacial micênico, como já observamos, representou uma reconfiguração na estruturação do poder político antes centralizado na figura do wanax, a mais importante autoridade política e, portanto, o morador mais importante do palácio. Wright interpreta a formação do palácio micênico como “um produto da formação social e política da sociedade micênica” (2008:41) e explicita o processo que deu origem a esta categoria especial de construção em fases que representam, paralelamente, a organização do poder:

*Eu defendo que essa formação ocorreu em três processos. O primeiro é a interação e competição das elites emergentes em diferentes comunidades, **que promoveram a formação de expressões arquitetônicas locais de poder e prestígio.** Segundo é a consolidação de territórios pelas elites em seus centros e a **construção de estruturas monumentais complexas que reconhecemos como palácios.** Terceiro é a formação de Estados embrionários que são o produto de “peer polity interaction” e que **em termos arquitetônicos manifestam-se em um estilo arquitetônico uniforme micênico**⁸⁷. (grifo nosso)*

e, neste sentido, conclui:

*O palácio micênico, portanto, é uma **representação material mutável** do papel simbólico, social, político concentrados na autoridade e poder do 'wanax'⁸⁸. (grifo nosso)*

Assim, a reconfiguração da estrutura de poder que se segue ao desaparecimento dessa autoridade centralizadora vem sendo interpretada pelos especialistas como um movimento no sentido oposto, ou seja, instalam-se centros de poder locais, possivelmente com a continuidade de atuação de integrantes da esfera política anterior. Sabemos que ao wanax (wa-na-ka em Linear B) subordinavam-se os responsáveis pelo cuidado com o “damos”, a área agriculturável que fornecia ao sistema econômico vigente alimentos para o sustento da mão de obra especializada que abastecia o palácio e o “comercio exterior” de produtos de alto valor de troca; fornecia também matérias primas como o linho que, transformado em tecidos,

⁸⁷ WRIGHT, 2008: 41.

⁸⁸ Idem: 42.

se constituía em um bem de grande procura nos mercados fora da Grécia (Foxhall, 1995). Os funcionários reais que controlavam e intermediavam a produção do “damos” tem sido identificados com o que as tabletas escritas em Linear B denominam “qa-si-re-u” e que na epopeia homérica aparece como *basileus*. Essa interpretação chamada por Crielaard de “modelo do *wanax* para o *basileus*” (Crielaard, 2008: 271) que critica esta interpretação afirmando que “a relação etimológica ou semântica entre o micênico “qa-si-re-u” e o homérico *basileus* em si-mesma não constitui evidência suficiente para que se postule a continuidade de funções ou instituições sócio-políticas” (op. cit. 271)

Walter Donlan, em 1997, publicou um artigo intitulado “*The relations of power in pre-state and early state polities*” que se constitui em uma abordagem detalhada desse viés interpretativo. Para o autor, a partir do século 10, as comunidades regionais “*eram organizadas como “simples” ou “low-level” chefias que se replicavam de geração a geração sem movimentos no sentido de maior “complexibilidade” e “Como em todas as chefias a desigualdade do poder e os arranjos de status separavam os “basileis” (“primeiros” e subordinados) do restante do “demos” mas, como é típico de chefias “low-level” tais arranjos lhes davam pequeno poder de coerção*” (Donlan 1997:39). Donlan nos disponibiliza definições muito importantes para o nosso tema como “poder” e “autoridade”, afirmando que “*Os líderes da Idade Obscura tinham considerável autoridade e pequeno poder*”. (Donlan 1997:40). Essa caracterização dos governantes da Idade do Ferro Inicial destaca que os *basileis* assentavam sua proeminência sobre os demais a partir do uso da persuasão, do exemplo do seu comportamento, do respeito à tradição mais do que pelo uso da força ou de sanções. Poder-se-ia, portanto, avaliar a medida do poder exercido por um líder pela mensuração do nível controle social que exerce por meio de mecanismos restritivos e punitivos. (Donlan 1997: 41). O autor faz uso de Homero como fonte para discutir as relações de poder, o que vem sendo uma tendência forte entre os especialistas: “*Podemos chamar as elites do período do Bronze Tardio e da Idade do Ferro Inicial de pequenos chefes, “big men” ou ‘aristoi’ mas elas se parecem fortemente com os ‘basileis’ retratados nos poemas homéricos. Representam um grupo de pessoas essencial para a memória coletiva ou cultural. Tinham feito parte do sistema palacial e emergiram após o colapso como lideranças políticas, econômicas e sociais*” (Eder 2008: 572; v. também, Palaima 2008; Raaflaub, 2008).

Figura 16: Sala do Trono em Cnossos – Creta.⁸⁹

4.3)- Análise das estruturas arquitetônicas da Idade do Ferro Inicial: Monumentalidade, Sociedade e Poder.

A correlação que existe entre um espaço construído e a monumentalidade envolvida pode abarcar múltiplas interpretações sendo que a principal delas que vamos considerar para essa pesquisa está focada em como as sociedades da Idade do Ferro conseguiram construir uma identidade política frente à destruição que precedeu aquele período.

Voltando para o estudo nas regiões descritas no Inventário, pretendemos fazer uma análise mais aprofundada de algumas características consideradas importantes para o entendimento do contexto da monumentalidade e do poder nas “Casas de Chefe” tal como estudadas por Ainian (1997). A visão dos autores até então citados vem corroborar a premissa

⁸⁹ Figura extraída do site: <http://pt.dreamstime.com/fotos-de-stock-sala-do-trono-em-knossos-image16774623>. 27/06/2014.

defendida que se baseia na aceitação de que a monumentalidade é uma demonstração de poder frente a população. Paralelo a isso, defendemos que uma sociedade precisa ser minimamente organizada ao redor de uma liderança para ser capaz de construir e sustentar esses edifícios que por vezes são de uso comum para aquele agrupamento social. Concordamos, também, com Marcus (2003), ao entender a monumentalidade como uma forma de legitimação do poder e considero que isso se passa quando os *basileus*, no período inicial da Idade do Ferro, fazem o uso de habitações de construção especial, diferenciada para a realização de atividades religiosas ou banquetes reunindo a elite local.

Analizando os dados obtidos para a constituição do Inventário, é possível chegar a algumas constatações que estabelecem fragmentos do cenário do que foi a Idade do Ferro Inicial. Convém novamente afirmar que todos os dados obtidos provêm da pesquisa feita por Alexander Mazarakis Ainian no ano de 1997, abrindo assim o espaço futuro para novos questionamentos e debates construídos por pesquisas arqueológicas mais recentes.

As análises estratigráficas, da cultura material e dos vestígios físicos encontrados em cada um desses sítios, tornaram possível uma conclusão parcial do uso desses espaços. Seria um erro tentar quantificar exatamente o número de templos e “Casas de Chefe” encontradas nessas quatro regiões⁹⁰, porém é possível apresentar alguns exemplos que podem ilustrar cada uma dessas situações.

Dentre as regiões selecionadas na Grécia Balcânica, o destaque coube à região do Peloponeso. Dos 15 sítios estudados é possível afirmar que em quase sua totalidade, exceto o caso de Nicória, é possível notar a presença de templos ou vestígios relacionados ao culto às divindades. Olímpia, Aigeira, Istmia e Asine contém estruturas datadas do século XI e X a.C., as mais antigas da região e que sugerem o uso do local como um espaço de culto e não uma habitação do *basileu* local, uma vez que os objetos religiosos encontrados datam do mesmo período. Os demais sítios do Peloponeso, que abrigam tais estruturas, são datados prioritariamente no espaço de tempo que compreende os séculos VIII e VII a.C. No quesito da arquitetura da construção é possível perceber uma série de semelhanças no fundamento da estrutura das construções. Algumas estruturas são consideradas ovais, retangulares, apsidais,

⁹⁰ Ática, Eubéia, Peloponeso e Grécia Central (AINIAN, 1997).

circulares e curvilíneas⁹¹. A seguir seguem alguns exemplos presentes nas regiões estudadas que ilustram cada uma das formas apresentadas:

Inventário: Figura 8: Planta restaurada da Estrutura Oval – Xerópolis.

Inventário: Figura 54: Reconstituição do Edifício A, Retangular - Aigeira.

⁹¹ Esta última estrutura, a curvilínea, não possui uma imagem satisfatória, por isso não vai constar nessa descrição das imagens.

Inventário: Figura 63: Visão geral da estrutura apsidal – Micenas.

Inventário: Figura 12: Estruturas Circulares em destaque ΣΤ e H - Oropos.

Outro caso que merece destaque dentro das estruturas encontradas no Peloponeso é o sítio de Tegea. Localizado no coração da península do Peloponeso, esse sítio datado do século IX a.C. sofreu reformas e teve suas dimensões ampliadas sugerindo um desenvolvimento da região capaz de suprir essas mudanças. Como é possível analisar na imagem a seguir, o *Edifício I* foi o primeiro a ser construído segundo o registro estratigráfico. Foram encontrados em seu interior materiais que remetem a metalurgia como objetos de ferro, carvão e imagens de terracota. Ainian (1997) indica que esse espaço poderia ser uma pequena forja e que após a reforma que sofreu passou a ser um espaço de culto dedicado aos ancestrais e a Atenas Alea. Foram descobertos no posterior *Edifício II* objetos de ouro, imagens de terracota, ossos de animais e novamente restos de carvão, achados esses que estão conectados a cerimônias religiosas e libação dos mortos.

Inventário: Figura 55: Planta dos Edifícios I e II sobrepostos – Tegea.

A seguir apresentamos uma síntese dos resultados obtidos a partir do exame dos conjuntos documentais:

Eubéia

Mapa 5: Sítios plotados– Eubéia.

A partir de um estudo pontual das características dessas estruturas presentes nessa macro região, podemos destacar Lefkandi e Erétria.

O mais emblemático sítio da Eubéia, devido a sua localização geográfica e escavações já realizadas, é conhecido como Edifício ou “Heroon” de Toumba, em Lefkandi. Esse espaço, com aproximadamente 470 m², está localizado no topo da planície Lelantina e próximo à moderna cidade de Lefkandi. Em seus arredores foram descobertos diversos espaços funerários e o assentamento de Xerópolis, habitado durante a Idade do Bronze (Ainian. 1997).

Seu estado de conservação permite dimensionar uma estrutura com mais de 47 metros de comprimento por 10 metros de largura com espessura das paredes em torno de 0,60 metros. Sete compartimentos compõem sua divisão interna (Ver **Figura 1** – Catálogo) e os vestígios materiais encontrados em seu interior são tão emblemáticos como a estrutura em si. Em seu interior foram encontradas cerâmicas do período micênico, discos de argila, uma caixa de cerâmica contendo cinzas e fragmentos de ossos queimados, representações de animais do período Protogeométrico, crateras, discos de bronze e uma lâmina de obsidiana (Souza, 2005). Escavações descobriram dois túmulos no interior do edifício. Um mais simples contendo os restos mortuários de quatro cavalos e outro, revestido de tijolos de barro, onde foi possível

localizar os vestígios remanescentes da inumação de uma mulher e uma urna funerária que guardava os restos de ossos queimados de um homem. Entre os objetos associados aos enterramentos podemos destacar uma cratera de argila, dois discos peitorais de ferro, inúmeros pinos de ferro e bronze, anéis de ouro, fragmentos de joias, uma espada, uma ponta de lança, laminas e uma adaga de ferro com o cabo de marfim (Souza, 2005). A datação desses fragmentos corresponde, aproximadamente, à metade do século X, porém alguns deles são mais antigos, séculos XIII e XII. Os enterramentos no interior da estrutura datados em 950 a.C., correspondem a um período posterior ao estimado para a construção do edifício, que segundo consta foi erguido em meados do século X.

Com base nesses dados e na datação dos demais espaços funerários presentes ao redor da estrutura principal (Ver **Figura 5** – Catálogo) é possível projetar que o complexo funerário do sítio de Toumba, em Lefkandi, foi iniciado com os enterramentos no interior do edifício seguidos pelos exteriores, que continuaram acontecendo até meados do século VII. Tais atividades apontam para o uso daquele espaço como um local cerimonial e também de preservação de memória da população.

O sítio de Erétria apresenta dois edifícios mais estudados. O Edifício A/*Daphnephoreion* e o Edifício D/*Hekatonpedon* (Ver **Figura 10** – Catálogo). O primeiro deles possui 9,75 metros de comprimento, por 6,5 metros de largura. A preservação das paredes aponta para uma espessura de 0,55 metros e não foram encontrados vestígios de divisão interna em cômodos menores. A datação dessa estrutura, segundo Ainian (1997) e Souza (2005) transita do final do século IX a início do VIII: tal data foi definida em função dos vestígios materiais encontrados e da análise estratigráfica das fundações. A área externa do *Daphnephoreion* abriga ao noroeste um cemitério denominado “Portão Oeste” (Souza, 2005) e nele foram descobertos múltiplos enterramentos masculinos. Pela interpretação de C.Bérard (1971), o Edifício A pode ser classificado como um *Herôon* em homenagem aos mortos enterrados a noroeste desse edifício.

O Edifício D ou *Hekatonpedon* possui 35 metros de comprimento por 8 de largura com a espessura das paredes de 0,60 metros. Em seu interior foram localizados vestígios cerimoniais e restos de cerâmica e metais, como por exemplo, um cavalo de bronze. O debate se concentra no uso dessa estrutura. Ainian (1997) defende que o local possuía um caráter religioso e baseia sua afirmação nas descobertas de vestígios de um templo dedicado a Apolo

na região. Esse caráter pode ser atestado, pois a estrutura estava construída sobre um sítio datado do período Micênico (Souza, 2005) e essa continuidade do uso do espaço assinala o caráter simbólico da região.

A datação dos sítios⁹² presentes na região varia entre os séculos X até o VIII. Lefkandi é o mais antigo, século X; Xerópolis engloba o período compreendido entre os séculos IX – VIII; no caso de Erétria e suas quatro estruturas principais, o *Daphnephoreion*, o *Hekatonpedon*, uma estrutura circular e uma curvilínea são datadas todas do século VIII e o sítio de Halai do século VIII.

Arquitetonicamente, o sítio apsidal de Lefkandi e Erétria, considerados por Ainian (1997) como “Casas de Chefe”, possuem dimensões grandes se comparadas às demais estruturas arquitetônicas presentes nos sítios. Como já foi exposto, a grande largura das paredes pode ser também considerada um marcador arqueológico indicando a monumentalidade da construção com o objetivo de legitimar o poder do líder local responsável pela edificação. A constatação de um uso extraordinário de matéria prima configura o consumo conspícuo e deve ser associado a outros marcadores como a própria localização das estruturas e a presença de ricas oferendas votivas e “antiguidades”.

As demais estruturas presentes na região da Erétria estão atreladas ao uso religioso e isso aconteceu durante a ocupação e posteriormente a elas, ou seja, os locais permaneceram vinculados ao culto mesmo com o fim da IFI. A estrutura curvilínea, datada do século VIII, pode ser conectada, conforme explicado em Ainian (1997), com o tempo de Astarte e Afrodite construídos na região durante a Idade Arcaica e Clássica.

Quanto ao uso dos espaços, as estruturas apsidais são passíveis de serem interpretadas como locais de residência/culto da memória dos chefes locais (Ainian, 1997). Já as estruturas circulares de Xerópolis e Erétria são consideradas respectivamente silos de estocagem de alimentos e abrigo de caçadores. O destaque cabe a Halai e seu edifício circular que, devido aos achados feitos na região sugerem que o espaço era empregado como manufatura de tijolos de barro.

⁹² A datação foi extraída de Ainian (1997) e em alguns casos ela não equivale a um número preciso e acaba sendo aproximada.

Grécia Central

Mapa 6: Sítios plotados– Grécia Central.

A região que abrange a Grécia Central inclui sete sítios da Idade do Ferro já apresentados nesta dissertação. Ainian (1997) dá maior ênfase para as localidades de Oropos, Aulis, Delfos, Larisa, Gonnoi, Paralimni e Kalapodi e, a partir das descobertas, foi possível criar um cenário de como a região enfrentou a crise do Período Micênico e principalmente como lançou bases para o Período Arcaico e Clássico, uma vez que alguns desses sítios permaneceram habitados continuamente.

O primeiro deles é Oropos localizado de frente à Lefkandi, na parte continental da Grécia. O sítio escavado por A. Dragona, durante os anos de 1985 e 1986, tornou possível a descoberta de inúmeras estruturas, tanto residenciais como manufactureiras; escavações posteriores de Ainian vêm trazendo importantes informações sobre o papel de Oropos (identificada pelo autor com a Graia homérica) na região do Golfo da Eubéia. As dimensões do edifício absidal são de 28 metros de comprimento, não se sabe ao certo a largura, e a espessura da parede é de cerca de 0,45 metros. O trabalho de Dragona (1985) sugere que os antigos habitantes da região de Lefkandi, após a construção de Toumba, migraram para o continente e lá fixaram residência do século IX até finais do século VII. Cerâmicas e outros vestígios da cultura material fortalecem a datação apresentada por Ainian (1997).

Diferentemente de Lefkandi, esse espaço (Ver **Figura 11** – Catálogo) não contém achados significativos e diferenciados uma vez que o interior da estrutura não foi inteiramente escavado até o momento. Juntamente com esse edifício absidal existem duas estruturas circulares ΣΤ e Η que possuem respectivamente 3,85 e 2,14 metros de diâmetro (Ver **Figura 12** – Catálogo). Esses edifícios não têm tanto destaque quando se estuda seus vestígios materiais. Segundo Ainian (1997), foram encontrados alguns poços cerimoniais contendo ânforas, crateras, restos humanos e cinzas de animais.

O caso de Aulis é diferenciado uma vez que foram encontrados vestígios de uma estrutura circular do período da IFI enterrada, sob as fundações de um templo dedicado a Artêmis (Ver **Figura 13** – Catálogo), construído no período Clássico. Devido às perturbações na estratigrafia, a situação dessa estrutura ficou comprometida tornando difícil definir qual era sua real função, um templo curvilíneo ou um témeno⁹³. Pode-se considerar a sua data aproximada no século VIII (Ainian, 1997).

O caso de Delfos retrata bem o exemplo de um ambiente consagrado utilizado durante um longo período de tempo. Ele personifica o conceito de preservação de memória uma vez que o local, espaço geográfico na paisagem, manteve seu caráter ritualístico mesmo com o passar do tempo. A estrutura absidal encontrada fazia parte das fundações de um templo dedicado a Apolo, construído no final do século VII (Ainian, 1997). A ausência de vestígios precisos fortalece a teoria que o sítio foi amplamente utilizado, uma vez que não existem locais intocados e dedicados exclusivamente ao culto de heróis e divindades. Outra estrutura retangular merece destaque, uma vez que sua datação também é do século IX, contemporânea à Oropos. Suas dimensões são 13 metros de comprimento por 6,5 de largura com uma varanda que não possui tamanhos exatos. Segundo Ainian (1997), o uso desse local aponta para uma residência e não um espaço de culto, uma vez que não se encontrou nenhum material para sustentar tal hipótese.

O sítio de Gonnoi, na Grécia Central, se constitui num caso onde a ausência de informações é uma constante. Tal afirmação se realiza diante da impossibilidade de determinar o uso do edifício em seu contexto geográfico, sua datação e as causas de sua

⁹³ Termo em grego: τέμενος, εὐς-ους (τὸ). Definição: Na Grécia antiga, terreno sagrado, muitas vezes delimitado por muros ou por fileiras de pedras, consagrado a uma divindade, no interior do qual poderia ser erigido um altar e um templo. Extraído: <http://labeca.mae.usp.br/pt-br/glossary/>. 29/10/2014.

destruição. Apenas é factível dimensionar suas medidas aproximadas sendo de 10,5 metros de comprimento por 7,5 de largura (Ver **Figura 16** – Catálogo). Esse contraste que existe entre as estruturas dessa região elucida bem a importância ou não do espaço em épocas da IFI e consequentes eras. Ainian destaca que composições arquitetônicas semelhantes foram encontradas na Eubéia, Ática e em algumas ilhas da Ásia Menor.

Oropos, Delfos e Kalapodi são estruturas com a datação mais recuada da região somente sendo ultrapassada pela estrutura absidal e retangular de Paralimni construída em meados do século XI. Outra informação importante é que Paralimni, juntamente com Aulis e Kalapodi, permaneceram habitados por um longo período de tempo sendo que a primeira foi quase interruptamente habitada desde a época Neolítica (Ainian, 1997). As dimensões da estrutura absidal são 16 metros de comprimento por 6 metros de largura com paredes de 0,5 metros de espessura fundadas com pedras de dimensões consideráveis. A partir das escavações feitas em Paralimni, é possível visualizar as duas etapas que esse edifício passou, em um primeiro momento apsidal e logo depois retangular (Ver **Figura 18** – Catálogo). O sítio de Kalapodi também enfrentou reformas, mas com uma magnitude diferente da encontrada em Paralimni que, em sua nova estruturação, adquiriu características retangulares após as reformas *pronaos* (apse). Escavações realizadas no interior desse novo edifício descobriram objetos dos séculos VIII, Arcaico e Clássico constituídas por cerâmicas, fragmentos de joias de bronze e, segundo Th. Spyropoulos (1988), são evidências do uso daquele espaço posteriormente a IFI como um templo.

A estrutura arquitetônica de Kalapodi possui um layout diferenciado dos demais sítios da Grécia Central, exceto Paralimni que também passou por reformas estruturais. Dentro do sítio, o destaque cabe a dois edifícios, o Templo A e o Templo B, ambos construídos e reformados no transcorrer do tempo. O primeiro foi dedicado à Artêmis e o segundo à Apolo com 22 metros de comprimento por 10 metros de largura com fundações de um metro de profundidade sustentando uma parede de tijolos de barro; o segundo possui 7,9 metros de comprimento por 7,40 metros de largura com muros de uma espessura de 0,75 metros (Ver **Figura 19** – Catálogo). Grande parte dos vestígios materiais foram datados do século VII e VI, posteriores ao interesse dessa pesquisa, e constituem restos de ossos humanos e de animais, cerâmicas, objetos de ferro, ouro e bronze e algumas figuras de terracota. Seguindo o mesmo caso de Delfos, Kalapodi apresenta uma importante significação no imaginário da população local. É possível afirmar isso, pois o uso do espaço interruptamente durante várias

gerações se encontram presentes nas reformas constantes sofridas na arquitetura ao longo do tempo. Nessa cultura em especial, a manutenção de locais de memória, tanto religiosamente como politicamente, são de grande importância para legitimar o poder dos chefes regionais. O caso de Kalapodi, então, aparece como emblemático para esse tipo de situação, uma vez que seu uso também foi ininterrupto por um espaço de tempo.

O último sítio estudado na Grécia Central é Larisa. Datado do século IX, essa estrutura circular possuía a função de um celeiro ou um espaço para armazenagem de produtos e suas dimensões aproximadas são 3,7 metros de diâmetro com fundações de 0,20 metros de profundidade. As pedras de cantaria encontradas no local apontam para a possível existência de um segundo andar nesse edifício, uma vez que elas poderiam sustentar pesos elevados (Ainian, 1997). A ausência de demais vestígios materiais no local dificulta a construção de uma interpretação mais detalhada a respeito das funções, data da construção e subsequente destruição.

Ática

Mapa 7: Sítios plotados – Ática.

A região da Ática engloba 6 sítios selecionados de acordo com sua relevância tanto no contexto arquitetônico como no sócio-político (Ainian, 1997). Dentre esses espaços, serão debatidas 11 estruturas dando destaque a Lathouriza e seu edifício híbrido, o primeiro estudado até o momento e um dos poucos descobertos no período referente da IFI⁹⁴.

O primeiro caso aborda o sítio de Thorikos e sua estrutura retangular que sofreu reformas durante as fases de ocupação do local. A classificação desse espaço como um local de culto aos mortos se fundamenta nos achados materiais escavados e na presença de uma série de pequenas covas encontradas no interior do local contendo cacos de cerâmica, cinzas, restos de ossos, pesos de tear, conchas diversas e seixos. Na **Figura 21** – Catálogo, é possível visualizar nos cômodos III e X-XII próximos à parede as covas apresentadas por Ainian (1997), onde foram encontrados os restos materiais citados acima. O salão principal tem 9 metros de comprimento por 5 metros de largura com paredes de 0,50 metros de espessura. A datação é aproximada no século X devido aos restos materiais encontrados na estratigrafia do

⁹⁴ O sítio de Lathouriza compreende um dos quatro sítios híbridos apresentados por Ainian (1997). Os demais são: *Oikonomos* e *Koukounaries* em Paros e *Thessalonike Toumba*.

edifício antes da reforma. A segunda fase (Ver **Figura 22** – Catálogo) foi datada de meados do século IX e como é possível notar o salão III sofreu o acréscimo da varanda frontal XVIII.

O sítio de Elêusis, localizado na região de um complexo de templos dedicados a Deméter, possui algumas características que o tornam um local emblemático a respeito dos estudos das estruturas arquitetônicas da IFI. O primeiro ambiente a ser estudado, *Telesterion*⁹⁵, abrange uma estrutura retangular do período micênico (Ver **Figura 23** – Catálogo). Em um segundo momento, o lugar sofreu reformas datadas do século VIII e nela foram acrescentados novos cômodos, como é possível perceber na reconstituição das imagens (Ver **Figuras 24 e 25** – Catálogo). O debate principal existente entre Ainian (1997) e J. Travlos (1983) abrange o uso e a datação das reformas estruturais que o edifício sofreu. Travlos apresenta a teoria que o local foi amplamente utilizado desde época micênicas e que na verdade as reformas existentes são anteriores ao século VIII, oposto do que Ainian acredita. Nessa questão, acredito que Ainian está correto uma vez que é possível visualizar, através da estratigrafia do sítio, as diferentes etapas das reformas sendo posteriores aos demais edifícios micênicos presentes na área. Questões envolvendo datação acabam se tornando polêmicas e o debate entre os autores se torna inevitável. O ponto em comum nas pesquisas converge para o uso final da estrutura e como ficou sua configuração espacial (Ver **Figura 26** – Catálogo).

O próximo edifício do sítio de Elêusis constitui em um Mégaron⁹⁶ que está associado a um culto ancestral de herói (Ainian, 1997). Ele foi construído sob uma plataforma artificial de 13,65 metros de comprimento por 10 metros de largura e a residência se divide em quatro compartimentos. Escavações identificaram a presença de uma inumação masculina a poucos metros do edifício principal datado do final do século VIII. Acima do túmulo se encontra um amontoado de terra com 3 metros de diâmetro e várias piras cerimoniais contendo vasos, cinzas, carvão e ossos de animais calcinados. Fato interessante que sustenta a hipótese do uso ritual do espaço é a presença de um ‘caminho’ que se inicia na parte interna do edifício e vai se estendendo para a região externa. Isso sugere a possibilidade de procissões e consequentes depósitos cerimoniais. J. Travlos (1983) defende a teoria que serviu como residência de uma

⁹⁵ Termo em grego: τελεστήριον, ου (τό). Definição: Edifício para cerimônias de iniciação. Extraído: <http://labeca.mae.usp.br/pt-br/glossary/>. 30/10/2014.

⁹⁶ Termo em grego: μέγαρον, ου (τό). Definição: Grande sala, sala principal a partir da qual se abrem outros cômodos em um palácio ou em uma casa. Extraído: <http://labeca.mae.usp.br/pt-br/glossary/>. 31/10/2014.

família abastada da região até finais do século VIII e após isso acabou se transformando em um local de culto relacionando a família com o ‘herói’ enterrado nas proximidades. Ainian (1997), por outro lado, defende que o espaço foi empregado para o culto durante toda a sua existência e o enterramento na proximidade fortalece sua teoria.

O último ambiente a ser estudado em Eleusis é uma estrutura curvilínea encontrada a leste dos Templos de Artêmis Propylaia e Poseidon Pater. Esse edifício não foi amplamente analisado motivo pelo qual as informações referentes a ele ainda são difusas, incluindo a datação que transita entre os séculos VIII e VII. A presença de piras funerárias ao redor e dentro do edifício aludem para o uso ritualístico da área, porém não foram descobertos novos materiais para sustentar essa hipótese até o presente momento.

Mt. Hymettos e Mt. Tourkovounia (Ver **Figura 30** e **32** – Catálogo) possuem estruturas circulares localizadas no alto de montes e em ambos os casos a presença de objetos de culto sugerem seu emprego para rituais dos habitantes locais. O século VIII marca aproximadamente o início da utilização dos espaços, não podendo se determinar com exatidão, e no caso do Tourkovounia foi atestado o uso contínuo até século III. Ainian (1997) aponta que em ambos os espaços o culto presente posteriormente, séculos VII e VI, são dedicados a Zeus. A afirmação ganha significação devido às demais estruturas posteriores escavadas na região e a presença de vestígios da cultura material interligados com o culto religioso, esquifos, enocóas, miniaturas, vasos e potes de uso doméstico. A estrutura retangular presente em Mt. Hymettos faz parte do santuário dedicado a Zeus Ombrios e sua construção data de meados do século VIII empregada até final do século VII. Suas dimensões apresentam os seguintes dados: 5,8 metros de largura por 5,8 de comprimento com muros de 0,80 metros de espessura. Todos os objetos encontrados em seu interior não pertencem a nenhuma camada estratigráfica específica podendo assim abranger várias eras diferentes.

O sítio de Anavyssos merece destaque, na interpretação que estamos realizando, por se localizar nas proximidades de um cemitério do período Geométrico (Ver **Figura 35** – Catálogo) (século VIII) e por ser considerado por Ainian (1997) como uma estrutura protetora dos túmulos mais importantes, XVIII e XXII (Ver **Figura 34** – Catálogo). O edifício escavado está dividido em três quartos com as seguintes medidas: o quarto do meio possui 3 metros de comprimento por 2,5 metros de largura com paredes de 0,40 de altura por 0,60 metros de espessura; o segundo quarto tem 1,85 metros de comprimento por 2,30 metros de largura e o

terceiro não possui uma dimensão exata. Novamente é possível atestar o uso ritualístico do espaço e, juntamente com Mt. Hymettos, Mt. Tourkovounia, Thorikos e Eleusis, se torna crível construir o cenário de que a região da Ática está mais relacionada ao culto do que as residências de chefe propriamente ditas, diferentemente da Eubéia e da Grécia Central onde existe um equilíbrio entre as Casas e os locais religiosos.

O último espaço estudado na região é Lathouriza e nela o realce fica sendo para a estrutura híbrida onde é possível visualizar quase todos os tipos de arquitetura da época da IFI. Contendo mais de 25 estruturas, o sítio de Lathouriza é o mais emblemático de toda a região da Ática de todos que foram estudadas nessa dissertação. O destaque recai sobre quatro construções: I: retangular; II: apsidal; III: circular e IV: semicircular (Ver **Figura 39** – Catálogo). Apresentam, respectivamente, os seguintes tamanhos: 6,6 metros de comprimento por 4,9 metros de largura com paredes mal preservadas de 0,60 metros de espessura. A II estrutura possui 8,5 metros de comprimento por 6 metros de largura e entre esses espaços (I e II) existe uma junção de pedras com a função de captar água da chuva. O espaço III contém diâmetro de 3,7 metros e paredes com a espessura de 0,7 metros e suas fundações e piso se encontram cerca de 0,40 metros abaixo das demais. Para finalizar, a composição IV é totalmente irregular e as reformas constatadas no edifício dificultam descobrir as medidas de sua estrutura.

O debate envolvendo esse complexo de edifício, Ainian (1997) e Lauter (1985) consideram as possibilidades do uso tanto no âmbito religioso como político. Como o complexo abrange mais de 25 estruturas é possível aventar a possibilidade de que se tratava de um conjunto habitacional e as unidades I – IV englobavam a parte administrativa e religiosa do lugar (Ver **Figura 38** – Catálogo). Ainian (1997) sugere uma possível interpretação para cada uma das quatro estruturas estudadas: I seria a residência do chefe local; II o espaço das refeições e banquetes políticos; III, o celeiro e o espaço IV um salão secundário relacionado talvez com o santuário. A presença de um local cerimonial em frente à estrutura II reforça mais a teoria de se tratar de um complexo administrativo regional (Ver **Figura 40** – Catálogo). A datação do local não se adequa na IFI, século VII, mas a relevância arquitetonicamente justifica sua presença nesse estudo.

As outras estruturas, a circular e retangular, presentes no sítio de Lathouriza são, respectivamente, um local de culto a memória de herói local e o segundo não se sabe ao certo

qual foi seu uso na região. Ambos pertencem ao século VIII e possuem as seguintes medidas: 7,75 metros de diâmetro, cerca de 0,50 metros de espessura e a segunda, que sofreu reformas, 4,83 metros de comprimento por 4,05 metros de largura e 0,60 metros de espessura dos muros. Em um segundo momento as medidas passaram a 7,7 metros de comprimento por 4,9 metros de largura com cerca de 0,45 metros de espessura.

Peloponeso

Mapa 8: Sítios plotados – Peloponeso.

A região do Peloponeso compreende cerca de 15 sítios escolhidos da obra de Ainian (1997) e 22 estruturas que foram estudadas e catalogadas para essa pesquisa. Desses edifícios, aproximadamente metade deles foram datados do início da IFI, século XI e X transformando assim a região na mais significativa para a pesquisa.

Com a desintegração do sistema palacial micênico, houve uma dispersão da população que antes se concentrava nos importantes centros palaciais, como Micenas, Tirinto e Gla, por exemplo, constituindo assim pequenos aglomerados onde a presença humana era menor e o poder dos chefes locais se destacava. Essa é uma das explicações para a existência de diversos sítios datados para o período em questão, sendo que alguns deles, como Micenas⁹⁷, mantiveram uma constante de uso por um período muito longo, transitando entre períodos oscilatórios de população. A datação recuada da região favorece a presença de 10 estruturas apsidais, em Nicória, Olímpia, Tegea, Perachora, Micenas, Ano Mazaraki, Solygeia, Tiryns e em Asine.

⁹⁷ O caso de Micenas recua na datação, uma vez que a estratigrafia desse sítio apsidal aponta para o uso do espaço, contemporaneamente a presença dos palácios micênicos até a era Helenística. (Ainian, 1997)

O sítio de Micenas é o mais antigo da região do Peloponeso com estruturas datadas aproximadamente do século XIII seguido por Isthmia, Asine e Tiryns do século XI e por Nicória e Aigeira no século X. Os demais espaços de Asine, Soligeia, Argos, Olímpia, Tegea, Peracora, Esparta, Gortsouli, Ano Mazaraki e Corinto se encaixam mais na datação do século VIII, com pequenas exceções.

A arquitetura encontrada nesses locais é muito variada sendo possível visualizar estruturas com mais de mil m² (Ver **Figura 43** – Catálogo), como é o caso de Argos e sua estrutura retangular como também espaços com 12 m² correspondentes à segunda fase do edifício apsidal de Tegea (Ver **Figura 55** – Catálogo). Entretanto, várias estruturas não possuem dimensões definidas, ou então são difíceis de encontrar já que o registro arqueológico pode se encontrar perturbado como é o caso de Isthmia, Olímpia e Corinto. No caso de Olímpia isso acontece, pois, com o início da construção do Santuário Pan-helênico dedicado a Zeus, muitas das estruturas antigas foram destruídas e desapareceram quase totalmente do registro arqueológico (Ainian, 1997). Isthmia e Corinto sofrem a mesma sina já que muito pouco foi encontrado para dimensionar a abrangência total desses espaços edificados.

O que acaba sendo encontrado nas escavações são as bases estruturais dos edifícios e em alguns casos partes da parede de sustentação, que em sua grande maioria eram feitas de tijolos de barro. A partir dessas fundações é possível estimar a espessura das paredes e, como já foi observado nas demais regiões da Grécia Continental selecionadas para essa pesquisa, suas dimensões ultrapassam o esperado para construções do período sugerindo assim um gasto de matéria prima maior do que o necessário, conhecido como consumo conspícuo.

Dos 15 sítios destacados para esse estudo, cinco sofreram reformas estruturais durante sua existência. São eles: uma estrutura absidal em Nicória (Ver **Figuras 45-48** – Catálogo); uma absidal em Tegea (Ver **Figura 55** – Catálogo); um apsidal em Soligeia (Ver **Figura 67** – Catálogo), uma estrutura retangular em Tiryns (Ver **Figura 70** – Catálogo) e o caso de Gortsouli onde existem duas estruturas retangulares sobrepostas (Ver **Figura 61** – Catálogo). Além dessas reformas, Ainian (1997) destaca algumas informações interessantes a respeito dos demais sítios. A estrutura retangular presente em Corinto, datada do século VIII foi construída com matéria prima originária do Egito. Tal informação sustenta mais o conceito já

apresentado que existia um comércio durante a IFI, oposto do que se pensava em relação ao isolamento geográfico durante o período.

Perachora se diferencia das demais porque, segundo Ainian (1997), esse sítio, datado do século VIII, foi o primeiro local de culto propriamente dito dedicado a um deus, no caso à Hera Akraia, encontrado na Grécia, e que correspondente ao período do IFI. A presença religiosa nos demais edifícios estudados nessa pesquisa muitas vezes é fundamentada no culto aos mortos, à memória de heróis locais e nos demais casos, estruturas que viriam a abrigar ou dar espaço a templos dedicados aos deuses no período Arcaico.

A questão da religiosidade é muito presente nos sítios do Peloponeso. Ao contrário do que pode ser notado na Eubéia, onde quase não existem locais de culto, o Peloponeso contém templos e espaços ritualísticos em quase todos os sítios. O destaque dado a Perachora no estudo de Ainian (1997) e outros autores é reflexo de sua importância, o primeiro a conter um templo com todas as características ritualísticas de culto, presentes no período Arcaico e Helenístico. Os demais espaços arquitetônicos se transformaram em templos após o final da Idade do Ferro, porém convém destacar que, mesmo durante a IFI, esses ambientes já poderiam ser considerados locais cerimoniais e com forte apelo religioso. Devido a isso, muitos deles acabaram se transformando em complexos/templos durante o período Clássico e isso comprova a importância que tais espaços possuíam geograficamente porque quando um local é reutilizado de tal forma isso atesta que a memória da população local está intimamente conectada com aquele local específico.

Argos é um sítio com várias estruturas arquitetônicas escavadas como é possível ver na **Figura 41** presente no catálogo. O destaque do local cabe ao *Heraion*⁹⁸ e as dimensões monumentais de um terraço encontrado nas escavações com as seguintes medidas: 55,8 metros de comprimento por 34,4 metros de largura, sem a presença de vestígios de nenhum edifício da IFI, apenas encontraram no local alguns restos de objetos de libação e uma maquete do que poderia ser o projeto posterior do templo dedicado à Hera (Ver **Figura 42** – Catálogo). O local abriga também outra estrutura onde o templo de Hera propriamente dito foi erigido em meados do século VI. No espaço foram encontrados vestígios relacionados

⁹⁸ Termo em grego: Ἡραῖον ou Ἡραίων, (τὸ). Definição: (masculino; plural, Heraia) Templo consagrado à deusa Hera. Extraído: <http://labeca.mae.usp.br/pt-br/glossary/>. 10/11/2014.

novamente ao culto e em seu centro uma pequena estrutura para cremação descoberta contendo vestígios de cerâmicas, bronze e ferro.

O sítio de Nicória contém duas estruturas absidais que pela datação é a representação de uma sequência de uso durante o período do século X até o VII. São dois edifícios, utilizados em momentos distintos, o primeiro é *Unit IV-1* e o segundo *Unit IV-5* (Ainian, 1997). No primeiro deles é possível visualizar, pelos vestígios na estratigrafia que houve uma reforma estrutural responsável em transformá-lo em um espaço apsidal (Ver **Figura 45 e 47** – Catálogo). Os vestígios materiais presentes na primeira fase são poucos, cerâmicas de luxo em sua maioria, porém durante sua segunda fase houve um aumento na quantidade de resquícios, cerâmicas, armas, objetos de bronze e ferro, ossos calcinados de animais e sementes queimadas.

Unit IV-5 possui cerca de 110 m² e é um edifício apsidal de dimensões consideráveis (Ver **Figura 49** – Catálogo). Em seu interior foram encontrados vestígios de fogueiras e a presença de ossos carbonizados e demais pedaços de cerâmica fortalecem o uso do local como uma habitação ou espaço de uso coletivo durante parte do século VIII (Coulson, 1983).

O sítio de Olímpia se destaca dos demais porque foi um dos precursores do que viria a ser o grande complexo dedicado a Zeus no período clássico. Suas dimensões e datação não podem ser quantificadas com exatidão, pois a estratigrafia da região foi muito modificada e o uso constante daquele espaço por um período de tempo tão longo acabou comprometendo os dados capazes de fornecerem com exatidão essas informações. Os vestígios encontrados abrangem figuras do período Micênico até objetos de culto do século VII, quando se especula que esse espaço foi destruído.

A estrutura retangular presente em Aigeira se encaixa no padrão de espaços consagrados na época Arcaica e transformados em templos (Ver **Figura 54** – Catálogo). Nesse caso, Artemis-Iphigeneia foi sugerida por Pausanias (VIII, 26,5) como a divindade do local. Além das fontes escritas, objetos femininos foram encontrados no local, mas com uma datação mais recente, século VII, saindo assim do contexto dessa dissertação. A presença de objetos do IFI e outros mais antigos sugerem que a ocupação do espaço pode ser mais antiga do que se defende, talvez recuando até períodos micênicos.

O sítio de Isthmia possui duas estruturas, uma circular e outra retangular. Em ambos os casos, elementos mais precisos do uso, da datação e mesmo das dimensões dos edifícios

são difíceis de obter, uma vez que as pesquisas não conseguiram apontar dados precisos. A presença de restos cerimoniais na estrutura curvilínea abre espaço para suposições do uso ritual ou coletivo daquele espaço. Durante a época Arcaica, foi possível descobrir resquícios que apontam para a existência de um templo dedicado a Poseidon na área.

A estrutura apsidal de Tegea entra na classificação dos edifícios que sofreram reformas durante o período de seu uso. A estratigrafia considera duas fases distintas de uso (Ver **Figura 55** – Catálogo), sendo que a fase I corresponde ao mais antigo e o II mais recente. Novamente, os objetos relacionados à cultura material encontrados na região indicam o uso ritualístico do espaço (Ainian, 1997) e, no período posterior a IFI o sítio foi dedicado a Atenas Alea. A presença na fase II de metais como o ferro e o bronze, além de demais escórias relacionadas à metalurgia sugere a confecção de produtos votivos utilizados nos rituais do próprio espaço em questão (Nordquist, 1994). Na estratigrafia das duas fases é possível encontrar objetos de ouro, ferro, armas, cerâmicas e uma gama grande de outros artefatos.

O sítio de Peracora, um dos mais emblemáticos da região do Peloponeso, recebeu esse título por ser o primeiro espaço da IFI onde foi comprovada a existência de um templo dedicado a uma divindade do conhecido panteão grego (Ainian, 1997). Essa informação é importante porque grande parte dos sítios foram transformados em templos, porém isso se deu em épocas posteriores, Arcaica e Clássica, ao contrário de Perachora e sua estrutura apsidal que desde o século VIII abrigava esse culto. Outro fator interessante encontrado em Perachora e em Esparta são as maquetes achadas no interior desses espaços (Ver **Figura 58 e 60** – Catálogo) e que supostamente representam esses edifícios na época de sua existência. J. Salmon (1972) estudou a estrutura retangular presente a cerca de 200 metros de distância dessa apsidal e suas pesquisas sugerem que esse local, também dedicado a Hera, seria um local de culto auxiliar ao templo principal. Afirmar isso baseado nos poucos vestígios encontrados e no layout do edifício, que possui duas entradas, fato isso incomum nas estruturas do período (Ver **Figura 56** – Catálogo).

Esparta contém uma estrutura retangular, datada do século VIII, encontrado abaixo de um templo do período Arcaico dedicado à Artêmis Orthia. Esse fato acaba sendo algo bem comum, uma vez que quase todos os sítios do Peloponeso seguem tal padrão de estratigrafia. Contendo 12 metros de comprimento por 4,5 de largura, a estrutura se mantém semelhante ao

padrão regional (Ver **Figura 59** – Catálogo). O destaque acaba sendo a maquete encontrada que Catling (1994) afirma ser rara e que representa a forma do edifício quando estava construído ou até mesmo pode ser um modelo para os construtores da época.

Gortsouli possui duas estruturas retangulares sobrepostas e com orientações opostas. A datação do local não foi feita de maneira precisa, uma vez que está perturbada pelo uso constante do espaço do século VIII até o III. A estrutura mais antiga está estimada no início do século VIII e foi empregada até meados do VII sendo substituída pela segunda, utilizada até o século III e abrigou o templo de Artêmis. Os vestígios materiais encontrados são relacionados ao culto e fortalecem a teoria que abrigava o templo de Artêmis.

O sítio de Micenas abriga uma estrutura apsidal com a datação mais recuada do Peloponeso, pois seu uso remete à era palacial. Ao contrário do que se especula o sítio de Micenas não foi habitado por uma quantidade significativa de população já que existiu uma forte migração durante o século XII, no início da IFI (Ainian, 1997). Suas dimensões são modestas e seu uso, assim como sua datação, não foram definidos exatamente (Ver **Figura 63** e **64** – Catálogo).

O edifício apsidal de Ano Mazaraki se destaca dos demais por suas dimensões de 27,50 metros de comprimento por 7,50 metros de largura com paredes variando de 0,55 – 0,61 metros de espessura. Ao redor da estrutura foram encontradas 41 bases de sustentação responsáveis por sustentar pilastras que amparavam o telhado (Ver **Figura 65** – Catálogo). A datação estimada vai do século VIII até meados do IV quando um terremoto seguido por um incêndio destruiu a estrutura. Os vestígios encontrados em seu interior são diversos e contém objetos do período micênico e segundo Ainian (1997), são heranças mantidas pelos chefes locais.

A estrutura retangular presente em Corinto se destaca pelas características arquitetônicas e técnicas de construção usadas. Existem poucos vestígios disponíveis e suas dimensões são imprecisas. Pouco se sabe do período correspondente a IFI nessa região.

Solygeia foi escavado por Verdelis (1958) e o debate construído sobre a disposição das paredes, telhados e estruturação interna segue em aberto, uma vez que o edifício não está totalmente escavado (Ver **Figura 67** – Catálogo). O destaque para essa estrutura fica sendo as grandes quantidades de objetos votivos encontrados no local. Mais de mil vasos e 50 figuras humanas, além de restos de cinzas, carvão, cerâmicas e um pequeno poço encontrado em seu

interior. A estratigrafia constata duas fases distintas de construção e houve uma redução em suas dimensões após as reformas estruturais. Ainian (1997) acredita que o espaço foi utilizado como residência de um chefe local ou então um entreposto comercial.

A estratigrafia do sítio de Tirinto é uma das mais complexas da região do Peloponeso. Ainian (1997) estuda o edifício T (Ver **Figura 69** – Catálogo) e o mesmo foi construído sobre um megaron do período micênico passando por reformas estruturais (Ver **Figura 70** – Catálogo) sendo transformado em um templo no século VII. A região, destruída durante um conflito no século IX, foi logo reconstruída juntamente com a estrutura retangular estudada. Assim como Soligéia, Tirinto abrigou a residência do chefe local e depois, em épocas posteriores, templos e locais de culto.

Asine possui diversas estruturas relacionadas à IFI, retangular, apsidais e estruturas múltiplas que contextualizadas englobam diversos modelos arquitetônicos. A estrutura retangular é a mais recente, século VIII, enquanto as demais estimadas nos séculos X e IX. Todas elas foram dedicadas a Apolo Pythaeus no período Arcaico e os vestígios materiais associados às estruturas são cerâmicas, restos de carvão e ossos calcinados. A estrutura apsidal contém também sete enterramentos na sua área externa, sendo que são cinco de crianças e um deles contém dois esqueletos, porém não se pode afirmar se o local era um cemitério ou se os enterramentos são específicos (Ainian, 1997).

Considerações Finais

O desenvolvimento desta pesquisa de mestrado partiu de uma busca de contextualização da fase final da Idade do Bronze especialmente na área balcânica destacando a questão da estruturação do poder político nas sociedades palaciais. A documentação arqueológica aliada às informações recolhidas nas tabletas escritas em Linear B tornou-se o suporte para o reconhecimento de algumas linhas de tendência no estabelecimento das relações de poder vigentes na Idade do Bronze Balcânica. O uso de construções arquitetonicamente diferenciadas em relação ao conjunto de edificações de um assentamento foi um parâmetro, ou melhor, um indicador material utilizado na explicação de aspectos do sistema político desta época e da que se seguiu.

O recurso a Homero foi também de grande valia para a discussão da forma que o poder político assume em áreas balcânicas nos primórdios da Idade do Ferro, enraizando-se na estrutura precedente e criando mecanismos novos em resposta a nova sociedade que se ia constituindo. Pudemos observar que para a maioria dos autores contemporâneos o “Mundo de Homero” remete aos séculos iniciais do Período Arcaico e descreve formas de organização política, por meio de “chefias” locais – os senhores dos *oikoi*, os *basilei* – que podem ser associadas, de um lado, ao poder palacial e, por outro significam o surgimento de uma elite de nova configuração.

Vale ressaltar inicialmente que a bibliografia sobre o tema vem crescendo e apontando para novos problemas e novas interpretações; podemos destacar autores como James Wright, que já em 1994 apontava a “centralidade” do papel da religião no estudo da organização social e política de uma sociedade e propunha uma análise da “geografia cognitiva de uma sociedade” materializada nas práticas rituais e expressa na construção de edifícios e aldeias (1994:40). Wright afirmava ser possível construir significados para o registro arqueológico de uma sociedade, em especial se o registro fosse de longa duração, estudando os processos construtivos, a forma espacial de um assentamento e sua distribuição na paisagem (1994:41). Aplicando tais princípios teóricos à Grécia da Idade do Bronze o autor discute a organização centrípeta da sociedade micênica, o simbolismo do *megaron* e seus constituintes arquitetônicos como a lareira e as colunas e propõe um modelo de integração entre a religião e o poder político consolidado no “culto lareira-wanax”. (1994, passim) Assim, o trabalho de

Wright foi um dos que fundamentou nossa perspectiva de análise, baseada na simbiose clara que existe no mundo grego, entre poder político e religião e também na percepção de que esta relação aparece no registro arqueológico arquitetônico-espacial.

Prosseguindo, temos que citar a rica sequência de trabalhos de Alexander Mazarakis Ainian, arqueólogo grego cuja importância se afirmou desde a publicação de sua tese de doutorado **From Rulers Dwellings to Temples: Architecture, Religion and Society in Early Iron Age Greece (1100-700 B.C.)** em 1997. Mazarakis Ainian é responsável por reunir documentação material extremamente valiosa e propor interpretações inovadoras que vem mobilizando um profícuo debate sobre a relação entre os dados arqueológicos espaciais e construtivos e a organização das sociedades da Idade do Ferro. (Mazarakis Ainian, 2012:73-99). O minucioso catálogo elaborado pelo autor e publicado em 1997 foi o ponto de partida para o nosso levantamento de dados, como se pode ver no Capítulo 3. O inventário de estruturas arquitetônicas que elaboramos aproveitou as descrições detalhadas dos sítios e de suas estruturas apresentada pelo autor e, não tendo a intenção de repeti-lo, destacou apenas o essencial para os objetivos de nossa dissertação. Suas discussões, hipóteses e interpretações foram, desde o início, inspiradoras para o nosso trabalho. O seu conceito de “Casas de Chefe” para as estruturas monumentais da Idade do Ferro Inicial articulou as nossas discussões e nos permitiu expandir essa caracterização arquitetônica para confrontá-la com o conceito de consumo conspícuo. Em artigos posteriores (2006, 2007, 2012) Ainian introduz novas variáveis na configuração do “chefe” das comunidades helênicas da Idade do Ferro Inicial apontando, por exemplo, a partir dos vestígios arqueológicos encontrados nas “Casas de Chefe” a relação destes com o domínio da produção metalúrgica como um fator determinante de seu poder após o colapso da cultura micênica.

Finalizaremos esta rápida síntese, destacando a já citada coletânea de artigos reunidos por Deger-Jalkotzy e Lemos em 2006 (1ª. ed.) que trata de temáticas cruciais para o entendimento da passagem “dos Palácios Micênicos à Idade de Homero” e que trouxe também o debate de questões fundamentais ao desenvolvimento desta dissertação de mestrado. Assim, os artigos de Thomas Palaima sobre o poder do *wanax*, o de Mazarakis Ainian sobre a arqueologia dos *basileis*, o de Antonaccio sobre heróis e *basileis* contribuíram, de forma decisiva, para que a natureza do poder político vigente na Idade do Ferro Inicial pudesse ser buscada nos documentos arqueológicos disponíveis.

Assim, uma primeira conclusão desta dissertação diz respeito à constatação de que a Idade do Bronze e a Idade do Ferro não só vem assumindo uma proeminência nas pesquisas arqueológicas e históricas do mundo grego como também iluminam a importância da perspectiva da *longue durée* para a determinação de continuidades, marcação de linhas de desenvolvimento e relativizar as rupturas do processo histórico nessas regiões. A preocupação com a fundamentação teórica é um componente também a ser destacado nesse movimento e a arqueologia da época “pré-poliade” acaba tornando-se um campo comum de debate envolvendo desde pré-historiadores a estudiosos das sociedades helênicas das épocas posteriores. A obra intitulada **Inside the city in the Greek World Studies of Urbanism from the Bronze Age to the Hellenistic Period** e editada em 2009 por Sara Owen e Laura Preston (Oxbow Books) é um exemplo. Longe de apresentar uma abordagem generalista o volume, fruto de uma Conferência na *Faculty of Classics de Cambridge* (2004) tem por meta:

...entrelaça, por meio deste amplo espectro de diferentes sociedades e culturas, abordando diferentes tipos de evidências e abrangendo uma variedade de escalas espaciais da unidade familiar individualizada à mais ampla “paisagem urbana”...O “fio condutor” que unifica os artigos é a análise dos centros urbanos “de dentro” explorando algumas das formas como as pessoas vivem, percebem e modificam seus ambientes construídos⁹⁹.

Em nosso caso, o uso do conceito de “consumo conspícuo” em épocas históricas subsequentes pode indicar a permanência de formas de representação do poder político, instrumentalizadas por formas diferentes de organização das relações de poder, ou seja, em sociedades com forte poder centralizador (Idade do Bronze) e sociedades com poder político descentralizado, como é o caso da Idade do Ferro Inicial. Assim, a ideia da monumentalização de estruturas arquitetônicas como forma de registro do poder político aparece nas cidadelas e tumbas micênicas e, após a desestruturação do sistema palacial, permanece, em muitos sítios, nas “Casas de Chefe” que, em alguns casos, são transformadas posteriormente no templo poliade. A construção deste edifício monumental é associada, por sua vez, por autores como Snodgrass, ao surgimento da pólis e sua forma característica de governo. Permanece também a associação entre poder político e religião, característica da Idade do Bronze: se as “Casas de

⁹⁹ Weaves through this large time-range of different societies and cultures, addressing different types of evidence and embracing a variety of spatial scales from the household to the border cityscape ...the uniting thread of the articles is that they analyses urban centers from within , exploring some of the ways in which people lived in, perceived and modified their built environments. PRESTON e OWEN, 2009:2.

Chefe” apresentam vestígios materiais de práticas rituais na Idade do Ferro Inicial, os templos consolidam, em época arcaica e clássica, a imagem da pólis como uma comunidade de fiéis e concomitantemente uma comunidade de cidadãos.

Neste sentido, também a noção de ruptura, de surgimento de uma forma nova e independente de organização social e política na Idade do Ferro merece ser nuançada e avaliada em uma perspectiva regional e até mesmo local. Avaliamos que a maioria dos autores pesquisados sobre o assunto vem adotando esta perspectiva, podemos talvez concluir que está sendo construído um consenso neste sentido e, para tanto, as investigações localizadas local ou regionalmente vem fornecendo dados mais concretos. Mazarakis Ainian, por exemplo, analisando a situação de sítios arqueológicos na ilha da Eubéia - Xerópolis/Lefkandi, Eretria e Viglatouri - e na margem oposta do golfo Eubóico - Oropos - discute a possibilidade de existência de uma *koine* eubóica¹⁰⁰ no início da Idade do Ferro (Mazarakis Ainian 2012: 83 e seguintes) que representaria uma especialização regional assentada no poder político compartilhado por uma camada hegemônica de navegadores que dominavam a produção metalúrgica. Este modelo busca interpretar as analogias entre produção cerâmica e formas arquitetônicas destes sítios como indicadores de uma forma específica de organização social, política e econômica registrada nessa região pós-desintegração da sociedade palacial (Ainian, 2012).

A diversidade dos cenários econômico-políticos nas regiões gregas no início da Idade do Ferro é explicada por Lin Foxhall¹⁰¹, como vimos, também em função da relação de cada uma delas com o palácio mais próximo. Assim, quanto mais proximidade e dependência em relação à administração palacial maior teria sido o nível de mudanças e uma relativa autonomia como ocorria em Nicória em relação a Pilos teria resultado em uma transição suave e até a manutenção de sistemas produtivos próprios. A área eubóica, neste modelo, representaria a situação de marginalidade em relação aos centros palaciais e nela seria constatada uma situação de crescimento econômico com ampla área cultivada. Aqui novamente sinalizam-se para os dois pontos que vimos destacando: a observância de uma

¹⁰⁰ Há um debate em curso em relação à ideia da existência ou não desta *koine*. Para detalhes da discussão v. LEMOS, 2002: 212 e AINIAN, 2012:83-89.

¹⁰¹ Foxhall usa como documentação de base os dados faunísticos e botânicos advindos da atividade econômica, especialmente a agricultura. Busca relacionar as camadas hegemônicas que dominam o sistema político com o sistema que rege as atividades produtivas. (FOXHALL, 1995)

passagem da Idade do Bronze para a Idade do Ferro sem rupturas absolutas e que poderá ser mais bem equacionada, em sua complexibilidade, a partir de uma abordagem regional.

Nosso levantamento de dados relativos às “Casas de Chefe” resultou em uma constatação da recorrência destas estruturas, mas com uma distribuição não padronizada que privilegiasse definitivamente uma única região. A extrema diversidade da atividade arqueológica no mundo helênico deste período se traduz na fragmentação dos dados: Toumba/Lefkandi apesar da destruição de camadas ocasionada pela terraplenagem da área se apresenta ainda assim como um caso privilegiado, o mesmo quase que se pode dizer de Nicória, objeto de escavações sistemáticas durante anos mas para a maioria dos sítios as dúvidas permanecem. Teriam as “Casas de Chefe” uma função dupla, de centro político e religioso em todas as suas ocorrências? Afirmar que esses locais tinham apenas uma função seria desconsiderar as evidências encontradas nos sítios mais sistematicamente estudados como Toumba/Lefkandi, Erétria, Nicória e favorecer a evidência negativa, tendo em vista o caráter assistemático dos dados.

A monumentalidade das construções como representação do poder político caracteriza, em linhas gerais, a prática do comportamento conhecido como “*consumo conspícuo*” por parte dos chefes locais, ou *basileis* como são nomeados por alguns autores. Mas como chegar a uma configuração mais precisa desta forma específica de poder? Como entender as motivações de uma comunidade na aceitação deste tipo de chefia? Qual a base ideológica subjacente à escolha de “um” entre seus pares? Nos parecem questões importantes com desdobramentos na forma política que posteriormente será adotada pelas várias pólis gregas. As respostas podem ser buscadas na investigação da documentação material associada às estruturas monumentais sejam elas tumbas suntuosas como a de Toumba ou uma “Casa de Chefe”. Nos objetos, no caráter dos artefatos, em sua “biografia”¹⁰² estão materializados sentidos e significados mais precisos da forma de poder representada. No âmbito de nossa pesquisa não haveria disponibilidade de tempo para tratar, de forma adequada, desta questão. Vamos, então, nos ater a algumas considerações sobre o significado da presença de artefatos em sepultamentos e habitações na Idade do Ferro Inicial, apontando que este seria um tema para uma pesquisa futura.

¹⁰² Uma discussão bastante rica sobre a “história de vida” de objetos é apresentada por James Whitley no artigo *Objects with Attitude: Biographical Facts and Fallacies in the Study of Late Bronze Age and Early Iron Age Warrior Graves*, **CAJ**, 12:2, 2002: 217-32.

Mais uma vez Homero nos auxilia, visto que, em várias passagens da *Ilíada* e da *Odisseia* o poeta narra a biografia de alguns objetos de forma a destacar o valor de quem o possui. Ao descrever o cetro de Agamenon (*Ilíada* II. 100-108) conta que Hefesto fabricou o objeto para Zeus, que, por sua vez o deu a Hermes, que o deu a Pélops, que o deu a Atreu, que o deu a Tiestes que, finalmente o deu a Agamenon. A menção aos antigos e ilustres donos do artefato, que acaba ficando com o chefe argivo, testemunham seu status, seu poder sobre os demais guerreiros e, como diz Whitley, “A genealogia do objeto espelha em parte a genealogia de Agamenon...” (2002:221). Homero também descreve com frequência as crateras de prata que, para S. Morris (1997 apud Whitley, 2002:221) teriam origem no Oriente Próximo, e, neste caso como objetos exóticos, oriundos de uma extensa rede aristocrática de trocas, situavam os seus donos nesta camada hegemônica. Nos poemas, então, ocorre o entrelaçamento das biografias dos objetos com a biografia dos heróis. Whitley propõe a questão: estariam também relacionadas às biografias dos indivíduos recuperados pela arqueologia e as biografias dos objetos com eles sepultados? (Whitley, 2002:221). E no nosso caso, como reconstituir a “biografia” dos artefatos, ou mais simplesmente, interpretar o sentido da deposição de objetos em um enterramento emblemático como o de Toumba/Lefkandi?

O tão estudado enterramento duplo em uma “Casa de Chefe” sugere várias questões ainda em aberto, tanto em relação à construção em si quanto às categorias de artefatos depositadas. Apontarei algumas com o intuito de finalizar nosso trabalho e sugerir perspectivas de pesquisa para o futuro.

O edifício monumental construído e destruído em curto espaço de tempo nos parece o exemplo mais claro e evidente da prática do “*consumo conspícuo*” por este “chefe? Governante? Basileu?”. Vemos aí o envolvimento da comunidade, a representação do poder tanto na mobilização de recursos e mão de obra quanto no simbolismo da destruição e elevação de um marco territorial na paisagem. A originalidade da construção das “varandas” também investe o edifício de uma especificidade que o destaca em relação aos demais. O achado de vestígios arqueológicos indicando a prática de refeições coletivas – cerâmica de “tipo para banquete” como esquifos, taças e crateras e restos faunísticos associados a lareiras – reforça o caráter “agregador” desta liderança local. Possivelmente a “Casa de Chefe” concentraria atividades comuns a uma camada social específica, tanto no campo de rituais

religiosos como naqueles destinados a estreitar os laços de lealdade do grupo em relação ao “primeiro entre seus pares” e aos seus iguais.

No entanto, os artefatos depositados representam, por um lado, uma redundância na representação do *status* dos enterrados e, por outro, ressaltam algumas características deste poder. As armas sugerem a valorização do estatuto do guerreiro nesta comunidade¹⁰³ e o associam a valores aristocráticos quando realizam o enterramento dos cavalos ao lado do morto. As fontes escritas posteriores nomeiam *hippobotai* (“criadores de cavalos”) os integrantes desta camada hegemônica. Além de associar o poder à qualidade guerreira, a sociedade de Toumba/Lefkandi recorre ao enterramento de objetos vindos do exterior para indicar a integração destes indivíduos de alto status em redes de trocas de produtos valiosos no Egeu e no Oriente Próximo. Assim, na inumação feminina registra-se, por exemplo, um pendente com miçangas de ouro oriundo da Babilônia e datado de aprox. 2 000 a.C. ou seja, fabricado quase mil anos antes da deposição. O valor como uma “antiguidade” soma-se ao valor da peça em si. Poderíamos aventar a possibilidade de que a “biografia” do objeto tenha pesado em sua escolha e agregaria o valor simbólico de “exclusividade”. A urna que continha às cinzas do homem cremado era uma cratera anforóide em bronze, de fabricação cipriota acompanhada de uma *killed sword*¹⁰⁴ e uma ponta de lança. Também neste caso a datação da cratera remete a cerca de 100-150 anos antes da deposição. (Whitley, 2002: 225 e figs. 5 e 6)

E, finalmente, vale lembrar a associação das “Casas de Chefe” com a atividade metalúrgica em vários sítios. Para Mazaraki Ainian esta relação poderia ser associada à constituição de uma nova camada hegemônica adaptada às condições específicas de cada região no início da Idade do Ferro, nas suas palavras:

...o enterramento duplo de Toumba pode ser visto como o resultado do repensar das identidades no processo de formação de uma nova elite,

¹⁰³ Sabemos que estudos osteológicos recentes demonstram que a presença de armas não indica diretamente que o defunto tivesse sido um guerreiro: estes artefatos podem acompanhar esqueletos de adolescentes, crianças e mulheres. (WHITLEY, 2002:220-222).

¹⁰⁴ A prática de “*killing swords*”, ou seja, de enrolar a lâmina metálica ao redor de uma ânfora que contém as cinzas de um morto é atestada por volta de 900 a.C. em Cnossos e em Atenas. Aparece também nos enterramentos de Lefkandi (WHITLEY, 2002: 224-225)

baseada na nova tecnologia do ferro, que começou a emergir pouco antes e foi tão proclamada por meio do simbolismo do ritual de enterramento¹⁰⁵.

Acreditamos que ao finalizar nossa dissertação de mestrado podemos afirmar que apesar dos significativos avanços no conhecimento do início da Idade do Ferro na Grécia há ainda muitos caminhos a trilhar e muitas questões permanecem em aberto. Por outro lado a arqueologia vem provando ser o instrumento mais adequado para obter respostas sobre uma sociedade utilizando as “coisas materiais”, ou seja, nas palavras de James Whitley,

De fato, em muitas culturas é por meio dos objetos mais do que diretamente por “autobiografias” que homens e mulheres encontram meios de contar a história de suas vidas¹⁰⁶.

¹⁰⁵ *The Toumba twin burial could be viewed as a result of rethinking identities in the process of formation of a new elite, based on the new iron technology, which had started to emerge a little bit earlier and was so evidently proclaimed through burial symbolism. AINIAN, 2012:78.*

¹⁰⁶ WHITLEY, 2002: 220.

Bibliografia

AINIAN, Alexander M. Early Greek Temples: Their Origin and Function. In: HÄGG, Robin; MARINATOS, Nanno; NORDQUIST, Gullög (eds.). *Early Greek Cult Practice: proceedings of the Fifth International Symposium at the Swedish Institute at Athens, 26-29, June, 1986*. Stockholm.

_____. From Rulers Dwellings to Temples. Architecture, Religion and Society in Early Iron Age Greece (1100-700 B.C.). Jonsered: Paul Aströms Förlag, 1997.

_____. *Architecture and social structure in Early Iron Age Greece*. 2007. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40960584>. Acesso em: 21 nov. 2013.

ALCOCK, Susan; CHERRY, John F. (eds.). *Side-by-Side survey: comparative regional studies in the Mediterranean World*. Oxford: Oxbow, 2004.

ALCOCK, Susan; OSBORNE R. (eds.) *Placing the Gods: Sanctuaries and Sacred Space in Ancient Greece*. Oxford: Clarendon Press, 1994.

ANDERSEN, Helle; HORSNAES, Helle W.; HOUBY-NIELSEN, Sanne; RATHJE, Annette. *Urbanization in the Mediterranean in the 9th to 6th Centuries BC*. Danish Studies in Classical Archaeology. ACTA HYPERBOREA 7. University of Copenhagen. 1997.

ANTONACCIO, Carla M. *Contesting the Past: Hero Cult, Tomb Cult, and Epic in Early Greece*. 1994. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/506436>. Acesso em: 21 nov. 2013.

AULT, Brandley A.; NEVETT, Lisa C. *Ancient Greek Houses and Households: chronological, regional and social diversity*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2005.

BINFORD, Lewis R. *Working at archaeology*. New York: Academic Press, 1983.

BLEGEN, Carl W. *Preclassical Greece: A Survey*. 1951. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/30096765>. Acesso em: 21 nov. 2013.

BURSTEIN, Stanleu M.; DONLAN, Walter; POMEROY, Sarah B.; ROBERTS, Jennifer T. (eds.). *Ancient Greece: A political, social, and Cultural History*. Oxford: Oxford University Press. 1999.

C. Dougherty e L. Kurke (eds.). *Cultural Poetics in Archaic Greece: Cult, Performance, Politics*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

CALLIGAS, Peter G. Hero-Cult in Early Iron Age Greece. In: HÄGG, Robin; MARINATOS, Nanno; NORDQUIST, Gullög (eds.). *Early Greek Cult Practice: proceedings of the Fifth International Symposium at the Swedish Institute at Athens, 26-29, June, 1986*. Stockholm. 1986.

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Editora Palas Athena. 1990.

CARTLEDGE, Paul. *Ancient Greece: A history in Eleven Cities*. Oxford, Oxford University Press, 2009.

COLDSTREAM, J. *Greek Geometric Pottery*. London: Methuem, 1968.

_____. *Geometric Greece*. London: Ernest Benr Limited. 1977.

_____. *Hero-Cults in the Age of Homer*. 1976. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/631220>. Acesso em: 21 nov. 2013.

CONANT, Craig; THOMAS, Carol G. *Citadel to City-State: The Transformation of Greece, 1200-700 B.C.E*. Indianapolis: Indiana University Press, 1999.

COSMOPOULOS, Michael B. *Greek Mysteries: The Archaeology and Ritual of Ancient Greek Secret Cults*. London: Routledge, 2003.

COULTON, J.J. *Ancient Greek Architects at work: Problems of Structure and Design*. New York: Cornell University Press, 1977.

CRIELAARD, Jan Paul. Basileis at sea: elites and external contacts in the Euboean Gulf region from the end of the Bronze Age to the beginning of the Iron Age. In: DEGER-JALKOTZY, Sigrid e LEMOS, Irene S. (eds.) *Ancient Greece: From the Mycenaean Palaces to the Age of Homer*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2008.

CRIELAARD, Jan Paul. *Cult and death in early 7th-century Euboea: the aristocracy and the polis*. 1998. Disponível em:

http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/mom_1274-6525_1998_act_27_11075.

D'ONOFRIO, Anna-Maria. The 7th century BC in Attica: The Basis of Political Organization. In: HÄGG, Robin; MARINATOS, Nanno; NORDQUIST, Gullög (eds.). *Early Greek Cult Practice: proceedings of the Fifth International Symposium at the Swedish Institute at Athens*, 26-29, June, 1986. Stockholm.

DABNEY, Mary K.; WRIGHT, James C. Mortuary Customs, Palatial Society and State Formation in the Aegean Area: A Comparative Study. In: HÄGG, Robin; NORDQUIST, Gullög C. (eds.) *Celebrations of Death and Divinity in the Bronze Age Argolid*. Stockholm: Astroms Förlag, 1990.

DEGER-JALKOTZY, Sigrid e LEMOS, Irene S. (eds.) *Ancient Greece: From the Mycenaean Palaces to the Age of Homer*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2008.

DESBOROUGH, Vincent R. d'Arba. *The last Mycenaeans and their successors: an archaeological survey, c. 1200-c. 1000 B.C.* Oxford : Clarendon Press, 1964.

DIAMOND, Jared. *Colapso: como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso*. São Paulo: Record, 2009.

DICKINSON, O.T.P.K. *The Origins of Mycenaean Civilization*. SIMA, 49, 1977.

_____. *The Aegean Bronze Age*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

_____. *Homer, the Poet of the Dark Age*. 1986. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/643022>. Acesso em: 21 nov. 2013.

DOMMELEN, Peter; KNAPP, A. Bernard (eds.) *Material Connections in the Ancient Mediterranean: Mobility, Materiality and Mediterranean Identities*. London: Routledge, 2010.

DONLAN, Walter. The relations of power in pre-state and early state polities. In: L.G. Mitchell e P.J. Rhodes (eds.). *The development of the polis in Archaic Greece*. Londres: Routledge, 1997.

DOUGHERTY, Carol and KURKE, Leslie (eds.) *Cultural Poetics in Archaic Greece: Cultural Poetics in Archaic Greece*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

DREWS, Robert. *The Coming of the Greeks: Indo-European Conquest in the Aegean and the Near East*. Princeton: Princeton University Press. 1988.

_____. *The End of the Bronze Age: Changes in Warfare and the Catastrophe CA. 1200 B.C.* Princeton: Princeton University Press, 1993.

EDER, Birgitta. The world of Telemachus: western Greece 1200-700 BC. In: DEGER-JALKOTZY, Sigrid e LEMOS, Irene S. (eds.) *Ancient Greece: From the Mycenaean Palaces to the Age of Homer*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2008.

FARNELL, Lewis Richard. *Greek Hero Cults and Ideas of Immortality*. Oxford: Oxford University Press, 1921.

FINLEY, Moses I. *O Mundo de Ulisses*. Lisboa: Editorial Presença, 1982.

_____. *Grécia Primitiva: Idade do Bronze e Idade Arcaica*. São Paulo: Martin Fontes, 1990.

FISHER, Nick and WEES, Hans van (eds.). *Archaic Greece: New Approaches and New Evidence*. London: Duckworth, 1998.

FISHER, Nick; WESTGATE, Ruth; WHITLEY, James. *Building Communities: House, Settlement and Society in the Aegean and Beyond*. London: British School at Athens: April, 2001.

FORBES, Hamish. *Meaning and Identity in a Greek Landscape: an archaeological Ethnography*. Cambridge: Cambridge University Press. 2007.

FOXHALL, Lin. Bronze to Iron: agricultural systems and political structures in Late Bronze Age and Early Iron Age. *The Annual British School Athens*, 90, 1995:239-250.

GATES, Charles. *Ancient Cities: the archaeology of urban life in the Ancient Near East and Egypt, Greece and Rome*. London: Routledge. 2003.

GRAS, Michel. *O Mediterrâneo Arcaico*. Lisboa: Editorial Teorema, 1995.

GREEN, Peter. *Ancient Greece: A Concise History*. London: Thames and Hodson, 1999.

HÄGG, R; MARINATOS, N. *Sanctuaries and Cults in the Aegean Bronze Age: Proceedings of the First International Symposium at the Swedish Institute in Athens – 1980*. Estocolmo, 1981.

HÄGG, Robin; MARINATOS, Nanno; NORDQUIST, Gullög (eds.). *Early Greek Cult Practice: proceedings of the Fifth International Symposium at the Swedish Institute at Athens, 26-29, June, 1986*. Stockholm.

HÄGG, Robin; NORDQUIST, Gullög C. (eds.) *Celebrations of Death and Divinity in the Bronze Age Argolid*. Stockholm: Astroms Förlag, 1990.

HALL, Jonathan M. *Hellenicity*. Chicago: University of Chicago Press. 2002

_____. *A history of the archaic Greek world: ca. 1200-479 BCE*. Oxford: Blackwell, 2007.

HALL, Jonathan. Alternative Responses within Polis Formation: Argos, Mykenai and Tiryns. In: HÄGG, Robin; MARINATOS, Nanno; NORDQUIST, Gullög (eds.). *Early Greek Cult Practice: proceedings of the Fifth International Symposium at the Swedish Institute at Athens, 26-29, June, 1986*. Stockholm.

HARLAND, J. Penrose. *The Peloponnesos in the Bronze Age*. 1923. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/310673>. Acesso em: 21 nov. 2013.

HERZOG, Z. *Archaeology of the City. Urban Planning in Ancient Israel and Its Social Implications*. Jerusalem: Yass Tel Aviv. 1997.

HIGGINS, Reynold. *Minoan and Mycenaean Art*. London: Thames and Hudson, 1967.

HIRATA, Elaine Farias Veloso. *A especialidade do poder na cidade antiga*. Disponível em: <http://labeca.mae.usp.br/>. Acesso em: 21 nov. 2013.

FLORENZANO, Maria Beatriz Borba e HIRATA, Elaine Farias Veloso (eds.) *Estudos sobre a Cidade Antiga*. São Paulo: EDUSP, 2009.

HITCHCOCK, Louise A.; PREZIOSI Donald. *Aegean Art and Architecture*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

HOMERO. *Odisséia*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004.

HUTTON, Willian. *Describing Greece: Landscape and Literature in the Periegesis of Pausanias*. Cambridge: Cambridge University Press. 2005.

JEVONS, F.B. *Iron in Homer*. 1892. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/623888>. Acesso em: 21 nov. 2013.

JOHNSTON, Alan. *The Emergence of Greece*. Oxford: Elsevier-Phaidon, 1976.

KNOX, Mary O. *Megarons and METAPA: Homer and Archaeology*. 1973. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/638119>. Acesso em: 21 nov. 2013.

KOSTOGLU, Maria. Iron, Connectivity and Local Identities in the Iron Age to Classical Mediterranean. In: DOMMELEN, Peter; KNAPP, A. Bernard (eds.) *Material Connections in the Ancient Mediterranean: Mobility, Materiality and Mediterranean Identities*. London: Routledge, 2010.

L.G. Mitchell e P.J. Rhodes (eds.). *The development of the polis in Archaic Greece*. London: Routledge, 1997.

LANGDON, S. (ed.) *From Pasture to Polis: Art in the Age of Homer*. Columbia: University of Missouri Press, 1994.

_____. *New Light on a Dark Age: Exploring the culture of Geometric Greece*. Columbia: University of Missouri Press. 1997.

LAWRENCE, A.W. *Arquitetura Grega*. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1998.

LEACH, E.R. *Sistemas Políticos na Alta Birmânia: um estudo da estrutural social Kachin*. São Paulo: EDUSP, 1996.

LEMONS, Irene S. *The Protogeometric Aegean: The Archaeology of the Late Eleventh and Tenth Centuries BC*. Oxford: Oxford University Press. 2002.

LEVENTHAL, Richard M.; PAPADOPOULOS, John K. *Theory and Practice in Mediterranean Archaeology: Old World and New Perspectives*. Los Angeles: University of California, 2003.

MALKIN, Irad. *The Returns of Odysseus: Colonization and Ethnicity*. Berkeley: University of California Press. 1998.

- MARCUS, Joyce. Monumentality in Archaic States: Lessons Learned from Large-Scale Excavations of the Past. In: LEVENTHAL, Richard M.; PAPADOPOULOS, John K. Theory and Practice in Mediterranean Archaeology: Old World and New Perspectives. Los Angeles: University of California, 2003.
- MARTIENSSEN, R.D. *La idea del espacio en la arquitectura griega*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1972.
- MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. Trad. de António Filipe Marques. Lisboa: Edições 70, 1988.
- MELLAART, James. *The End of the Early Bronze Age in Anatolia and the Aegean*. 1958. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/500459>. Acesso em: 21 nov. 2013.
- MORRIS, Ian. Archaeology and Archaic Greek History. In: FISHER, Nick and WEES, Hans van. (eds.). *Archaic Greece: New Approaches and New Evidence*. London: Duckworth, 1998.
- MORRIS, Ian. *Gift and Commodity in Archaic Greece*. 1986. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2802643>. Acesso em: 21 nov. 2013.
- MOSSÉ, Claude. *A Grécia Arcaica de Homero a Ésquilo*. – Séculos VIII – VI a.C. Lisboa: Edições 70, 1984.
- MULLER, C.; PROST, F.; ETIENNE, R. A Grécia dos Palácios: Uma introdução aos sistemas palaciais minóico e micênico. *La Grèce des Palais, Archéologie Historique de la Grèce Antique*, Paris: Ellipses, Tradução: Elaine Farias Veloso Hirata, 32-48, 2000.
- NAGY, Gregory. *The Best of the Achaeans: concepts of the Hero in Archaic Greek Poetry*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1979.
- OSBORNE, Robin. *Greece in the Making: 1200 – 479 BC*. London: Routledge, 1996.
- PALAIMA, Thomas. *Wanaks* and related power terms in Mycenaean and later Greek. In: DEGER-JALKOTZY, Sigrid and LEMOS, Irene S. *Ancient Greece: From the Mycenaean Palace to the Age of Homer*. Edinburgh Leventis Studies 3. Edinburgh University Press: 2006.

RAAFLAUB, Kurt A. Historical approaches to Homer. In: DEGER-JALKOTZY, Sigrid e LEMOS, Irene S. (eds.) *Ancient Greece: From the Mycenaean Palaces to the Age of Homer*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2008.

READ, Thomas T. *The Early Casting of Iron: A Stage in Iron Age Civilization*. 1934. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/208844>. Acesso em: 21 nov. 2013.

SAKELLARIOU, M.B. *The Polis-State: Definition and Origin*. Paris: Diffusion de Boccard. 1989.

SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SMITH, Goldwin. *The Age of Homer*. 1901. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1832529>. Acesso em: 21 nov. 2013.

SMITH, Monica L. *The social construction of Ancient Cities*. Washington: Smithsonian Books. 2003.

SNODGRASS, Anthony M. *La naissance du récit dans l'art grec*. Lausanne: Institut d'Archéologie et d'Histoire Ancienne. 1987.

_____. *Arqueología de Grecia: Presente y futuro de una disciplina*. Barcelona: Editorial Crítica, 1990.

_____. *Homero e os Artistas*. São Paulo: Odysseus, 2004.

SALMON, John; SHIPLEY, Grahame. *Human Landscapes in Classical Antiquity: Environment and Culture*. London: Routledge, 1996.

SOUZA, Camila Diogo. *Estruturas e artefatos: o culto heróico em sítios gregos da Idade do Ferro* (séc. XI ao VIII a.C.). 2005. 217. Dissertação de Mestrado. MAE-USP São Paulo, 2005.

SPAWFORTH, Tony. *The Complete Greek Temples*. New York: Thames & Hudson. 2006.

STANISLAWSKI, Dan. *Dark Age Contributions to the Mediterranean Way of Life*. 1973. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2562049>. Acesso em: 21 nov. 2013.

STIEBING, William H. *The End of the Mycenaean Age*. 1980. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3209748>. Acesso em: 21 nov. 2013.

- STIERLIN, Henri. *A Grécia: de Micenas ao Pártenon*. Köln: Taschen, 1998.
- TANDY, David W. *Warriors into Traders: The Power of the Market in Early Greece*. Berkeley: University of California Press, 1997.
- TAYLOR, Lord William. *Os Micénios*. Lisboa: Editorial Verbo, 1970.
- TREUIL, René. *Les Civilisations égéennes du Néolithique et de l'Âge du Bronze*. Paris: Presses Universitaires de France, 1989.
- TRIGGER, Bruce G. *Monumental Architecture: A Thermodynamic Explanation of Symbolic Behaviour*. 1990. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/124871>. Acesso em: 09 jun. 2014.
- VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e Pensamento entre os gregos*. São Paulo: EDUSP, 1973.
- VERONESE, Francesca. *Lo Spazio e la Dimensione del Sacro: Santuari Greci e Territorio nella Sicilia Arcaica*. Esedra Editrice, 2006.
- VEYNE, Paul. *Acreditavam os Gregos em seus mitos?* São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- VINK, Marja C.V. Urbanization in late and sub-geometric Greece: Abstract considerations and concrete case studies of Eretria and Zagora C. 700 BC. In: HÄGG, Robin; MARINATOS, Nanno; NORDQUIST, Gullög (eds.). *Early Greek Cult Practice: proceedings of the Fifth International Symposium at the Swedish Institute at Athens, 26-29, June, 1986*. Stockholm.
- WAELE, J.A.K.E. de. *The Layout of the Lefkandi 'Heroon'*. 1998. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/30103795>. Acesso em: 21 nov. 2013.
- WALDBAUM, Jane C. *Early Greek Contacts with the Southern Levant, ca 1000-600 B.C.: The Eastern Perspective*. 1994. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1357277>. Acesso em: 21 nov. 2013.
- WESTGATE, Ruth. *The Greek House and the Ideology of Citizenship*. 2007. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40026655>. Acesso em: 21 nov. 2013.
- WHITLEY, James. *Social Diversity in Dark Age Greece*. 1991. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/30102882>. Acesso em: 21 nov. 2013.

_____. *The archaeology of Ancient Greece*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

WHITLEY, James. Objects with Attitude: Biographical Facts and Fallacies in the Study of Late Bronze Age and Early Iron Age Warrior Graves. In: *Cambridge Archaeological Journal* 12:2, 217-232. 2002.

WHITTAKER, Hélène. *Mycenaean Cult Buildings: a study of their architecture and function in the context of the Aegean and the Eastern Mediterranean*. Bergen: The Norwegian Institute at Athens, 1997.

WISEMAN, James. *Greece and Early Greeks*. 1965. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/20162995>. Acesso em: 21 nov. 2013.

WRIGHT, James C. The formation of the Mycenaean palace. In: DEGER-JALKOTZY, Sigrid and LEMOS, Irene S. *Ancient Greece: From the Mycenaean Palace to the Age of Homer*. Edinburgh Leventis Studies 3. Edinburgh University Press: 2008.

WRIGHT, James. The Spatial Configuration of Belief: The Archaeology of Mycenaean Religion. In: ALCOCK, Susan; OSBORNE, Robin. (eds.) *Placing The Gods: Sanctuaries and Sacred Space in Ancient Greece*. Oxford: Clarendon Press, 1994.